

Florentino de Carvalho

# Da escravidão à Liberdade

A derrocada burguesa e o advento da igualdade social

Rogério Humberto Zeferino Nascimento

Organizador



Coleção Pensamento Social Anarquista - vol. 2



Rogério Humberto Zeferino Nascimento  
(org.)

Florentino de Carvalho

# Da escravidão à Liberdade

A derrocada burguesa e o advento da igualdade social

  
**edufcg**  
Campina Grande -PB  
2023

C331d Carvalho, Florentino de.  
Da escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e o advento da  
igualdade social [livro eletrônico] / Florentino de Carvalho; Organização e  
Prefácio de Rogério Humberto Zeferino Nascimento. – 3. ed. – Campina  
Grande: EDUFCG, 2023.  
224 p. : il. color. (Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 2).

E-book (PDF)  
ISBN 978-65-86302-90-5

1. Socialismo. 2. Marxismo. 3. Positivismo. 4. Anarquismo. 5. Educação  
Racionalista. 6. Movimento Operário no Brasil. I. Nascimento, Rogério  
Humberto Zeferino. II. Título. III. Coleção Pensamento Social Anarquista;  
v. 2.

CDU 316.323.72

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-EDUFCG  
atendimento@editora.ufcg.edu.br

Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho  
**Reitor**

Prof. Dr. Mario Eduardo Rangel Moreira Cavalcanti Mata  
**Vice-Reitor**

Prof. Dr. Bruno Medeiros Roldão de Araújo  
**Diretor EDUFCG**

Simone Cunha  
**Revisão**

Yasmine Lima  
**Diagramação**

João Vitor Pereira da Silva  
**Capa**

**CONSELHO EDITORIAL**

Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)  
Janiro Costa Rego (CTRN)  
José Wanderley Alves de Sousa (CFP)  
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)  
Mário de Sousa Araújo Filho (CEEI)  
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)  
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)  
Raiene Hérica Carlos Rocha (CCTA)  
Rogério Humberto Zeferino Nascimento (CH)  
Saulo Rios Mariz (CCBS)  
Valéria Andrade (CDSA)

## Breve nota explicativa



O **TEXTO DA TRANSCRIÇÃO DESTE PRIMEIRO LIVRO DE FLORENTINO** de Carvalho, utilizado aqui, foi revisto, corrigido e cotejado várias vezes com o original digitalizado. Na segunda edição de 2015,<sup>1</sup> alguns erros e lacunas passaram despercebidos, tanto na transcrição como na revisão. A tarefa de transcrição e de revisão é muito exigente. Atenção constante na reescrita de textos antigos, adequando-os às regras da gramática atual, é sempre muito desafiante. Por esta razão, alguns deslizos podem acontecer (e aconteceram na segunda edição) no processo. Espero ser esta terceira edição mais completa, em seu aspecto de correção e correspondência com o da primeira edição de 1927. O trabalho primoroso de revisão para esta edição, feito por Simone Cunha, da EDUFCG, me deixa mais tranquilo. Seu rigor e acurácia são excepcionais!

A segunda edição aconteceu com os esforços associados de Renato Lauris Jr., Eduardo Medeiros e eu. A elaboração da linda capa, na segunda edição, foi realização do companheiro João Pedro Tavares. Foram impressos apenas 500 exemplares de forma artesanal. Ficou um trabalho lindíssimo, com diagramação e estética para lá de bonita! Um espetáculo bom de ver, resultado da capacidade criativa e artística de Eduardo. Eu tinha feito a transcrição e a apresentação. Renato fez a revisão do texto transcrito. Reproduzo aqui o texto de apresentação da segunda edição porque me parece suficiente para cumprir o papel de mediação entre a obra, junto ao autor no seu tempo, e quem, na contemporaneidade, tenha interesse. Sobre o livro, uma nota do autor ao fim do sumário indica o ano de 1923 como tempo de elaboração de alguns capítulos. O número

[1] CARVALHO, Florentino de. **Da escravidão à liberdade**: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social. Apresentação e notas de Rogério H. Z. Nascimento. Organização e revisão de Renato Lauris Jr. Seridó, RN; Tumulto, 2015.

10 do jornal *A Voz da União*, publicado em primeiro de janeiro de 1923 em São Paulo, noticia a iminência da publicação do livro. Diz assim a nota:

#### **LIVROS NOVOS**

##### **DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE**

“Da lavra do camarada Florentino de Carvalho, será posto brevemente em circulação o livro com o título acima.

Tratando de assuntos de palpitante atualidade e da análise das várias doutrinas democráticas, dos princípios socialistas, dos métodos sindicalistas, dos postulados do anarquismo, bem como dos problemas religiosos e filosóficos que hoje preocupam os pensadores, esta obra está chamada a despertar grande interesse entre o elemento operário, entre os elementos avançadas e os intelectuais.”

Todas as associações ou indivíduos que desejarem adquirir o referido livro devem fazer os pedidos à Rua Barão de S. Felix 138 – Rio.

Antes disso, porém, no jornal *A Plebe*, o articulista anuncia o lançamento de um livro de Florentino de Carvalho. Não houve o lançamento prometido, mas, no livro de 1927, o capítulo 23 tem esse título e boa parte do conteúdo indicado na nota.

#### **A REVOLUÇÃO SOCIAL<sup>2</sup>**

Sob este título será brevemente posto em circulação um livro de tese social, do qual é autor o camarada Florentino de Carvalho.

Nesta obra são analisados os diversos princípios filosóficos, jurídicos, econômicos e sociais do regime burguês, as suas instituições, Estado, Capitalismo, Clero, Militarismo, etc.

Passarão também pelo crisol da crítica, as modernas doutrinas democráticas e socialistas, os vários métodos de ação dos elementos avançados.

Dentre as teses, que neste livro serão expostas, podemos, desde já, mencionar as seguintes:

Necessidade de uma transformação completa na vida de relação.

#### **A REVOLUÇÃO SOCIAL**

A iniquidade do regime da propriedade privada.

#### **A DEMOCRACIA BURGUESA**

O despotismo clerical e a influência das seitas religiosas; Misticismo e materialismo.

#### **PATOLOGIA NACIONALISTA**

O governo é a antítese da sociedade.

#### **FALSIDADE DA POLÍTICA POSITIVA**

Harmonia entre o Capital e o Trabalho.

A democracia socialista – Minimalismo e Maximalismo – Socialização ou monopólio – A Terceira Internacional – A ditadura do proletariado – Finalidade da organização operária – A desordem pelo Estado – A ordem pela Anarquia – A igualdade social só é possível pelo materialismo e pelo Anarquismo.

#### **A SOCIEDADE ANARQUISTA**

A liberdade política – A teoria para a humanidade – A liberdade espiritual – A família em regime libertário – Organização do trabalho – Distribuição da riqueza – O período revolucionário – A iminência da realização – Apoteose libertária.

Informações como essas nos dão elementos para pensar sobre o processo do trabalho intelectual, incluindo os conceitos utilizados e o método de um estudioso e militante indisciplinado.<sup>3</sup>

[2] **A PLEBE**. São Paulo, SP. Ano 04, n. 91, p. 1, 27.10.1920.

[3] Sobre indisciplinada e os processos coletivos de experimentação e reflexão entre os trabalhadores anarquistas, ver: NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. **Jornal e revista de trabalhadores**: pensamento coletivo e indisciplinada, experimentos e emergência de saberes anarquistas no Brasil (1907-1915). Campina Grande: EDUEFG, 2020. Para baixar o e-book grátis deste livro, ver o site da EDUEFG.

Encerrando esta breve nota, nesta edição, tem uma foto de Florentino de Carvalho e a capa da primeira edição do livro. A foto consta de seu prontuário individual no DOPS-SP de número 144, integrando o acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo. A segunda edição consta de três obituários de Florentino, publicados na imprensa anarquista quando de seu falecimento. Retirei desta edição. Um dos volumes da coleção reunirá vários necrológios publicados nos jornais operários.

Esta publicação (como de toda a Coleção Pensamento Social Anarquista) está com diagramação e estética exuberante, graças a Yasmine Lima (EDUFCG) e sua enorme capacidade criativa e imaginativa. Apreciem este exemplar de singular beleza, juntando arte, estudo e pensamento crítico libertário.

Boa leitura!

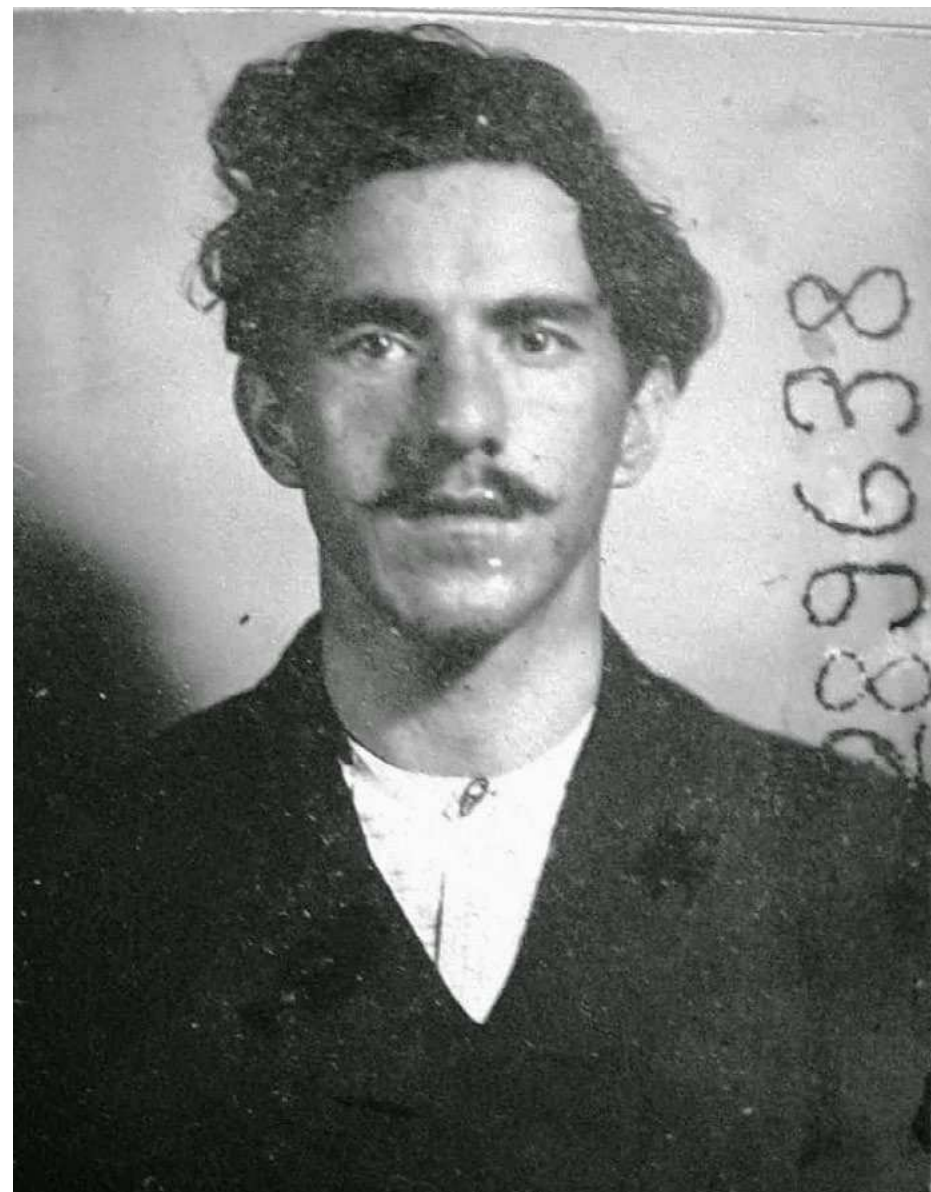
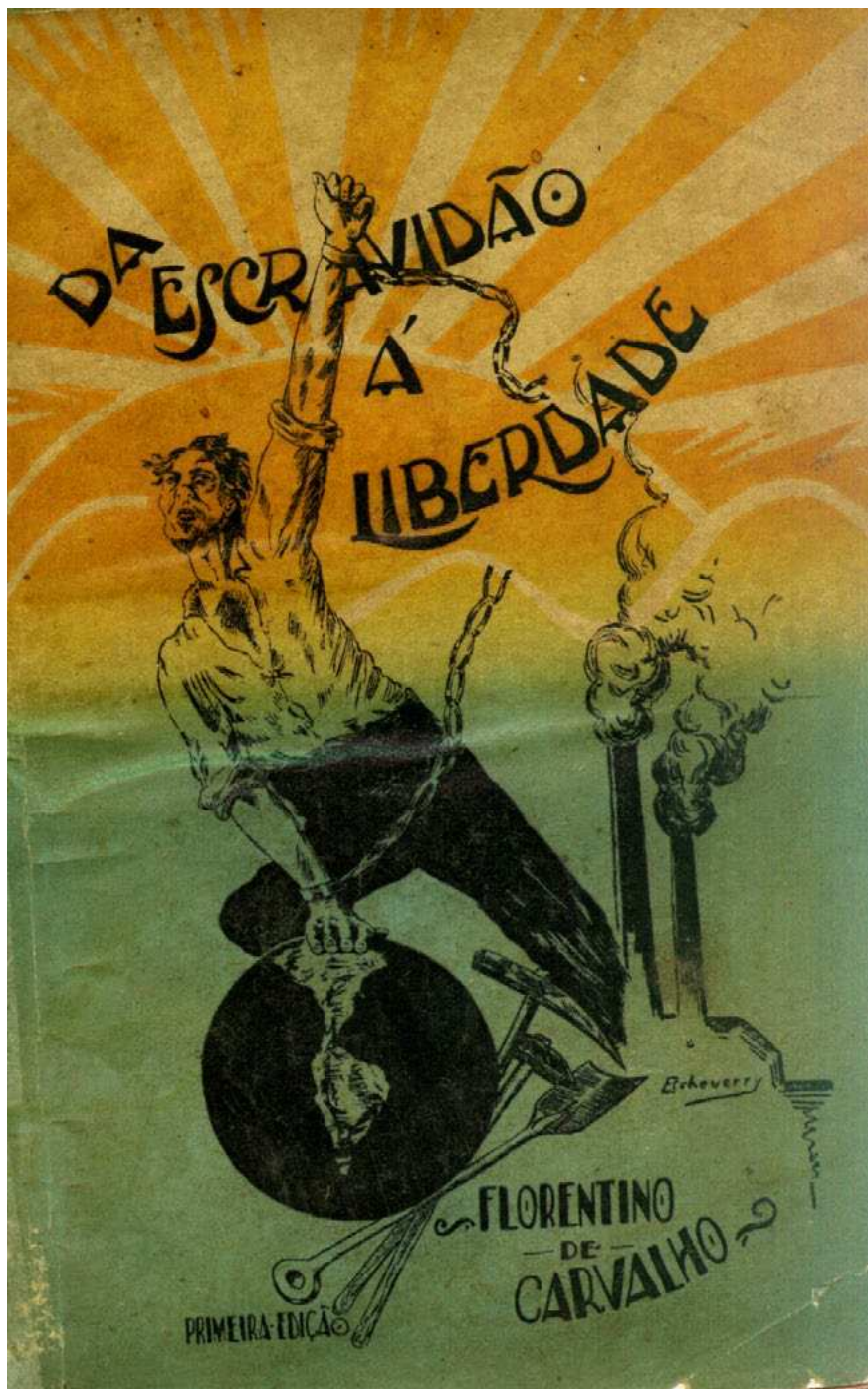


FOTO DE FLORENTINO DE CARVALHO PRESENTE NO SEU PRONTUÁRIO INDIVIDUAL, DE NÚMERO 144, NA SEÇÃO DO DOPS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO



CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO LIVRO *DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE*, EM 1927

.....  
*Lista de acervos, instituições e sites*  
.....

- Acervo digitalizado particular organizado por Francisco Robson Alves de Oliveira e Francisco Victor Pereira Braga. Fortaleza – CE
- Arquivo Edgard Leuenroth – AEL/Unicamp. São Paulo – SP
- Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – SC
- Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP. São Paulo – SP
- Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ
- Arquivo Público Estadual João Emerenciano – Pernambuco – PE
- Arquivo de Memória Operária – IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro – RJ
- Arquivo Nacional – Rio de Janeiro – RJ
- Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo – SP
- Biblioteca Professor Geraldo Ataliba – PUC/SP. São Paulo – SP
- Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda – CAPH/USP – São Paulo – SP
- Centro de Cultura Social – CCS – São Paulo – SP
- Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM/Unesp. São Paulo – SP
- Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro – RJ
- Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – RJ
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – Rio de Janeiro – RJ
- Acervo Digital da Unesp – São Paulo
- Biblioteca Nacional Digital – Rio de Janeiro
- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro
- Rete delle Biblioteche e Archivi Anarchici e Libertari – **REBAL – Itália**
- Última Barricada – Portugal
- University of Florida Digital Collections

# Sumário



<i>Apresentação (da segunda edição – 2015)</i> .....	15
<i>As forças do progresso</i> .....	47

## *Colapso da civilização histórica*



### *Parte Primeira* *A Hecatombe*

I <i>Tendal de vítimas</i> .....	51
II <i>Os inquilinos, novos párias</i> .....	55
III <i>A escravidão das classes liberais</i> .....	57
IV <i>Os industriais, vítimas do industrialismo</i> .....	59
V <i>A praga do jornalismo</i> .....	61
VI <i>O sacrifício dos intelectuais na sociedade burguesa</i> .....	62
VII <i>A tuberculose social</i> .....	66
VIII <i>Liberdade de cátedra?</i> .....	67
IX <i>Da senzala militar</i> .....	71
X <i>Imperialismo moderno</i> .....	73
XI <i>Aço, pólvora e sangue</i> .....	78

### *Parte Segunda* *A luta social*

XII <i>Escola dos Neosofistas</i> .....	83
XIII <i>Utopia da ditadura proletária</i> .....	95

XIV	<i>Experiência marxista</i> .....	98
XV	<i>O trabalho sob a fôrula do Estado e da Igreja</i> .....	102
XVI	<i>Falência do sindicalismo</i> .....	110
XVII	<i>Frente única</i> .....	119
XVIII	<i>A quem o Poder?</i> .....	124

*Parte Terceira*  
**Transição subversiva**

XIX	<i>Constituição e decadência das democracias</i> .....	133
XX	<i>Filosofia, doutrina e moral do proletariado</i> .....	143
XXI	<i>Política e Sociologia</i> .....	147
XXII	<i>O anarquismo no movimento operário</i> .....	150
XXIII	<i>A Revolução Social</i> .....	158

*Parte Quarta*  
**Perspectiva da Nova Civilização**

XXIV	<i>O anarquismo na ciência e na filosofia</i> .....	171
XXV	<i>As forças morais do anarquismo</i> .....	181
XXVI	<i>Economia</i> .....	196
XXVII	<i>Ordem social</i> .....	198
XXVIII	<i>Cultura</i> .....	205
XXIX	<i>Ideais e realizações</i> .....	219

<b>Plano inicial da Coleção Pensamento Social Anarquista –</b>	
<b>Palavras Explicativas</b> .....	223

N. B.: Alguns dos presentes capítulos foram escritos em 1923.

## *Apresentação* *(da segunda edição – 2015)*

• • • • •

• • • • •

**1**

• • • • •

**P**ARA MIM, É MOTIVO DE ÊXTASE VER UM LIVRO COMO DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE sendo reeditado, mesmo que esta segunda edição venha cerca de 75 anos depois!<sup>4</sup> Apesar deste tempo, a obra não envelheceu. Antes muito pelo contrário, está mais do que nunca atual, pois nossa época teima em remoer dogmas, ruminar tiranias, semear soberanias e reciclar transcendências, dando fôlego a absolutismos sem medida através da manutenção da frieza e da rigidez do pensamento único, da insensibilidade na percepção da existência, no exclusivismo de variados matizes como princípio de vida, enfim, no rotineiro reducionismo com que aborda a vasta questão social e existencial. Basta o leitor se dispor e se atirar à sua leitura, pois este é um daqueles

[4] A reedição deste livro de Florentino de Carvalho se insere num projeto de publicação de seus livros e elaboração de coletâneas com seus artigos escritos na imprensa proletária. Este projeto nasceu quando, cursando o bacharelado em Ciências Sociais na UFPB, campus II (atual UFCG), assisti a um curso sobre pedagogia libertária ministrado pelo professor Sebastián Sanchez Martín. Nesta ocasião, ele abordou alguns aspectos básicos do pensamento pedagógico de professores anarquistas no período da Primeira República brasileira, dentre os quais, Florentino, com destaque para seu primeiro livro. O professor Sanchez me orientou no mestrado numa pesquisa sobre o pensamento social de Florentino de Carvalho. Depois de encerrada esta pesquisa, continuamos, de forma esporádica, a conversar sobre temas do anarquismo e sobre Florentino. Desta maneira, quero registrar aqui meu agradecimento ao professor Sanchez por ter se disponibilizado a ler estas linhas de apresentação, colaborando com suas ponderações.



escritos que permanecem. Com toda certeza, o leitor tem em mãos um exemplar *sui generis*, representante da obra e do pensamento não de um limitante da liberdade – como são os governistas de plantão, os aspirantes à governança, os carrascos voluntários de tiranias e os amigos da servidão –, mas de um militante libertário e teórico anarquista que tem sua importância, para se ter uma ideia, na exata proporção de seu atual desconhecimento.<sup>5</sup> Este texto possui uma força própria, constituindo um libelo libertário de insubstituível valor.<sup>6</sup>

---

[5] Primitivo Raymundo Soares nasceu em 1883, na Espanha. Veio juntamente com a família para o Brasil quando contava seis anos de idade. Seu estudo formal deu-se até o primário. Por não poder seguir estudos, entrou para a Força Pública do Estado de São Paulo. Deu baixa no ano de 1901, após a leitura do livro *A Conquista do Pão*, de Piotr Kropotkin. Prosseguiu estudos ao entrar no movimento operário, tornando-se um dos mais expressivos teóricos do anarquismo na América Latina. A perseguição policial e patronal sobre sua pessoa foi intensa, tendo sido preso diversas vezes e deportado três. Adotou o pseudônimo Florentino de Carvalho ao ser resgatado do desterro quando de sua primeira deportação da Argentina com destino a Portugal em 1910. Atuou em vários setores: fundou e dirigiu escolas no Brasil e noutros países; participou da experiência da Universidade Popular para Trabalhadores em São Paulo, em 1915; fundou e dirigiu jornais e revistas; integrou comissões de trabalhadores, como a Comissão de Defesa dos Menores Martirizados durante o ano de 1917; participou de grupos de afinidade, como a Aliança Anarquista de São Paulo; além de ter participado da idealização, em 1931, e subsequente fundação, no ano de 1933, do Centro de Cultura Social em São Paulo. Faleceu em São Paulo, em 1947, por conta de enfermidade adquirida nas prisões. Para mais detalhes sobre a vida e obra de Florentino de Carvalho, ver minha pesquisa de mestrado tornada livro: NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho, pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

Florentino de Carvalho, escreveu, ao que sei, oito livros, dos quais consegui fotocópias dos dois primeiros graças à gentileza de Jaime Cubero (1927-1998). Jaime, importante militante anarquista, com teve papel significativo na preservação do Centro de Cultura Social de São Paulo. Na imprensa operária, Florentino participou de diversos coletivos editoriais. Muitos de seus artigos estão assinados com seu nome, pseudônimo ou as iniciais de um ou de outro. Usou outros pseudônimos e escreveu artigos sem assiná-los. Atualmente dirijo esforços para encontrar seus livros. Seus livros são: *Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social*. Porto Alegre: Sociedade Editora Renascença; 1927. 241 pp.; *A Guerra Civil de 1932 em São Paulo: solução imediata dos grandes problemas sociais*. São Paulo: Editorial Ariel, 1932. 141pp.; (nesta u segunda, já anunciava para breve os livros *Síntese de uma Filosofia Anarquista* e *Constituição Socialista Libertária*); os demais livros estão relacionados ao longo da extensa e insubstituível obra de Edgar Rodrigues, o maior arquivista e historiador do movimento operário e do movimento anarquista em Portugal e no Brasil durante o período da Primeira República brasileira: *Crise do Socialismo*; *Filosofia do Sindicalismo*; uma obra incompleta sobre a *Revolução espanhola de 1936-1939*; *Os Anarquistas e os Movimentos Políticos*. Na imprensa operária, integrou, até onde sei, o grupo de redatores dos jornais *Germinal!* (1913), *A Rebelião* (1914), *Guerra Social* (1915-1917), *A Plebe* (1917), *A Obra* (1920) entre outros periódicos; colaborou na imprensa operária do interior de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Recife e de outras cidades. Há registros de que tenha colaborado também no movimento operário de outros estados brasileiros, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, além de ter participado nodo movimento dos trabalhadores em Portugal, no Uruguai e na Argentina.

[6] Morel, na longa nota de número 22 do prólogo ao livro de Proudhon recentemente publicado (ver PROUDHON, Pierre-Joseph. *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*. Tradução de J. C. Morel. São Paulo: Ícone, 2003. I Tomo), ao refletir sobre o tema da relação da sociedade humana com a natureza como abordado por cientistas e pelos anarquistas clássicos, com destaque a Proudhon, Bakunin e Kropotkin, reclama do abandono pelos anarquistas, a partir do início do século XX, de uma perspectiva que considere, nos estudos da sociedade, os conhecimentos disponíveis pelas pesquisas nas chamadas ciências da natureza. Florentino de Carvalho agregou, em seus estudos e reflexões, contribuições da paleontologia, da física e de outras áreas das também chamadas ciências exatas num exercício de uma abordagem *indisciplinar*, tema que trato no item seguinte.

Possivelmente estas minhas assertivas iniciais provoquem a imaginação do leitor, de modo a se desdobrar na formulação de alguns questionamentos visando melhor entender todo um esforço despendido na divulgação de pensamentos e de obras aparentemente datadas. Assim, aventuro-me a expressar tais indagações, com fins didáticos, procurando facilitar uma iniciação no universo de experimentações de novas sociabilidades ocorrido no Brasil, particularmente no período de fins do século XIX e início do século XX, através de um livro único, mas simultaneamente indicador de unicidades do tipo. Penso, então, numa pessoa com um conhecimento atual razoável sobre socialismo, comunismo, democracia e temas correlatos. O que ela sabe sobre anarquismo deve a autores não anarquistas, de conformidade com o que, hoje, comumente acontece. Esta pessoa não precisa ser especialista em estudo de questões sociais, tendo lido obras consagradas na literatura especializada publicada no Brasil. Pois bem! Uma pessoa com este perfil, muito provavelmente folhearia o livro, olharia curioso o sumário e, num primeiro momento, formularia pelos menos as seguintes questões:

— Por que reeditar um livro escrito no Brasil nos longínquos idos de 1927?

— E por que, depois de reeditado, ler tal livro? Ainda mais considerando o fato de ter sido escrito por um autor com o esdrúxulo nome de Primitivo Raymundo Soares, e pseudônimo não menos estranho (Florentino de Carvalho), totalmente desconhecido no círculo da esmagadora maioria dos especialistas?

— Era operário?! Isto não ajuda em nada. É evidente que um livro abordando a questão social é sempre interessante, ainda mais pelo fato de ter sido escrito por um trabalhador. Mas isto é um dado absolutamente pitoresco pois, regra geral, é mais do que óbvio que um trabalhador – ainda mais nas condições de trabalho insalubre e extenuante do início da industrialização no Brasil – não poderia ter um preparo intelectual suficiente a ponto de justificar uma reedição de uma obra sua (a não ser o fato de ser uma obra ‘pitoresca’) e, muito menos ainda, a dedicação de leitores.

— Era anarquista?! Só piora as coisas, pois não é do conhecimento de todos que anarquia e anarquismo não passam de baderna, caos, desordem, terror? Sendo os seus aderentes figuras bisonhas, sombrias, afeitas ao terrorismo, ao imoralismo e a práticas antissociais as mais extremadas?

— Finalmente, socialismo e demais temas não constituem, nas convenções atuais, ponto de pauta vencido, superado, desgastado? Depois da queda do muro de Berlim e do fim da URSS, já não temos a obsolescência fatal do comunismo, socialismo e demais correntes de doutrina social, com o conseqüente predomínio e inevitabi-

lidade do capitalismo e do estatismo, as únicas formas possíveis de sociabilidade humana? Por esta razão, finalizaria a referida pessoa, o que nos resta a não ser direcionar energias para um aprimoramento cada vez maior das instituições democráticas vigentes?

Tentarei elaborar algumas reflexões nas direções apontadas pelas questões acima arroladas, a fim de deixar clara a relevância desta obra, assim como do autor, tanto na configuração de um pensamento social especificamente operário em solo brasileiro, como também compondo na formação de um saber político-social aberto às questões existenciais mais amplas, sem limites de nacionalidade, nem unilateralidade filosófica e sem adesão tipo “fidelidade canina” a alguma escola do pensamento social. Ademais, esta reedição compõe um esforço maior de divulgação do pensamento social de Florentino de Carvalho em particular, como também do de outros ativistas do período. No mesmo movimento, instauraram-se outras formas de sociabilidade e, em particular, no que diz respeito à produção de um saber diferenciado do conjunto do pensamento político e social elaborado por autores do conhecimento dos especialistas contemporâneos.

.....

## 2

.....

Em relação às duas primeiras questões (a razão da reedição de um livro escrito em 1927 por um autor desconhecido e por que razão ler tal livro), a iniciativa de reeditar esta obra em particular deve-se a vários motivos entre os quais vale destacar: (a) o valor inquestionável próprio da obra; (b) por ser ela legítima expressão da prática de instauração de novas sociabilidades postas em ação por um segmento integrante no conjunto do movimento dos trabalhadores brasileiros da Primeira República; (c) por ser indício valioso de uma forma de sociabilidade avessa a hierarquias e domínios; e, sobretudo, (d) por ser exemplar, por excelência, de um saber muito mais que multi, inter ou transdisciplinar; qual seja, *indisciplinar*, em todos os sentidos possíveis. Negação cabal das hierar-

quias, das especializações cegas, da autoridade dominação (diferente da autoridade função), do adestramento...

Neste livro, o autor versa com muita competência sobre uma considerável diversidade de questões relativas à vida social, expondo as questões fundamentais de sua época com lucidez e profundidade impressionantes. Este fato por si só comprova seu valor. Como se não bastasse este elemento, agregue-se o de nele encontrarmos expressa e sólida capacidade argumentativa e indiscutível competência teórica: sociologia, economia, pedagogia, filosofia, antropologia, política, literatura, história, além de matérias de outros campos como estatística, paleontologia e física. Além da articulação destas áreas do conhecimento, encontramos neste livro a abordagem de assuntos candentes à época: a situação catastrófica do trabalhador nos mais diversos ramos da produção e dos serviços; o papel da imprensa (o meio de comunicação social mais influente no período) na sociedade; o militarismo; a Primeira Grande Guerra Mundial e a possibilidade de uma segunda conflagração bélica entre as nações; a URSS e seus falsos fundamentos a desembocar num fatal fracasso e fencimento; a religião, a igreja e o clero; a recém instalada República brasileira; a sociedade brasileira do período; o sindicalismo; o anarquismo; o movimento operário; o positivismo; o pensamento político de Karl Marx e dos principais expoentes do marxismo; a social democracia; a arte e o artista na sociedade; a escola oficial, militar, cívica e religiosa; o nacionalismo; os atos antissociais; entre outros assuntos.

Esta obra deve ser entendida como expressão de um caldeamento de relações sociais instauradas por uma fração do movimento operário desde o fim da monarquia até fins da chamada Primeira República. É claro que ela é fruto da reflexão individual de alguém com uma trajetória de vida particular. Porém, esta particularidade não elimina o fato de ter muito em comum com os demais trabalhadores de seu período. Isto significa dizer terem sido possíveis suas reflexões, na direção em que se deu, graças ao suporte do movimento operário, ele mesmo fruto das vicissitudes sociais recentes e remotas. É do conhecimento geral o fato de os trabalhadores neste período adquirirem, produzirem e socializarem conhecimentos dentro das associações operárias ou através de empreendimentos e iniciativas em associação, como as educacionais e as do vasto campo cultural. Isso deve ser entendido não como estabe-

lecimento de relações a partir do ensino tradicional, do autodidatismo ou de uma burocracia educativa tecnicista, mas como relações pessoais alimentadas no interior de uma parcela do movimento operário. Nestas relações, com o cultivo de sociabilidades avessas ao princípio de autoridade, derruindo práticas disciplinares e disciplinadoras, estabelecia-se não só uma forma original de saber, mas também novos referenciais para sentimentos, ambas constituindo uma bússola, no dizer de Florentino, para a percepção da existência.

Desta maneira, este livro se apresenta impermeável à lógica disciplinar. Não se enquadra de modo algum dentro de qualquer enfoque multi, inter ou transdisciplinar, mas total e plenamente exemplar de *indisciplina*, a qual deve ser entendida em todas as acepções da palavra: nega o império da especialização ao não se circunscrever a uma área particular do conhecimento, como também se apresenta qual vetor de abolição de hierarquias. As áreas do conhecimento são explicitamente utilizadas submissas à trajetória argumentativa do autor, não o contrário. Além disso, a intenção manifesta nestas linhas é sempre da subversão dos referenciais dogmáticos; seus efeitos sobre o leitor apontam senão para o arruinamento, a implosão ou a explosão pelo menos para um abalo nas perspectivas enrijecidas em reflexão e atuação social. De fato, este livro opera num contínuo e insistente desrespeito<sup>7</sup> às fronteiras entre saberes e destes com a vida, numa afronta calculada a cânones e convencionalismos. Outro dos efeitos imediatos se verifica através de um mal-estar ou prazer – dependendo de quem seja – por conta das vertigens provocadas pelos constantes exercícios de descentramento.

Como dito acima, o texto em que ele arremata todos estes campos do conhecimento possui intensa força de deslocamento das perspectivas enrijecidas em estudos e na vida. A imagem mais aproximada que posso tentar construir para demonstrar como me sinto, quando da leitura

---

[7] Este não é o momento adequado para tratar especificamente sobre os desrespeitos, sugeridos nos textos de Florentino de Carvalho, quanto às fronteiras. Este assunto possui implicações e desdobramentos tais que necessita ser tratado à parte. A título de informação, esta sua atitude – desonerando perspectivas ancoradas na ideia religiosa de superiores, de centros, de abordagens binárias normal/doentio, certo/errado, norma/desvio, etc. – se estendia na direção de todos os convencionalismos normalizantes. Encontramos o autor praticando tal sacrilégio, por exemplo, contra as gramáticas, usando palavras e termos coloquiais, misturando idiomas numa mesma frase. Como exemplo, temos os títulos dos seguintes artigos escritos na imprensa operária: *Pró e Contro il Sindacalismo: atitude dos anarquistas ante o movimento operário. Guerra Sociale*, São Paulo-SP, ano 11, n. 10, 11.12.1915; ou *Que se Rompa y no se Doble. A Obra*. São Paulo – SP, ano 01, n° 12, 01.09.1920.

destas linhas, é a de estar o autor falando, de forma contundente, bem próximo a mim, como se estivéssemos cara a cara, a ponto de sentir a intensidade de seu olhar que se apresentaria ora indignado, ora persuasivo, ora determinado, ora grave, ora afável... Vem-me simultaneamente a impressão de sentir, vez em quando, o calor de seu rosto, o suor respingando misturado a perdigotos que, vez ou outra, param em meu rosto, como também a sensação de sentir odores com misto de acre e de perfume, característico de quem se preparou para um encontro e, neste, impregna com tons, aromas, transpiração...

De fato, nada parecido com os contatos “limpinhos”, ascéticos e extremamente “assépticos” que estou acostumado a ter com as literaturas consagradas nas ciências sociais. A velha atitude positivista renovada, por vezes, através de um procedimento equivocado, qual seja: sofisticação e aprimoramento nas formas de busca de objetividade no processo de pesquisa e conhecimento, encobrindo ou dificultando o reconhecimento da perspectiva positivista; também por intermédio do esforço em banir da pesquisa, e de sua redação, os vestígios de sentimentos e emoções, cultivando num certo estilo literário, por vezes árido e tedioso, a garantia de empreendimento rigoroso. Não que a objetividade seja algo desnecessário ou que deva ser evitado. Não se trata disso. Trata-se do fato de se lançar mão de artifícios na esperança de obter a objetividade e, na verdade, apenas alcançar simulacros de rigor, de objetividade. Artifícios e simulacros! Uma espécie de convenção, existente de forma velada entre especialistas, admite explosões de indignações... desde que “bem comportadas”, expressões de rebeldias... desde que disciplinadas e principalmente disciplinadoras, atitudes irreverentes... desde que previsíveis, atuações “chocantes”... desde que apenas “interessantes”, “pitorescas”, “curiosas”, intervenções radicais... desde que “organizadas”, posturas desrespeitosas... desde que vetores de hierarquias, enfim, nada fora do “politicamente correto”, o que significa dizer elaboração constante de artifícios e simulacros resultando no favorecimento em instauração do domínio!

Com estilo de escrita desrespeitoso, Florentino de Carvalho imprime no leitor um pouco de si mesmo como quem toca o outro com uma ponta de ferro em brasa, como quem enterra unhas e dentes em pele... É assim seu uso de palavras: impressão intensa, sem comedimentos, de marcas próprias. Neste momento, reside uma exposição desavergonhada

de si. A vontade é a de explosão vulcânica de sentimentos e pensamentos, demolindo terminantemente todas as “boas maneiras”, características de um modelo de vida engessado, travado, gangrenado, ancorado em comiserações, contrições e resignações. Tais práticas desembocam em posturas ressentidas, magoadas, rancorosas, invejosas e despeitadas, próprias da arte de cultivar densas misérias existenciais.

Contra a cauterização dos sentimentos e a domesticação do pensamento, coloca em prática uma forma intempestiva de exposição das ideias, uma maneira totalmente desconcertante e, ao mesmo tempo, sedutora – ou repugnante, dependendo de que olhos apreciem tais palavras – de conduzir o leitor pelo seu mundo interior. Desconcerto: é este um dos outros efeitos da composição de seus vocábulos... cultivador de vertigens em vidas entorpecidas pela ideia de normalidade e gangrenadas pelos convencionalismos. Escritos tipos estes de Florentino de Carvalho provocam prazer e risadas nos *nomadismos*,<sup>8</sup> ao mesmo tempo em que desassossego e agonia nos sedentarismos. É disto que se trata: abordar temas existenciais de um modo absolutamente subjetivo,<sup>9</sup> sem que signifique, de modo algum, falta de rigor, ausência de método, carência de fundamentação nas ideias e análises. Antes muito pelo contrário, o rigor, o método e a fundamentação surgem ao leitor de forma clara e cristalina, não como condicionada a uma cega observância a fórmulas ou modelos, nem através de uma obediência canina a códigos, normas ou correntes teóricas e acadêmicas definidas por especialistas – autoridades a quem, segundo uma perspectiva disciplinar, se deve seguir – mas como partes constitutivas de um pensamento *indisciplinado*, *indisciplinar* e *iconoclasta*. Um convulsionar de sentimentos, emoções e afetos, compondo com pensamentos firmes, claros e definidos: cadência dada por vida visceral,

[8] Sobre nomadismo, ver especialmente DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. São Paulo: Ed. 34; 1997; e THOREAU, H. D. Caminhando. In: THOREAU, H. D. *Desobedecendo. A Desobediência Civil e outros escritos*. São Paulo: Círculo do Livro: s/d. p. 103-149.

[9] Interessante é a abordagem sobre texto e seu autor delineada por Stirner em *Mistérios de Paris* (Ver STIRNER, Max et alii. Os Mistérios de Paris. *VERVE – Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/PEPGCS/PUC-SP*, n. 3, abr. 2003, São Paulo: O Programa, 2003. p. 11-29). Ao analisar as atitudes dos protagonistas desta novela, Stirner coloca em questão o fato das limitações do próprio autor, Eugene Sue, que, sendo um liberal moralista, seus personagens não poderiam apresentar comportamento fora desta esfera de concepção existencial. A análise de Stirner contém, ao mesmo tempo, a ideia de obra como possuindo vida própria, independentemente de seu criador, mas também, e sobretudo, consistindo em uma manifestação e emanção de individualidade. Thoreau sustenta algo nesse sentido ao encarar suas palestras e seus escritos como uma forte dose de si mesmo (Ver *A Vida Sem Princípio*, In: THOREAU, op. cit. p. 71-103).

por pensamentos vertiginosos, prenes de *iconoclastia* e *indisciplina*, cultivando *nomadismos* como expressões de libertarismos.

Composição de esforços titânicos: construir imediatamente um mundo onde caibam diversos mundos, onde seja possível ao indivíduo viver diferentes vidas em uma; em que individualidades tenham em si sua própria medida e culminância; em que cada um possa colher frutos na árvore da sociedade a fim de conceber sua filosofia particular; em que o objetivo seja a constituição da sociedade dos seres livres; *selvagerias*<sup>10</sup> como signos de vivência indomável, de entes irreduzíveis: não se vergam nem se curvam a qualquer pretensão de transcendência; intensa e constante relação *antropofágica*<sup>11</sup> – oposta à antropoêmica – com a existência.

.....

### 3

.....

Sobre a terceira questão: Florentino de Carvalho era operário. A condição do trabalhador na Primeira República brasileira foi absurdamente adversa: extenuante jornada de trabalho, condições de trabalho por demais precárias, exploração intensa da força de trabalho, repressão violenta, por parte do Estado e do patronato, a militantes operários, associações e sindicatos, afora outros obstáculos. Não obstante, este período foi deveras fecundo quanto à formação de um pensamento sócio-político operário, constituindo, de fato, uma época de acirradas lutas e resistên-

[10] Na escola evolucionista da antropologia, a selvageria consiste no mais primitivo entre os três estágios evolucionários da humanidade. Na selvageria, existe, sob forma de “germes”, as instituições do terceiro estágio. Este se divide em três fases: inferior, média e superior. Os outros estágios são, na sequência, a barbárie, também dividida em três fases; e a civilização, como corolário da evolução. Para conhecer mais sobre a formação do pensamento antropológico e sobre o evolucionismo em particular, ver, entre outros: AZCONA, Jesús. *Antropologia I – História*. Petrópolis: Vozes, 1992; e LABURTHE-TOLRA, Philippe. *Etnologia – Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997. Sobre uma posituação da noção de selvageria, ver: THOREAU, op. cit., s/d, p. 103-149.

[11] Sobre antropofagia e antropoemia, ver a nona parte de LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Em Max Stirner, também temos sugerido a ideia de antropofagia quando aborda a relação do *único* com o que lhe pertence como uma relação de constante apropriação existencial. A propriedade perde seu sentido limitado de bens e mercadorias, estendendo-se para tudo que interesse ao *egoísta*. Ver a coletânea de artigos: STIRNER, Max. *Stirner: Textos Dispersos*. Seleção e apresentação de J. Bragança de Miranda. Lisboa: Via Editora, 1979.

cias em múltiplos campos da dinâmica social. Infelizmente após intensa e violenta intervenção estatal, através dos diversos governos no período da república brasileira, estabeleceu-se uma mudança de rumo no movimento operário e popular em geral, passando a ter preponderância a luta eminentemente política colocada em pauta pelos diversos partidos. É desnecessário dizer que este movimento nunca mais voltou a ter, nem de longe, semelhante dinâmica nem magnitude.<sup>12</sup>

Se o leitor tomar como referência, para compreensão do movimento operário no período aqui considerado, as características marcantes do mundo do trabalho a partir dos anos 50 ou de um período posterior, ou mesmo os escritos da maioria dos estudiosos da questão social no Brasil, certamente terá uma percepção distorcida, uma vez que desconsidera completamente, por conta de preconceitos ideológicos e superstições científicas, a gama de atividades levadas a efeito pelos trabalhadores. Dessa maneira, é salutar para os propósitos aqui perseguidos direcionar algumas reflexões acerca tanto do movimento dos trabalhadores, no qual Florentino de Carvalho se formou, tendo sido simultaneamente relevante colaborador; como também do contexto sócio-histórico em que o movimento foi forjado.<sup>13</sup>

Ainda prevalece, no meio acadêmico de uma forma geral e quase absoluta, a ideia segundo a qual o pensamento social produzido em solo brasileiro de uma forma original, enquanto empreendimento social e coletivo diferenciado dos referenciais europeus e de outros centros mun-

[12] Para conhecer aspectos particulares do período, além dos estudos disponíveis e já consagrados, conferir as recentes publicações: AZEVEDO, Raquel. *A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002; JEREMIAS, Marcolino; SILVA, Liana Ferreira da; SILVA, Rodrigo Rosa da; RAMOS, Leandro Márcio (orgs.). *Três Depoimentos Libertários – Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Gimenez Moreno*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002; LOPREATO, Christina Roquete. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000; SAMIS, Alexandre Ribeiro. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário; Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

[13] Existem diversas publicações consagradas que tratam tanto do período histórico brasileiro aqui considerado e das correntes existentes no movimento operário. Conferir, entre outros: BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976; CARONE, Edgard. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1979; FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo: Difel, 1983; HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. São Paulo: Global, 1982; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975; RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Difel, 1968. Ver também, entre outras, a extensa obra de Edgar Rodrigues: RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil (Movimento Operário 1657-1913)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969; RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e Cultura Social (Movimento Operário 1913-1922)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972; RODRIGUES, Edgar. *Novos Rumos (Movimento Operário 1922-1945)*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1978.

ciais, se deu apenas a partir, principalmente, da criação da Universidade de São Paulo e da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo no início dos anos 30 do século passado. Para esse pensamento, existiram antes disto apenas traduções de obras clássicas ou, quando muito, uma produção em ciências sociais elaborada por intelectuais estrangeiros residentes temporariamente no Brasil. Reconhecem contribuições de estudiosos autóctones, só que ou eles são tidos na medida de gênios notáveis ou encontram-se presos a referenciais teóricos e metodológicos europeus ou ainda se dá uma combinação destas duas assertivas.

Essa posição taxativa deixou de lado, de uma maneira grosseira e violenta, experimentações de novas sociabilidades levadas a efeito no período compreendido entre fins do século XIX e início do XX com trabalhadores dentro do movimento operário. Através da imprensa operária, dos livros, panfletos, boletins, escolas, teatro, poesias entre outras formas de intervenção social, os trabalhadores, particularmente dentro do campo social e ideológico do socialismo libertário, estabeleceram formas inovadoras no que diz respeito à produção, elaboração e socialização de um saber especificamente proletário – sem menosprezar as intervenções radicais, libertárias e liberatórias nas diversas áreas da vida social –, dentro de um quadro social de queda da monarquia e estabelecimento da república, portanto de criação de outras instituições verticalizantes. Nesta direção, coloca-se em evidência uma cegueira de alguns estudos sociológicos quanto a certas realizações do período considerado. Proveniências desta cegueira: insensibilidade na percepção das variáveis sociais por conta de posturas rígidas, de vinculação estrita e unilateral a uma única escola teórica, filosófica ou sociológica.

O movimento dos trabalhadores comportou em seu interior, através de instauração de novas sociabilidades realizadas por alguns de seus segmentos, várias experimentações em relação à luta social, ao estabelecimento de novas formas de organização social, de outros referenciais para as questões do amor, da sexualidade, da família, da educação, enfim, em diversas dimensões da vida social. Promovendo intensa avalanche e constante abalo nas estruturas sociais hierárquicas, verticais e rígidas enraizadas numa sociedade capitalista, católica e republicana, esse movimento deixou marcas profundas na história das lutas sociais no Brasil, forjando um pensamento social singular. Na refrega do comba-

te social, fundavam associações, escolas, tipografias, teatro social entre outras práticas de cunho libertário. No Brasil, foram os pioneiros na difusão do vegetarianismo, do esperanto, da luta anticlerical, antimilitarista, antitabagista, contra o álcool e até em campanhas contra o uso do chapéu dentro de um contexto de debate de higiene, comum à época. Os documentos historiográficos estão à disposição dos estudiosos para um aprofundamento ainda maior do conhecimento acerca das características particulares de seu modo de vida, do pensamento social e dos dilemas, das contradições e da instauração de sociabilidades libertárias entre os coletivos e as associações existentes.

Vários foram os trabalhadores formados, enquanto pessoas, militantes e estudiosos da questão social, dentro do embate social travado por sua classe: Maria Lacerda de Moura, Domingos Passos, Domingos Braz, Ricardo Cipola, Fernando Nazaré, Maria Angelina Soares, Antonia Soares, Zenon de Almeida, Polydoro Santos, Éfren Lima, Orlando Correia Lopes, Rodolfo Felipe, Isabel Cerruti, Astper, José Oiticica, Felipe Gil, Hermínio Marcos, Fábio Luz, Ângelo Bandoni, Florentino de Carvalho, Cecílio Martins, Oresti Ristori, Rodolfo Felipe, Francisco Arouca, Edgar Leuenroth, Arsênio Palácios Soares, Adelino de Pinho, João Penteado, Antonio Nalenpisky.<sup>14</sup> Estes, entre muitos outros, tiveram participação destacada no movimento dos trabalhadores, contribuindo sobremaneira tanto com uma experimentação efetiva em instauração de novos referenciais de sociabilidade como na configuração de um pensamento especificamente operário dentro de uma sociedade marcadamente autoritária, desigual e mística. Neste contexto social, Florentino de Carvalho tornou-se um dos teóricos e militantes anarquistas de maior envergadura na América Latina. Participou de forma enérgica da imprensa proletária fundando

---

[14] Destes nomes, alguns já foram objetos de dissertações e teses de doutoramentos. Algumas destas pesquisas foram publicadas em forma de livros. Sem abordar os livros de caráter de depoimentos, sobre Maria Lacerda de Moura, ver: LEITE, Miriam Moreira. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984; e RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários*. Rio de Janeiro: VJR – Editores Associados, 1993. Sobre Oresti Ristori, ver: ROMANI, Carlo. *Oresti Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002. Sobre Florentino de Carvalho, ver: NASCIMENTO, *op. cit.* Há ainda: DUARTE, Regina Horta. *A Imagem Rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas: Pontes, 1992. Para uma bibliografia do que foi publicado sobre anarquismo em Portugal e no Brasil desde o início do anarquismo no século XIX, ver: GONÇALVES, Adelaide. *A Bibliografia Libertária: o anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 2001. Também outra referência para pesquisa sobre anarquismo, ver: ZANATTA, Elaine Marques. *Bibliografia para Pesquisa sobre Anarquismo e Anarquistas*. In: ZANATTA, Elaine Marques *et alii*. *Cadernos AEL: anarquismo e anarquistas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, v. 8/9, 1998.

jornais e revistas, além de ter escrito artigos em outras. Colaborou ativamente na fundação de escolas, como a Escola Nova no Brás, em São Paulo, no ano de 1915, fechada depois da greve de 1917, dentro do contexto de perseguição e repressão, patronal e governamental, ao movimento anarquista e aos mais destacados ácratas. Atuou em várias comissões de trabalhadores, como a Comissão de Defesa Proletária – CDP – durante a grande greve de junho de 1917<sup>15</sup> em São Paulo. Essas comissões visavam resolver problemas específicos na luta social. Participou ativamente de diversas associações e grupos específicos formados pelos trabalhadores, como o atuante Centro Libertário. Proferiu palestras acaloradas em *meetings*, encontros e congressos operários. Enfim, marcou presença em diversos campos de atuação libertária no início do século XX.

O contexto histórico da publicação, como também do momento de vida do autor, se apresenta como aspecto fundamental para o entendimento dos limites, da largueza e da força desta obra, escrita em 1927. O ano anterior foi o último do governo de Arthur Bernardes (1922-1926), que se deu quase todo em estado de sítio.<sup>16</sup> A repressão em geral, e aos anarquistas em particular, chegou a extremos nunca antes alcançados. Os órgãos de repressão do Estado, sob orientação e anuência dos governantes, submetiam os segmentos sociais marginalizados a um regime de terror intenso e ininterrupto, elaborando uma “Relação dos Anarquistas Perigosos”, momento para mais uma evasão estratégica de Florentino de Carvalho, indo se abrigar entre os companheiros do Rio Grande do Sul, onde publicou seu primeiro livro.

• • • • •

## 4

• • • • •

Sobre a quarta questão: Florentino de Carvalho era anarquista. Alguns estudiosos da questão social distinguem o sentido figurado e

---

[15] Sobre este episódio em específico, ver: LOPREATO, *op. cit.*

[16] Para um conhecimento deste período em relação à repressão ao movimento operário, ver particularmente SAMIS *op. cit.*

depreciativo comumente dado aos termos “anarquia” e “anarquismo” como sinônimo de caos, desordem e bagunça, do significado dado por seus próprios aderentes.<sup>17</sup> Muitos insistem em estender essa distorção ao pensamento e ao movimento anarquista, disseminando a ideia de estes serem incendiários, dinamiteiros e apologistas da destruição. De outro lado, alguns intelectuais, quando muito, sugerem ou afirmam ser anarquia e anarquismo ingenuidade de “utópicos”, de “sonhadores”. Em ambos os casos, nada mais distante da verdade! Tanto endemonizar como divinizar resultam em afastamento de uma abordagem direta das propostas e críticas elaboradas pelos próprios anarquistas. De fato, tal atitude consiste em escamotear uma abordagem de frente, fugindo de uma discussão franca dos postulados norteadores desta escola socialista.

Não se trata nem de anjos nem de demônios! Trata-se de uma corrente do pensamento humano e de um movimento de caráter social, frutos de uma plêiade de fatores eminentemente históricos. Não se trata de revelação angelical nem de tentação demoníaca, mas de experimentação absolutamente humana! Referir-se a anarquistas como sendo diabos, protocristãos, a bondade encarnada em gente ou qualquer qualificativo de cunho super-humano, infra-humano ou sobrenatural, oculta a atitude de não encarar a forma de abordar a vida a partir de uma visão anarca, ou pelo menos evita compreender esta perspectiva a partir dela mesma. Isto porque o raciocínio possivelmente elaborado a partir de uma visão inicial equivocada pode ser de um lado:

— “Se são anjos, é muito belo, muito bonito, mas não é para pessoas comuns e normais como eu! Estou fora!

---

[17] Anarquia é uma palavra oriunda de duas gregas: *an* e *arquía*, que significa ausência de governo. Esta palavra, desde o século XVIII, era utilizada por governantes com um sentido pejorativo quando se referiam a seus opositores. Ausência de governo significaria, para os chefes da nação, sinônimo de caos e desordem social absoluta. Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi o primeiro a se apropriar desta palavra, enfatizando seu sentido positivo, levantando a ideia segundo a qual a inexistência de governo central seria a maneira por excelência da potencialização e expansão do desenvolvimento social em todas as direções possíveis, chegando a afirmar taxativamente, em 1840, no seu livro *O Que é a Propriedade?: “Anarquia é ordem!”*. Denominado por George Woodcock (WOODCOCK, G. *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários*. v. 1. Porto Alegre: L&PM, 1983 – A Ideia) de “O Homem dos Paradoxos”, Proudhon imprimiu um novo sentido a uma palavra marcada e definida por seu tempo, subvertendo o significado usual e a enriquecendo com um novo significado. Seu pensamento consiste numa busca de afronta ao absolutismo, que se manifesta sobretudo de três maneiras: na exploração do homem pelo homem em sua expressão econômica; na dominação do homem sobre o homem em sua expressão política; e na adoração do homem pelo homem em correlata expressão no âmbito das ideias.

Ou de outro lado:

— Se são diabos, então às favas seu pensamento! Não me interessa! Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe!

De início, é necessário distinguir anarquia e anarquismo. Anarquia pode ser entendida como estado de sociedade sem governo central. Isto não significa desgoverno, mas sim autogoverno da sociedade por parte dos agrupamentos sociais. Ao mesmo tempo, porém, anarquia também alcança os foros mais íntimos da individualidade humana, uma vez que depende da transformação da forma de relação pessoal com o conjunto da existência. A iniciação de um processo de abolição das hierarquias não acontece prioritariamente em nenhum lugar previamente estabelecido ou possível de ser determinado com antecedência. Acontece na esfera das relações interpessoais, tanto as mais amplas como as mais estreitas.

Anarquismo, de seu lado, consiste em propostas de reorganização social com base na negação de relações verticalizadas, hierarquizadas. Desta maneira, seria muito mais apropriado tratar de anarquismos no plural, e não de anarquismo no singular. Enquanto movimento, pensamento e filosofia social, o anarquismo é fruto de um conjunto complexo de fatores que compreende o materialismo filosófico, a Renascença, o Iluminismo, as obras de cientistas, poetas e artistas, além das diversas lutas libertárias colocadas em voga por uma imensidão de anônimos e figuras de projeção mundial. É dessa maneira que, na sua primeira obra, Florentino de Carvalho apresenta a formação e afirmação da ideia e do movimento anarquista, destacando com muita propriedade seu caráter negativista e a origem suficientemente social de base bastante larga desta escola do pensamento socialista. Em todo instante no texto, há uma evidência quanto ao caráter voluntarista do anarquismo, isto é, há nos combates sociais uma vontade de liberdade nas pessoas a se perceberem enquanto unidades ativas e não como autômatos à mercê de forças estranhas. Há mesmo uma rejeição cabal em expressiva parte do pensamento e das práticas anarquistas – é este o caso do pensamento sócio-político de Florentino de Carvalho – quanto ao teleologismo e ao fatalismo como predicados da sociabilidade humana.

Das exposições feitas, não se infere que o pensamento social se encontre acéfalo. A filosofia moderna formada de princípios eminentes, criados pelo fulgurante espírito dos imortais filósofos, artistas e poetas que fizeram as grandes épocas da História, elaborou a doutrina das reivindicações sociais e da harmonia na vida de relação. Essa doutrina brilha nas obras célebres de Tolstói, egrégio humanista; nas lucubrações de Proudhon, o monstro da lógica; nos postulados de Bakunin, o maior revolucionário do século XIX; na enciclopédia de Reclus, o geógrafo imortal do seu tempo; na escola de Kropotkin, o mestre da sociologia moderna; essa doutrina flui do gênio de Stirner, de Ibsen, Tucker, Mackay, Barret, Malatesta, Parsons e outros preclaros artífices e apóstolos da ideologia libertária.<sup>18</sup>

Mesmo a questão do terror – interpretação comumente dada ao anarquismo –, da violência repressiva do Estado e da ação revolucionária dos trabalhadores insubmissos, constitui assunto amplamente abordado e discutido no anarquismo clássico e no movimento do proletariado internacional.<sup>19</sup> Este foi igualmente um assunto abordado ao longo

[18] *Apud* NASCIMENTO, *op. cit.*, p. 191.

[19] Em Pierre-Joseph Proudhon, há adesão em seus passos iniciais em favor do uso da força como elemento necessário à transformação social. Em um momento posterior, abandona este pensamento, passando a rejeitar terminantemente o uso de qualquer expediente violento por parte dos segmentos sociais explorados. Para ele, a violência apenas geraria violência, devendo ser absolutamente banida dos meios proletários como tática equivocada e contraproducente. Max Stirner (1805-1856) se junta a Proudhon neste posicionamento, entendendo a violência como um fator de uma única mão, instaurando apenas o arbítrio e o despotismo. Piotr Kropotkin (1843-1921), apesar de seu pacifismo, percebia a violência mais como uma fatalidade do processo evolucionário da humanidade do que como algo que o empolgasse. Mikhail Alexandrovitch Bakunin (1814-1876) era um ardoroso combatente das barricadas. Fruto, entre outros elementos, de uma Rússia acostumada com os grupos conspiratórios, enaltecia os ímpetus de luta e resistência dos elementos subversivos em todo lugar. Foi assim que esteve presente em todas as revoluções de seu século. Errico Malatesta (1853-1932), muito influenciado pelo pensamento e pela vida de Bakunin, percebia a violência como uma fatalidade e, da mesma forma que Bakunin, como uma reação de resistência por parte dos segmentos sociais oprimidos e explorados. No seu entender, o estabelecimento de uma sociedade libertária não seria algo fácil, harmônico e pacífico. Os privilegiados não abririam mão de seus benefícios de uma forma cordial. Caso os procedimentos de convencimento social não surtiram efeitos, utilizariam sem vacilar os meios mais violentos possíveis para a conservação do *status quo*. Dessa forma, Bakunin e Malatesta percebiam a violência revolucionária como totalmente diferente da violência dominante, pois enquanto a primeira era essencialmente libertária, a segunda consistia num dos sustentáculos indispensáveis na manutenção da sociedade capitalista e estatal. Os episódios dentro do movimento anarquista que preconizavam o terror como reação libertária não são representativos do teor do pensamento e ação anarca ao longo de sua história. Mesmo assim, inscrevem-se dentro de uma reação levada a efeito por individualidades marcadas pelo terror estatal e patronal e em um momento histórico em que o movimento operário sofria perdas irreparáveis, impostas pela violência dos estratos dominadores da sociedade. Leon Tolstói (1828-1910), mais que pacifista, defendia a postura da *não resistência* como forma de obstar todo e qualquer projeto com base em violência. Finalmente, os autodenominados *anarquistas sem adjetivos*, entre os quais encontramos Florentino, evitavam fechar posição definitiva com uma das propostas citadas. Admitiam antes a diversidade nos métodos e estratégias de luta e resistência libertárias e, ao defenderem uma ou outra, o faziam sem cair em um novo universalismo. Desta maneira, de acordo com a época e o lugar, as formas de intervenção também variariam, sendo improdutivo todo e qualquer posicionamento apriorístico.

da obra de Florentino de Carvalho. Ele o fez considerando tanto a ação do Estado com a do patronato e das instituições basilares da sociedade vigente, entendidas como vetores destacados de violência, refletindo também sobre a ação de violência revolucionária e, integrantes deste espaço, os atos individuais de justiça levadas a efeito em breves episódios na história do movimento anarquista mundial. Tais episódios são percebidos como eventos ocorridos dentro de um contexto histórico de alta repressão ao movimento operário, nos quais ocorreram diversos massacres, assassinatos e outras tantas violências levadas a efeito por governantes contra a população trabalhadora. Contudo, de uma forma mais ampla, para ele:

A violência é uma fraqueza: a força está na liberdade; porque só ela é branda e não repele a ninguém.<sup>20</sup>

Por outro lado, se é verdade que devemos evitar expedientes violentos quando do estabelecimento de nossas relações, igualmente há que se considerar a legitimidade da defesa, da resistência, como um direito e, mais do que isto, como um dever diante de abusos e arbítrios:

Se a violência é imoral, a passividade, a resignação é ainda mais imoral, porque é a renúncia à vida e à liberdade.<sup>21</sup>

No seu entendimento, o destaque na estratégia dos revolucionários deve ser dado à persuasão como forma de transformação das individualidades presas, por uma educação autoritária, a sentimentos e pensamentos enrijecidos, monolíticos e, por isso, absolutistas. Uma mudança na forma de pensar e de sentir das pessoas constitui elemento imprescindível na transformação radical da sociedade. Dessa maneira, uma das tarefas urgentes a ser encarada pelos anarquistas é a de:

[...] empreender um trabalho de análise e de crítica a todos os misticismos e da fé, do patriotismo e finalmente a todos os prejuízos sociais [...]

[20] *Apud* NASCIMENTO, *op. cit.*, p. 167.

[21] *Idem*.



Devendo ser direcionados esforços em:

[...] falar à inteligência e ao coração dos homens do trabalho, a fim de que as nossas ideias possam produzir reações físicas e químicas que modifiquem o seu modo de pensar e de sentir.<sup>22</sup>

Como podemos notar, a ação libertária deve considerar uma transformação social passando necessariamente por uma mudança profunda e radical dos costumes sociais e da cultura em geral, abrangendo as pessoas, em processo de liberação, e a forma como estas são inseridas e se colocam na existência. Isso significa dizer que é imperativo ponderar acerca da íntima e dependente relação entre o macro e o microcosmo social tanto na análise como na intervenção social.

.....  
**5**  
.....

Sobre a quinta questão: obsolescência do socialismo e que tais. A queda do muro de Berlim e o fim da URSS são marcos históricos do fim do século XX. As relações internacionais tomaram outro rumo, particularmente a partir destes dois episódios. Os defensores do socialismo estatal usavam essas duas experiências como referenciais absolutos do que pretendiam realizar em outras localidades. Para eles, era impensável referir-se ao fim desses governos pretensamente socialistas. Ainda existem os nostálgicos e os que perderam o rumo na implosão do consolo chamado a “grande teoria”.

Pois bem! Não me proponho refletir acerca de aspectos particulares do pensamento político de Karl Marx e Friedrich Engels e seus satélites, ou expor a crítica anárquica ao pensamento político desses teóricos do

[22] *Apud* NASCIMENTO, *op. cit.*, p. 176.

socialismo estatal, nem remeter às relações entre libertários e autoritários nos corredores da Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em setembro de 1864, na cidade de Londres, tendo como figuras centrais as pessoas de Karl Marx e Mikhail Bakunin. Isso porque o próprio Florentino de Carvalho, em diversos capítulos deste livro, procede a análises tanto do pensamento político de Marx e Engels, da experiência de aplicação das ideias destes dois economistas burgueses no caso da URSS, como também dos embates entre libertários e autoritários dentro da Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores. Vou apenas evidenciar a crítica ao pensamento político de Karl Marx e Friedrich Engels como expressão de uma nova religiosidade, ainda que da razão.

Sobretudo Bakunin<sup>23</sup> identificou o caráter religioso nas ideias políticas de Marx. Toda uma estruturação do sagrado fora atualizada neste pensamento: “leis da história”, ou infraestrutura econômica, aparecem como nova divindade, como ser transcendente responsável pelos destinos e rumos da existência das consciências individuais e sociais – a ciência surge desmistificando o engano e o falseamento produzido pela ideologia. À ciência, cabe revelar a “verdade” verdadeira e derradeira dos fenômenos sociais humanos, consistindo num empreendimento essencialmente revolucionário, enquanto a ideologia seria o instrumento não só conservador, mas, mais grave, reacionário. Nesse contexto, o socialismo precisa ser científico para ser o verdadeiro, enquanto todos os demais são considerados utópicos, isto é, arcaicos, obsoletos, superados, equivocados, ingênuos. Se a ciência consiste no único meio de desvelar uma “realidade” submersa por tantos equívocos e enganos, apenas os cientistas poderiam lançar luz sobre os fatos, sendo estes diretamente responsáveis pela separação entre verdade e erro.

Dessa maneira, os criadores do “socialismo científico”, Karl Marx e Friedrich Engels, surgem como equivalentes do iluminado profeta ou

[23] Para conferir as análises elaboradas por Bakunin quanto ao pensamento político de Karl Marx e sua própria versão de sua expulsão da Primeira Internacional dos Trabalhadores, ver: BAKUNIN, M. *Escritos Contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001. (Coleção Escritos Anarquistas). Outro livro importante, considerado por muitos como a obra mais significativa de seu pensamento político, acabou de ter uma edição no Brasil, trata-se de: BAKUNIN, M. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Ícone; Imaginário; Nu-Sol, 2003.

enviado de Deus, os portadores da “verdade revolucionária”, da Verdade última, a quem todos devem a mais estrita obediência, sob pena de processos de punição e castigo. É do conhecimento de todos como eram tratados os dissidentes na extinta URSS e como ainda o são em outros países tributários do espólio ideológico de Marx. Na sequência, os textos do socialismo científico substituem as sagradas escrituras dos crentes, tomando as formas de novo catecismo. Os desobedientes (burgueses, pequenos artesãos, pequenos comerciantes, pequenos industriais, camponeses) constituem os ímpios; seus pensamentos e seus textos são arrolados no índice dos livros proibidos porque heréticos. Entre os ímpios, os anarquistas são os piores e mais perigosos. Basta reparar no aval dado pela “ciência” positivista do italiano Césare Lombroso em que os anarquistas aparecem como exemplares por excelência de degeneração da espécie e dos elementos mais perigosos contra o bom funcionamento da sociedade.

Não só Bakunin, também Proudhon<sup>24</sup> criticou, de certa forma, o pensamento político de Marx. Tratando do que chamou o “sistema de Luxemburgo” ou comunismo de Estado, apontou os enganos de tal proposta muito antes da efetivação prática de qualquer Estado pretensamente socialista. Dentro de sua crítica, destaco o fato de esta proposta de junção de socialismo com estatismo ser fundamentalmente sistêmica, ou seja, pensamento fechado, consistindo numa outra expressão do dogma. Qualquer abordagem baseada em postulados sistêmicos constitui uma moldura, um aprisionamento do fenômeno em questão. Todo sistema consiste numa abordagem cristalizada da vida, algo contrário ao seu dinamismo. De modo semelhante, Stirner, ao criticar o humanismo de Feuerbach, percebendo neste uma atualização da transcendência, acertou, por tabela, o pensamento sócio-político de Marx e Engels, uma vez que estes se apresentam como signatários das reflexões ateístas de Feuerbach.

[24] Para uma introdução ao pensamento de Proudhon, ver: PROUDHON, Pierre-Joseph. *Proudhon*. In: PASSETTI, E. & RESENDE, Paulo-Edgar (orgs.). São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais); BANCAL, Jean. *Proudhon: pluralismo e autogestão*. Brasília: Novos Tempos, 1984; e GURVITCH, Georg. *Proudhon*. Lisboa: Edições 70, 1983.

Como o leitor pode verificar, há uma escola socialista – a negativista<sup>25</sup> – avessa a todo projeto de sociedade que reinstale o domínio. Se, por um lado, atualmente existe um tipo de convenção estabelecendo o socialismo como obsoleto, por outro lado, devemos ter claro ser esta postura válida apenas para a vertente jacobina, a qual possui em Marx o mais expressivo herdeiro. Não pretendo me alongar nessa arenga, mesmo porque existe atualmente farta literatura abordando as relações entre anarquistas e Karl Marx.<sup>26</sup> Além do mais, como já colocado acima, o próprio Florentino de Carvalho, em capítulos da segunda parte<sup>27</sup> desta obra, mais particularmente nos de número 12, 13 e 14, denominados respec-

[25] No capítulo 21 deste seu livro, intitulado “Política e sociologia”, Florentino de Carvalho apresenta o anarquismo como sinônimo de negativismo em relação ao aspecto da instauração de instituições políticas numa sociedade nova. Contrariamente aos governistas de qualquer escola, que se definem no âmbito da política, e de sindicalistas que se colocam teoricamente, ressalva Florentino, no campo da neutralidade, apenas os anarquistas são “antipolíticos”.

[26] Sobre as polêmicas entre Karl Marx e Max Stirner, ver: SOUZA, José Crisóstomo de. *A Questão da Individualidade: a crítica do humano e do social na polêmica Stirner-Marx*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993; entre Karl Marx e Pierre-Joseph Proudhon, ver as seguintes obras: GURVITCH, Georg. *Proudhon*. Lisboa: Edições 70, 1983; e GURVITCH, G. *Proudhon e Marx*. Lisboa: Presença, 1980. 2 v.. Uma obra importantíssima de Proudhon acabou de ser publicada no Brasil: PROUDHON, Pierre-Joseph. *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*. Tradução de J. C. Morel. São Paulo: Ícone, 2003. I Tomo, na qual o leitor pode acompanhar, na introdução elaborada por Morel, uma exposição da polêmica entre Proudhon e Marx a partir do episódio de publicação desta obra e de seus antecedentes; entre Karl Marx e Mikhail Alexandrovitch Bakunin, ver: NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. *Bakunin: Sangue, Suor e Barricadas*. Campinas, SP: Papyrus, 1988; e BARRUÉ, Jean. *Bakunin e Netchaiev (Três Estudos sobre Bakunin)*. In: BARRUÉ, Jean. *O Anarquismo Hoje*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976; e do próprio Bakunin acerca do pensamento político de Marx, ver: BAKUNIN, Mikhail A. *op. cit.* 2001. Encontramos em FERREIRA, José Maria Carvalho. *Portugal no Contexto da “Transição para o Socialismo”: história de um equívoco*. Blumenau: Ed. da FURB, 1997, sobretudo na primeira parte e na conclusão, reflexões acerca do pensamento político de Karl Marx e Friedrich Engels como seus mais destacados seguidores. Por fim, para uma abordagem geral, a partir de uma perspectiva anarquista, do pensamento sócio-político e de práticas de Karl Marx, ver particularmente a coletânea JOYEUX, Maurice et alii. *Os Anarquistas Julgam Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001. Nesta coletânea, há um artigo de Gaston Leval intitulado “Bakunin e o estado marxista”, no qual o autor procede a uma análise comparativa do pensamento político de Marx a partir da crítica de Bakunin.

[27] Noutros capítulos desta segunda parte – denominada “A luta social” – como o 16 e o 17, respectivamente intitulados “Falência do sindicalismo” e “Frente Única”, o autor volta a essa questão. Também noutros capítulos da terceira e da quarta parte, sob títulos “Transição subversiva” e “Perspectiva da nova civilização”, esse tema é novamente abordado considerando outros enfoques, perspectivas e implicações.

tivamente “Regime bolchevista”, “Utopia da ditadura do proletariado” e “Experiência marxista”, analisa essas questões com muita propriedade.

O pensamento anarquista constitui significativos esforços de escape aos autoritarismos sob qualquer roupagem. Entretanto existem momentos de espasmos de absolutismo em correntes negativistas. Apesar disso, há de se reconhecer serem os anarquistas os primeiros a se contraporem aos projetos de um socialismo hierarquizante, centralista, de cariz jacobino, elaborando as críticas mais profundas a essas iniciativas. De fato, tanto o socialismo estatal como o libertário resultam, entre outros fatores, do atrito entre ambos. Nesta direção, o socialismo autoritário já surge arcaico, obsoleto e morto, acusam os anarquistas com Stirner, Proudhon, Bakunin e Kropotkin à frente. Se, por um lado, as críticas dos anarquistas clássicos tomam direções variadas no que se refere à dimensão construtiva de seus pensamentos, por outro, há de comum a todos os anarquistas uma taxativa recusa do princípio de autoridade. Quanto às negativas, todo pensador e militante libertário encontra-se no mesmo patamar. Acontece mesmo de haver quem se afirme fora do campo anarquista, como, em alguns escritos, o russo Leon Tolstói, e tenha seu pensamento dentro do campo anarquista. Godwin<sup>28</sup> formou seu pensamento social absolutamente anarquista no século XVIII usando a palavra anarquia no sentido pejorativo – Proudhon<sup>29</sup> foi o primeiro a positivá-la –, o que não é motivo para afirmar não se encontrar nesse campo. Numa perspectiva inversa, apreciar em Thoreau um anarcoindividualismo, como muitos o fazem, é equívoco. Seu pensamento não

---

[28] A obra célebre de William Godwin (1756-1836) é *Enquiry Concerning Political Justice and its Influence on Morals and Happiness*. [Inquérito Concernente à Justiça Política e sua Influência sobre a Moral e a Felicidade], editada em 1793. No ano de 1946, houve uma reedição fac-similar pela University of Toronto Press e, em 1969, foi feita outra impressão. Apesar de ter influenciado o pensamento liberal e federalista anglo-saxão, seu nome e obra foram esquecidos. Em português, há fragmentos de seu pensamento em: WOODCOCK, G. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1981; e uma análise biobibliográfica em: WOODCOCK, G. *Anarquismo – uma história das ideias e movimentos libertários – A Ideia*. v. 1. Porto Alegre: L&PM, 1983. Neste último, Woodcock registra o fato de Godwin, apesar de usar a palavra anarquia num sentido de caos e desordem, preferi-la ao governo, pois se este tende a se perpetuar, a anarquia, de seu lado, é sempre passageira. Ver: WOODCOCK, *op. cit.* p. 51 e seguintes.

[29] Ver nota 14.

possui dimensão negativa do princípio de autoridade,<sup>30</sup> sendo mais adequado considerá-lo um liberal ultraradical.

Considerados apenas a partir da dimensão construtiva de suas obras, os chamados clássicos do anarquismo são facilmente tidos na conta de integrantes de campos absolutamente distintos. Como “anarquia” é uma palavra com sentido de negação de governo central, que deve ser entendida também como negação do princípio de autoridade, é nesta dimensão que devemos considerar a existência de ponto comum entre os diversos pensadores e ativistas da anarquia. Este procedimento não exclui a análise de suas particularidades, de suas aproximações e de seus distanciamentos. O que caracteriza um pensamento como anarquista é o fato de este possuir simultaneamente uma dimensão destrutiva (iconoclasta) e outra construtiva (afirmativa), situação esta aplicável aos pensadores acima referidos. Um pensamento constituído apenas de negações, como o niilismo, o ceticismo ou o pessimismo, apresenta-se incompleto, além de estabelecer a ocasião para a restauração e conservação do *status quo* hierarquizante. Nessa direção, e refletindo sobre a questão do sindicalismo em face do pensamento e do movimento anarquista, Florentino de Carvalho, em artigo escrito na imprensa operária, afirma:

Devemos também saber que, ao lado desta fase de movimento operário, negativa do ambiente em que vegetamos, deve-se (*sic*) apresentar a fase positiva, as ideias de reorganização social segundo os nossos princípios libertários, pois a história nos ensina que nenhuma coletividade conseguiu jamais triunfar empregando unicamente um sistema de negações.

Não podemos determinar, *a priori*, qual será a nova forma de organização social, mas podemos estabelecer em princípio as bases com as quais possamos demonstrar ao proletariado a possibilidade de criar um regime de igualdade e de liberdade.

---

[30] O texto de maior projeção de Thoreau expressa, logo nas páginas iniciais, essa questão. Ver: THOREAU, H. D. *A Desobediência Civil*. In: THOREAU, *op. cit.* p. 35-70. Ver: NASCIMENTO, *op. cit.* cap. 4, sobre o pensamento negativista de Florentino de Carvalho; e cap. 5 e 6 sobre seu pensamento afirmativo. Na nota 1, há uma rápida apresentação deste livro.

## Encerrando o raciocínio de forma incisiva:

Não se destrói senão aquilo que se substitui.<sup>31</sup>

Também neste seu livro, após expor críticas ao pensamento socialista estatal, à hoje extinta URSS e aos partidos de esquerda, elabora reflexões na mesma direção.

Não se explica o exagerado pessimismo de certos filósofos quanto ao progresso científico, filosófico e social, assim como não se compreende o temor de uma retrogradação.

Se a nova filosofia – o anarquismo, se manifestasse por um criticismo incerto, nebuloso; se fosse incompleta, se não passasse de puras negações, teria cabido esse pessimismo.

Como, porém, é uma filosofia clara, perfeitamente definida, com elementos científicos suficientes, como já penetrou o campo das realizações práticas, o pessimismo não há lugar.<sup>32</sup>

No Brasil, Florentino de Carvalho foi um dos primeiros a alertar os trabalhadores acerca dos perigos que representava o bolchevismo para a liberdade individual e coletiva. Em diversos artigos escritos para a imprensa operária, desde pelo menos os anos de 1913, apontava para o engodo dos partidos e, sobretudo, daqueles autoproclamados representantes dos trabalhadores. Neste seu primeiro livro, escrito numa época de euforia mundial a favor da URSS, assinala a inevitável falência desta experiência, apontando-a como refúgio da burguesia, além de afirmar – no capítulo em que elaborara o pensamento acima endentado – ser de vida efêmera.

O papão socialista governamental, caso a burguesia continue a utilizá-lo em seus planos de ataque às multidões insubmissas, será “flor de um dia”.

[31] In: Atitude dos Anarquistas Ante o Movimento Operário. *Guerra Sociale*. São Paulo/SP, ano I, n. 06, 13 nov. 1915.

[32] In: Ideais e realizações. cap. 29.

Florentino de Carvalho foi, muitas vezes, incompreendido entre seus pares por conta da intransigência e da veemência de seu combate a deputados socialistas, como Maurício de Lacerda, e também aos anarquistas que cogitavam, em 1920, a formação de um partido comunista brasileiro seguindo os moldes do bolchevismo russo. Dessa maneira, considerando a instauração da diversidade na sociabilidade humana como elemento caro, de um lado, a uma vertente no pensamento anarquista, todas as suas escolas têm em comum, por outro lado, a negação do monopólio do poder por parte de qualquer segmento da sociedade, mesmo que este aspecto negativista seja escamoteado em vertentes anárquicas que, a despeito de elaborarem a crítica às hierarquias, reinstalam universais. A propósito, temos na crítica à transcendência, aos absolutos, a trave mestra desta obra e do seu pensamento. Neste seu primeiro livro, o leitor encontra toda a extensa análise do problema social iniciada na negação à transcendência. Esta possui a forma mais conhecida no pensamento e nas práticas religiosas, mas se transmutou, na modernidade, no Estado e em outros conceitos, pensamentos e instituições centralizadoras, absortivas, reducionistas, exclusivistas e instauradoras de hierarquias. Dessa maneira, encontramos em seu pensamento a negação do princípio de autoridade como postulado da vida social, rejeitando a instauração do pensamento único realizado através da religião, do capitalismo e do estatismo. Aqui, seguindo procedências stirneanas, o ateísmo é enriquecido, deixando de ser restrito à esfera do campo eminentemente religioso, estendendo-se para outras esferas tidas convencionalmente na medida de áreas alheias ao mundo da transcendência. Nesse sentido, em relação às formas de governo, o autor rejeita todos os projetos governistas como também toda concepção atualizadora da exploração do homem sobre o homem, e todo o pensamento fechado sobre si mesmo, por entendê-los expressões diferenciadas da perspectiva universalista.

Outras proveniências, neste campo, vêm de Kropotkin. Florentino de Carvalho destaca sua contribuição a partir da formulação da teoria da ajuda mútua como fator de progresso.<sup>33</sup> Criticando a ideia elaborada

[33] Os evolucionistas, em sua esmagadora maioria, concebiam o processo evolucionário como sendo unilinear e fatal. Aqui tem um destaque central a ideia ocidental de tempo: uma linha reta procedente das origens num passado remoto,

por Charles Darwin de conflito e de luta entre as espécies como parte destacada do processo de seleção natural dos mais fortes, como também da aplicação destas ideias para o campo de análises sociais, aponta para as proveniências religiosas desta concepção, afirmando a superioridade do aporte kropotkiniano a um entendimento materialista dos fenômenos naturais e sociais. O conflito não se sustenta como referencial explicativo dos fatos, pois é evidente que, para existirem conflitos entre espécies, é necessária a existência anterior das espécies. Assim, no interior destas, prevalecem cooperação, solidariedade, ajuda mútua e não lutas.<sup>34</sup> Mesmo quanto às relações entre as espécies animais, a cooperação se sobrepõe ao conflito. Basta observar a recorrência de relações simbióticas. Indo mais longe ainda, sustenta essa ideia em relação ao próprio cosmos, no qual os princípios simpáticos, e não os de atrito, regem as relações dos astros. De outro lado, a noção de luta e conflito como motor das transformações tem relação direta com uma concepção religiosa, bíblica mais especificamente, de humanidade como queda, a possuir caráter inclinado para o mal, como também de natureza como degeneração de um projeto divino inicial.<sup>35</sup>

Florentino de Carvalho observou, dentro das diversas propostas existentes no amplo espectro do pensamento anarquista – a anarco-comunista, a anarcocoletivista, a anarcoindividualista, a mutualista, a anarcossindicalista – a existência de atitudes marcadamente absolutistas. Isto acontece porque nelas reside a ideia de solução geral aplicável

---

rumo ao futuro, correndo sempre para frente como um rio. Neste sentido, o progresso é compreendido como avanço em que a sofisticação tecnológica serve de referencial para medir o grau de evolução das sociedades. Ainda nessa perspectiva, as sociedades, na maior das hipóteses, estacionam seu processo evolucionário, sendo inadmissível a regressão. Kropotkin e Reclus constituem exceção entre os evolucionistas, pois consideram como plausível, em sua concepção de evolução, tanto movimentos regressivos como em diversas direções. Para uma abordagem sobre os evolucionistas na antropologia, ver entre outros: AZCONA, *op. cit.* e LABURTHE-TOLRA, *op. cit.*; sobre o pensamento antropológico de Kropotkin, ver: KROPOTKIN, P. *El Apoyo Mutuo: un factor de la evolución*. Móstoles: Ediciones Madre Tierra, 1989 e KROPOTKIN, P. *Ética – origen y evolución de la moral (parte primera)*. Buenos Aires: Editorial Argonauta, 1925; sobre o pensamento social de Reclus, ver: RECLUS, Elisée. *Reclus: textos escolhidos*. ANDRADE, Manuel Correia de (org.) São Paulo: Ática, 1988 (Coleção Grandes Cientistas Sociais) e RECLUS, E. *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

[34] Aqui temos uma alusão explícita ao materialismo histórico de Karl Marx e Friedrich Engels, em que, como é do conhecimento de todos, a luta de classes é apontada como o motor da história. Quanto às reflexões de Florentino de Carvalho em relação ao pensamento de político de Marx, ver nota 22.

[35] Florentino de Carvalho expõe suas reflexões em diversos capítulos deste livro. Contudo, em capítulos da quarta parte – Perspectiva da nova civilização – encontramos com maiores detalhes a constituição de seu ateísmo, ao passo em que se torna mais clara a configuração e relevância deste conceito no seu pensamento social.

em todo e qualquer agrupamento humano. Esta postura consiste num universalismo, num enfoque absorcivo, de cunho eminentemente transcendental. Todo projeto, mesmo libertário, anarquista, ao estabelecer unidades centralizadoras, constitui outra expressão de transcendências.

Assim, elabora críticas ao sindicalismo, ao municipalismo, ao comunismo, ao regionalismo, ao nacionalismo e ao internacionalismo, como também na unilateralidade no estudo e na ação social, por perceber neles a manutenção de princípios absolutistas. Tais espécies de projetos sociais consistem em novos obstáculos impostos à sociedade, pois limitam, impedem e entram a liberdade das suas transmutações ao estabelecerem a ideia de perfeição para as relações sociais, determinando por antecipação a sua forma final. Sustenta Florentino de Carvalho a não existência de finitude nas vicissitudes da sociabilidade humana, nem tampouco se sustenta a ideia de perfeição neste domínio. Tanto a ideia de perfeição como a de estagnação na vida social são abordagens eminentemente transcendentais, fato este a se encontrar presente tanto nos pensamentos e propostas abertamente autoritários como em muitos provenientes do campo libertário.

Nesse meio podemos encontrar, em contraposição aos universalistas, os chamados *anarquistas sem adjetivos*,<sup>36</sup> que adotam uma das escolas em particular – no caso Florentino de Carvalho adere à corrente comunista –, mas fogem da inclinação à universalização de sua proposta específica, deixando para os grupos locais a tarefa de definir a forma que mais lhes pareça adequada. Os *anarquistas sem adjetivos* forjaram um pensamento e uma ação em frontal oposição a concepções generalizantes, apontando e criticando, também dentro do campo do movimento e do pensamento anarquista, o estabelecimento por vezes de dispositivos religiosos na forma de projetos universalistas. Na contramão dos projetos absolutistas – quer referenciados em postulados autoritários, quer em outros de cariz libertário –, encontramos expresso no capítulo 26 deste seu primeiro livro, denominado “Economia”, seu entendimento quanto à forma de constituição de uma sociedade libertária:

---

[36] Abordo com mais detalhe o *anarquismo sem adjetivos* de Florentino de Carvalho em outro momento. Ver: NASCIMENTO, *op. cit.*, cap. 5, especialmente o primeiro item.

Segundo a filosofia anarquista, a sociedade há de ser a organização de uma série ilimitada de grupos, de associações, de federações, de comunas locais, regionais, universais, sem fronteiras, vivendo paralelamente, agindo pela livre e mútua cooperação, transformando-se ou sucedendo-se indefinidamente.

Um dos mais expressivos combates de Florentino de Carvalho nessa direção se deu com os anarcossindicalistas, ou sindicalistas revolucionários. De início, o sindicalismo constituiu expressão limitada da questão social, por tratar apenas de interesses econômicos, além de ser essencialmente corporativista, sendo, desta maneira, um instrumento ineficaz para o estabelecimento de novas relações sociais. A sua principal crítica se dá quanto à unilateralidade sociológica ou filosófica na reflexão e na ação social. Entende tal procedimento como nova forma de estabelecimento de um outro centro na vida social, enquanto a iconoclastia constitui o ponto de partida para suas reflexões e atuações. As posições excludentes, restritas e limitantes existentes nas perspectivas exclusivistas, como a sindicalista, desconsideram a possibilidade, bastante plausível, de outras soluções para outras localidades, caindo no paradoxo de, ao criticar a sociedade do domínio capitalista e estatista, estabelecer novos absolutos. Portanto, o exclusivismo sociológico ou filosófico, constitui procedimento equivocado diante da imensidão de realidades.

Essas ideias vêm num crescente em seu livro à medida que vamos avançando na leitura, a ponto de findarmos as páginas não com uma conclusão ou um encerramento fechado sobre si mesmo, como normalmente é esperado de um livro, mas numa culminância de si e uma abertura para o infinito. Em sua perspectiva, a sociabilidade humana está em constante mutação. Em forma de diálogo imaginário entre o autor e alguém a questionar a ideia de anarquia como perfeição social, encontramos no último capítulo deste seu livro, denominado “Ideais e realizações”, as seguintes palavras finais:

\_ E depois, extinto o velho regime e vencido o período de perturbação provocada pelos seus vestígios, estará tudo terminado?

\_ Não.

Como nada existe de absoluto e os seres não alcançarão a perfeição, a Anarquia continuará, através dos séculos, iluminando o homem em sua marcha para mais felizes destinos.

Depois desta exposição, cabe questionar qual a razão da atitude de menosprezo por este período por parte de estudiosos do pensamento sócio-político e do trabalho no Brasil e, por extensão, do esquecimento de autores como Florentino de Carvalho e de obras como esta que aqui apresentamos? As razões desta “amnésia” podem ser apresentadas de forma resumida nos seguintes fatores: 1 – resultado do investimento de setores sociais (governantes, patronato e amigos da servidão) na repressão e no silenciamento de segmentos da sociedade de modo a favorecer o desconhecimento de toda uma época com seus experimentos em instauração de sociabilidades refratárias ao domínio, à hierarquia, em benefício de correntes políticas partidárias e de setores privilegiados da mesma sociedade; 2 – a busca em evitar problematizar toda uma historiografia consagrada que tem relação direta com a manutenção da concepção vigente de vida e sociedade e com partidos políticos; 3 – a procura por eclipsar outras obras deste tipo; 4 – a criação de dificuldade em compreender a possibilidade de imediata instauração de vida libertária, oposta às hierarquias; 5 – o apagamento de uma visibilidade social de outros processos, avessos ao disciplinar e disciplinador, de elaboração, produção e socialização de conhecimento; 6 – por fim, a criação de ocasião para o estabelecimento e a reafirmação de vetores autoritários na vida de relação, “limpando o terreno” para a naturalização da relação dominador/dominado.

Essas são algumas razões para o apagamento calculado de críticas, propostas e realizações anárquicas na esfera da vida social. Falta realizar um esforço para resgatá-las do ostracismo, facultando a estudiosos da questão social e interessados a oportunidade de conhecer uma parcela significativa do pensamento social produzido por trabalhadores em solo brasileiro. Pensamentos estes que se apresentam com uma atualidade

impressionante, descontados alguns aspectos relacionados a temas da época e do estilo de escrita do período. Essas ponderações não excluem a existência de feições problemáticas no livro em questão, que se dá dependendo da perspectiva de quem observa. Na minha opinião, alguns aspectos das reflexões elaboradas por Florentino em relação à mulher e à família no capítulo 28, denominado “Ordem social”, são discutíveis. Diversos autores no próprio campo do anarquismo criticaram tenazmente posturas desta espécie. Entretanto, sem minimizar as críticas – com as quais concordo – quanto à percepção da mulher como tendo na maternidade a completude de seu ser, convenhamos que tais críticas só podem ser formuladas porque o autor produziu reflexões dentro deste tema, não se furtando a abordar diversas áreas da vasta questão social. Por isso, ao pensar a “vida de relação”, como costuma designar, se expõe ao crivo dos leitores e do pensamento crítico. Neste sentido, o anarquismo possui como diferencial diante das demais correntes do pensamento social e do socialismo o fato de procurar atuar em todas as dimensões da sociabilidade humana, entendendo que uma transformação não deve se restringir a uma ou algumas poucas manifestações da vida social. Assim ele expressa no capítulo 23, denominado “A revolução social”:

A psicologia das revoluções sociais mostra que estas devem abranger todas as manifestações da vida de relação.

Finalmente, enquanto as expressões socialistas autoritárias reduzem a questão social a um ou a alguns poucos aspectos (econômico, jurídico, político), estando, até certo ponto, isentos de serem criticados por reflexões que não elaboraram,<sup>37</sup> o anarquismo produziu não apenas reflexões, mas diversas experiências em vários campos da vida humana. É assim que a relação do ser humano com o cosmos e com o planeta, com outros seres vivos, entre culturas e povos, quanto à educação, à sexualidade, à linguagem, à alimentação, à religiosidade, à infância, à estética e à

---

[37] O caso mais emblemático desses procedimentos reducionistas é o de Karl Marx. Sua contribuição ao pensamento econômico e político é de conhecimento geral. Por outro lado, se o leitor quiser ler algo sobre a relação de Marx com dinheiro, mulheres, saúde e doença, leia: PILGRIM, Volker Elis. *Adieu Marx – Marx: violência e exploração no ambiente familiar*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

arte, entre outros, foi abordada e tratada não como epifenômeno de alguma instância social tida na conta de fundamental ou determinante, mas sim como dimensão por demais importante na sociabilidade humana.

Estas palavras de apresentação já vão muito longas. Mas são algumas das reflexões a mim sugeridas pela leitura deste livro. O leitor pode fazer a sua própria leitura e compartilhar suas ponderações. Até mais ver!



.....

## *As forças do progresso*

.....

*A Natureza, ao alcançar elevados graus em sua evolução, germina os seres rudimentares e os superiormente organizados, culminando a sua perfeição no homem, em cuja entidade florescem os pendores sensitivos e cintila a inteligência, sem outras restrições que as determinadas pelos incidentes peculiares à ascensão do nosso planeta e das espécies que o habitam.*

*As forças da Natureza são fontes inesgotáveis de vida e de progresso.*

*Essas fontes maravilhosas, convergindo para amenizar as condições mesológicas, e as superiores faculdades do homem, acelerando e aperfeiçoando a indústria e a economia social, representam uma cadeia de potências que, dirigidas no sentido racional e lógico da supervivência dos seres, indistintamente, elevariam a humanidade ao apogeu do seu desenvolvimento.*

*Como corolário, as artes, as ciências, a filosofia, os grandes ideais de liberdade, de igualdade e de fraternidade, servindo de fato como força propulsora da dinâmica social e dos arroubos do Gênio, franqueariam ao homem amplos horizontes de luz e de felicidade, que se encontram nas infinitas expansões do sentimento e do espírito, e lhe facultariam a conquista de uma ética superior.*



# *Colapso da civilização histórica*



## *Parte Primeira* *A Hecatombe*

*O socorro mais urgente deve ser prestado às faculdades psicológicas das multidões,<sup>38</sup> a fim de que estejam à altura dos grandes momentos históricos, de transição social, e aptos para a grande obra de regeneração humana.*

---

[38] **Nota do Org.:** Com “faculdades psicológicas das multidões”, “faculdades superiores do indivíduo” (Constituição e Decadência das Democracias – cap. XIX) ou, como expresso na assertiva do prefácio, “superiores faculdades do homem”, e mesmo em outros momentos deste livro, o autor quer tratar do que chama, no mesmo capítulo acima referido, de “princípios dinâmicos individuais”, que consiste, em rápidas palavras, nos referenciais norteadores da percepção humana constituindo elementos essenciais na criação e invenção da realidade. Esse é um processo seletivo que implica inclusão e exclusão de elementos e variáveis que adentram o campo das sensibilidades humanas. Dessa maneira, chama a atenção para a importância dos caracteres sentimentais, intelectuais e do meio, uma vez que estes se conjugam, de maneira seriada, na configuração do quadro de relações sociais estabelecidas ou em vias de estabelecimento.



.....

I

## *Tendal de vítimas*

.....

**Perspectiva sinistra – Calamitosos efeitos da centralização capitalista –  
Causas da assombrosa mortalidade – Eloquência das estatísticas**

*O mundo civilizado não passa de uma enorme enfermaria, cujos doentes enchem os ares com pungentes gemidos e se contorcem, vítimas de todos os sofrimentos.*

*M. Nordau*

**N**O IMENSO TURBILHÃO DA UNIVERSAL TRAGÉDIA HUMANA, AS rajadas de iniquidades sociais, de dores físicas e morais, de delírios e loucuras do espírito, de flagelos e hecatombes, que presidem o calvário de todas as gerações, são tão soberbas que a mente nem de leve obtém uma imagem mais ou menos clara dessa perspectiva sinistra.

O seu valor e significação escapam às mentalidades mais penetrantes e argutas, distinguindo, apenas, pálidos reflexos desta subversão, que sufoca todas as energias e opõe diques à avalanche do progresso.

O produtor rural, majestosa coluna de todas as instituições burguesas e da civilização histórica, agoniza, com a sua triste prole, faminta e maltrapilha, sobre a terra fecunda, que o proprietário particular, o Estado e a Igreja criminosamente detêm e usufruem.

E se o camponês, rude, porém modelo único de pundonor e de laboriosidade, sucumbe ao infortúnio, o proletariado urbano, o Hércules da Indústria, contorce-se no lugar comum das oficinas, das fábricas, das minas, dos porões ou dos “cortiços”, onde não penetram os raios solares, nem o oxigênio circula, constatando-se que o Sol não nasce para todos, que o ar – esse maravilhoso princípio de vitalidade – reservou-o o Padre Eterno, como uma gentileza, para os senhores plutocratas.

Ao lado do proletariado que se estiola em terra e do que do tombadilho dos navios desafia as tempestades, sendo com frequência o Oceano a sua “digna sepultura”, o proletariado intelectual, o condenado do escritório, encontra-se numa condição econômica e moral inferior.

O trabalho nervoso (muito mais exaustivo que o trabalho muscular), a vida sedentária, imóvel, origem de inúmeras enfermidades, que em breve o enfraquecem, envelhecem ou eliminam, são insignificâncias ante o tirocínio de humilhações e provações de subserviência, de degradação moral de que é vítima.

\*\*

Vegetando como sapos à beira dos pântanos, onde se conglomeram todos os detritos, amalgamando-se nos centros industriais e comerciais por obra mágica da centralização capitalista, não pode o homem, no presente regime, libertar-se dos torvelinhos sociais, centro de gravidade do vírus infeccioso que enche a atmosfera e decepa vidas a granel.

Enormes parcelas ilustram as estatísticas da mortalidade universal, causada pela tuberculose, pela sífilis e outras doenças de constituição social ou epidêmica. E se a esta mortalidade acrescentarmos a produzida pelo serviço noturno, pelos acidentes de trabalho, pela má qualidade dos alimentos e seu envenenamento, ou pela miséria, a que parcela assombrosa não atingirá o número de vítimas da nossa civilização?

E quão interessante não seria a elaboração de uma estatística da mortalidade resultante das doenças morais, da neurose, que prolifera sob o azorrague da tirania, do espezzinhamento (*sic*) da dignidade individual,<sup>39</sup> das determinadas pelo fanatismo religioso, pelas consequências da guerra, das pugnas políticas e da luta social?

Se somarmos o número de vítimas das enfermidades que têm a sua origem no artifício social, poderemos cientificar-nos de que ultrapassa – tendo em vista a classificação das doenças – o de muitas humanidades.

O doente é o tipo normal; o sadio é a exceção.

---

[39] As penas do espírito impulsam [*sic*] ao suicídio muito mais do que as penas do corpo. Estas são distraídas por mil causas, porém aquelas absorvem totalmente o cérebro. Pela mesma razão, os prazeres chamados intelectuais são os maiores de todos (MESLIER). (N. A.).

Já não se trata de saber quantos doentes povoam a Terra, – este “grande hospital”, – trata-se de saber quantas doenças sofre cada organismo humano, prematuramente mutilado, degenerado ou decomposto pela virulência do *morbus*.

Não nos propomos, neste trabalho, descortinar a pungente condição das classes produtoras, nem da velhice esquecida, da infância órfã ou desamparada, mas não podemos deixar de trazer à luz da vindicta pública alguns fatos incontestáveis, espelho da nossa decadente civilização.

Compulsando as estatísticas sobre a redução dos salários na Europa e na América, verifica-se que ela atinge uma média de 40% e que o custo de vida sofreu uma redução<sup>40</sup> de 27%.

Nos dois continentes, a atual crise econômica expulsou do trabalho e deixou sem pão uma média de dez milhões de operários de ambos os sexos.

O mais curioso é que o progresso industrial é um fator do aumento assombroso da mortalidade infantil.

Na Inglaterra, sobre 1000 falecimentos, 162 são de crianças de tenra idade. Em vários centros industriais franceses, a proporção alcançou a enorme cifra de 577 por 1000. Nos cemitérios de muitas cidades industriais, como Roubaie e Tourcoing, em cada três túmulos encontra-se o túmulo de uma criança de 10 anos. Em São Paulo (Brasil), a mortalidade infantil de crianças de um ano é de 175%; em Berlim (1916), 116; Amsterdã (1910), 67%. No Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil, a porcentagem é muito superior.

Pelo que as estatísticas acusam a respeito da mortalidade, vê-se que, além das condições mesológicas naturais e do progresso industrial, existem outros fatores de ordem social, entre os quais se destaca a incultura das massas.

Na possibilidade de que as nossas apreciações possam ser interpretadas como resultado da exaltação, de que se duvide da nossa serenidade, damos a palavra à redação do *Estado de São Paulo*, órgão reacionário.

---

[40] **Nota do Org.:** no original está escrito “redução”. Talvez tenha sido um erro gráfico e a palavra devesse ser “aumento” no lugar de “redução”. Deixo aqui registrada esta observação. De qualquer maneira, a redução do salário foi bem mais expressiva do que a redução do custo de vida.

Com referência à legislação sobre o trabalho de menores, escreve a ilustre redação:

Em falta de coisa de maior valia, cumpre-nos defender a migalha que possuímos. E esse intuito se justifica quando, pelo noticiário quotidiano, chegamos ao conhecimento de que uma quantidade pasmosa (sic) de crianças é vítima de acidentes no trabalho, ficando mutiladas pelos maquinismos de grandes e pequenas fábricas.

Sobre o mesmo caso, reproduzimos também aqui as ponderações feitas pelo sr. dr. Moncorvo Filho, conservador, amigo da legalidade e, portanto, insuspeito de subversivismo (sic). Diz o ilustre publicista:

Quanto há nesse sentido a respingar, quando volvemos os olhos para nossa nupcialidade, com todo o cortejo das questões que a ela se prendem, como as heranças, o flagelo da tuberculose, da avaria e do atilismo, etc.; para a cifra da natalidade brasileira, tão discordante de um extremo a outro do país, e tão fraca em relação ao Rio de Janeiro, lembrando-nos os efeitos daqueles flagelos da humanidade; a falta de leis de proteção à mulher e à criança, a ilegitimidade das uniões, a miséria, o aborto criminoso e tantos outros fatores; para este terrível fantasma das sociedades, que é a mortalidade infantil e a mortinatalidade, qualquer das duas é um entrave ao progresso do país; para a morbosidade que tão caldada é nos primeiros tempos da vida, sobretudo na rubrica das doenças do aparelho digestivo, cujo coeficiente é espantoso; para a “deliquescência infantil”;<sup>41</sup> o abandono moral; os castigos, crueldades e crimes cometidos contra a indefesa infância, e tantos outros assuntos dos quais bem poucos cogitam em nosso meio, sempre cruelmente torturados pela preocupação de uma política que não deixa uma réstia de luz que nos ilumine, que nos priva da salutar bafagem de que carecemos para fugir a essa deplorável inércia e inconsciente estagnação em que nos achamos, assistindo a todos os países cultos caminharem a passos agigantados.

[41] Contra a deliquescência infantil, os nossos magistrados não encontraram melhor lenitivo do que a criação de tribunais especiais e institutos correcionais, espantosos antros de tortura, de relaxamento físico e moral. E estes senhores doutores em ciências jurídicas saberão dizer-nos quem se deve sentar no banquinho dos réus, se a criança ou o juiz? A resposta, encontramos-la no seguinte pensamento de Junqueiro: “Não é lógico nem justo colocar a inocência aos pés do crime”. (N. A.).

.....

## II

### *Os inquilinos, novos párias*

.....

#### **Arquitetura moderna – A “casa individual” – O desterrado – Proteção da lei – O lar e sua influência social**

**S**E AS ARTES SÃO O ESPELHO DA ÉTICA, A DO NOSSO SÉCULO NÃO ATIN-  
ge à dos antigos helenos, apesar das centúrias que deles nos separam. Exemplo frisante no-lo oferece a construção aventina, que se reflete nas negras chaminés de Londres e nos grotescos raspa-céus de Nova York. E melhor exemplo no-lo oferecem as construções nos bairros mais populosos das grandes urbes, nas vilas ou arraiais, onde a generalidade dos edifícios são cubículos sem ar e sem luz, ou toscos simulacros de choupanas, construídos com desperdícios de madeira, de folha de Flandres, ou com frangalhos imundos apanhados nos logradouros em que se escoam os detritos das povoações.

São estas as joias que, em Viena, Budapeste, Lisboa, Madrid, Rio de Janeiro, Buenos Aires, etc., etc., expõem o mundo civilizado e... para os civilizados, em matéria arquitetônica.

A “casa individual”, edificada no rigor da higiene e da estética, é apanágio da pequena elite senhorial, que não se deixou engolfar na torrente da finança e da sua conseqüente depravação, e só por esse fato não se extinguiram nela os sentimentos artísticos. A grande maioria da humanidade, por ignorância e por condição social, permanece isolada destes, como de todos os benefícios do progresso.

O homem é um desterrado, um pobre de solenidade, a percorrer o Mundo em peregrinação de vicissitudes infindas. Quando estaciona, fá-lo em condições de intruso e de escravo, entregando ao usurpador da Natureza o produto do próprio suor, em compensação da sua estadia no covil que provisoriamente lhe serve de albergue.

.....

III

*A escravidão das classes liberais*<sup>42</sup>

.....

A civilização histórica derruiu o lar, com todos os seus encantos, proscreeu a família, dissolveu a sociedade.

O “habitante” desapareceu para dar lugar ao “inquilino”, moderno pária do proprietário particular ou “público”.

Sob as várias estruturas econômicas, individualistas, coletivistas, ou comunistas, do regime burguês e das democracias pseudoproletárias, a negra sorte do inquilino obedece às oscilações da oferta e da procura.

A sapiência dos magistrados, guiados pela estrela do Direito Histórico, criou leis protetoras... que favorecem o inquilino com mandados de despejo ou confisco dos seus trastes, além de ordens de prisão, se não estiver em dia com o senhorio ou não cumprir religiosamente os seus “santos” mandamentos.

Como vimos acima, a própria burguesia não navega em mar sereno; ela pressente que a riqueza lhe foge das mãos e treme, apavorada, ao ver-se à beira do abismo em que a história sumiu o proletariado.

A propósito, um ilustre escritor, conservador e católico, escreve no *Jornal de Commercio*, edição de S. Paulo:

[...] a pequena propriedade não poderia ser dividida, não deveria poder ser sequestrada...

Mesmo os ricos queriam ter uma garantia da família, teto e lar sagrados, último refúgio dos náufragos na luta pela vida.

O homem prefere a paz do lar; sem família não há propriedade.

Entretanto, não a propriedade, que é uma abstração, mas a terra é que não deveria ser sequestrada, a fim de que o homem pudesse nela construir o seu ninho, com todo conforto e beleza, descartando a peregrina ideia – aliás vulgarizada pelos exploradores – de se construírem casas para professores, jornalistas, estudantes pobres e funcionários, empregados ou operários, como se, porventura, se tratasse de animais domésticos, ideia que fere no mais íntimo os foros das classes populares e produtoras.

**Privilégio do curandeirismo oficial – Inversão do exercício da medicina – Triste figura dos cavalheiros do Direito Histórico – A imoralidade na advocacia**

**O** TERMO “LIBERAIS”, QUE DISTINGUE ALGUMAS DAS CLASSES DE CERTA ascendência social, exprime uma fina ironia.

No presente estado social, de lei de bronze, é uma loucura falar de liberdade.

Em medicina, por exemplo, unicamente é reconhecido o cânon oficial. A medicina extraoficial e os seus cultores estão fora da lei, são odiados, perseguidos, para gáudio do mesinheirismo (*sic*) burocrático.

Os discípulos de Hipócrates, que torturam a mente para penetrar os segredos dessa ciência, nobilitando-a, são constrangidos a converter o seu exercício numa exploração homicida, que aos mais dignos repugna.

Onde, pois, a luz da liberdade para essa classe a quem especialmente incumbe a delicadíssima missão de regenerar a espécie?

\*  
\*\*

Por sua vez, a classe dos legistas não frui melhor sorte. Não há, hoje, um só homem formado em ciências sociais – leia-se “mentiras jurídicas” – que mantenha a ilusão de ser novo cavalheiro, armado com todos os

[42] **Nota do Org.:** Este capítulo está designado no sumário sem o artigo “A” inicial, da seguinte forma: ESCRAVIDÃO DAS CLASSES LIBERAIS.

cartapácios e postulados do Direito, vindo romper lanças em defesa da justiça.

A famosa “Ordem dos Advogados” é o expoente dos “Cavalheiros de Indústria”. Ela tem as suas gradações. A sua função é o expediente... De ordinário, os seus membros, envergando indumentária de tinturaria e acusando no semblante uma vida de “brisa...” pululam como peralvilhos, em torno dos tribunais, de onde são escorraçados pelos juízes e pelos esbirros.

É de tal ordem a arena de sujeições e de imoralidades, nas quais hão de provar a sua força... e destreza que, muitos, resguardando a dignidade, desertam, na primeira ocasião, dessa cavalaria caricata que integra a sociedade burguesa.

.....

#### IV

### *Os industriais, vítimas do industrialismo*

.....

**A prisão do pequeno burguês ao Capital – A ferocidade na concorrência – Expedientes ignóbeis – O burguês, vítima do Estado – A vida dos negócios é a intranquilidade – A caminho para a neurose e para a loucura**

**VIVEMOS NO GLORIOSO SÉCULO DA ELETRICIDADE, DO RADIUM (SIC).** Entretanto, a indústria agrícola e a manufatura, relativamente ao tempo e às capacidades humanas, caminham a passo de boi. E o mais paradoxal é que ambas são sacrificadas em aras de Mercúrio, de Marte e do Moloque autoritário, que vive a tripudiar sobre todas as classes sociais.

Mesmo aos exploradores das energias do plebeísmo do campo ou da oficina, exceção feita da elite industrial ou comercial,<sup>43</sup> é negado o mérito das suas atividades. As classes inferiores da burguesia são atiradas como uma descarga elétrica\* na voragem dos negócios pouco limpos, digladiando-se mutuamente em concorrência feroz.

A “camouflage” (sic) e a fraude são as suas armas. No calão comercial, os termos negociante e industrial são sinónimos de falsificador e ladrão. As suas transações gravitam sob o artifício. O capital com que operam é uma tábua de salvação que legalmente pertence a terceiros. No maremagnum (sic) das especulações e das trapaças, apelam para todos os processos ignóbeis.

Por sua vez, são vítimas do fisco, da pirataria funcionalista, da calamidade política, da extorsão dos açambarcadores, de quem são caixeiros ou “zangões”.

---

[43] **Nota do Org.:** No texto original, há duas notas sem que elas estejam presentes no pé da página como o autor procede em todo seu livro. Por outro lado, no capítulo VI, a segunda nota no 16º parágrafo, parece se adequar perfeitamente ao assunto aqui abordado.

O homem do comércio ou da indústria acha-se divorciado de todos os atrativos da vida social. É um individualista *sui generis*. Para ele, não há lar nem família; não tem, não pode ter opiniões, ideias, dignidade. Tudo o que respeita à ordem intelectual lhe é indiferente, pois todas as suas faculdades artísticas ou morais imergem na cloaca dos negócios... para adquirir o Capital, que constitui a sua vida, a sua fé, a sua única esperança. Se não vinga, é homem ao mar; se vinga, é esmagando sem piedade dezenas de adversários.

Arrebatado pela derrocada dos revezes, é atacado pela pressão de uma ideia fixa, a mania dos negócios. A carreira comercial, que não lhe permite um instante de repouso espiritual, transtorna as suas faculdades, torna-o neurastênico, irascível, feroz. A esta altura, está a reclamar a intervenção da psiquiatria.

\*  
\*\*

Em todos os países, a pequena burguesia sente a gravidade da crise econômica universal. Em consequência, redobra de atividade, esfalha-se sem resultado.

Perdidas todas as esperanças de reabilitação, restringe os meios de subsistência e limita a procriação para se não ver a braços com os horrores da miséria: a penúria para a prole, a educação inferior, a degeneração da raça, no dizer de um publicista inglês.

A pequena burguesia rolou, em virtude do desenvolvimento da exploração e da guerra, para uma situação revolucionária.

.....

V

## *A praga do jornalismo*

.....

### **O jornalismo, fator de decomposição social – Definição**

**O** PROGRESSO SOCIAL DO NOSSO MUNDO BURGUESES REDUNDA NUM PROGRESSO de decomposição a assumir proporções fantásticas.

Uma das características deste paradoxo ressalta do incremento que vai tomando a praga do jornalismo.

Esta moderna instituição, que exerce uma influência notável sobre a alma dos povos civilizados, seria fonte de harmonias na vida de relação se os seus mananciais fossem límpidos e cristalinos. Esse elemento é, porém, o resumo e a conclusão das falsificações da moderna indústria. Ele é a agência da mentira e da calúnia, o veículo de todas as infâmias, o laboratório onde os alquimistas da pena filtram o veneno que mais corrói os corações e os espíritos.<sup>44</sup>

---

[44] “Sim, eu sou jornalista comparável a um esterquilínio: minha vida assemelha-se a essa ilha da Sapucaia, porque sobre ela vieram recair todos os detritos, todas as injúrias, todas as misérias da escravidão...” (J. DO PATROCÍNIO FILHO). (N. A.)

*O sacrifício dos intelectuais  
na sociedade burguesa*

**Imperialismo da aristocracia intelectual – Absurdidade da doutrina de Boutroux – O sacrifício do talento em favor da mediocridade privilegiada – Servilismo intelectual – O capitalismo, inimigo da cultura**

**O PENSAMENTO DOS GRANDES TEÓLOGOS E DOS FILÓSOFOS DA METAFÍSICA** têm efeito decisivo sobre a alma das multidões. A sua palavra é a última, as suas ideias possuem, como as do Papa, o condão da infalibilidade; as suas sentenças são artigos de fé, que o vulgo aceita prostrado e contrito.

Este fato explica a sua vaidade, a sua aversão a todas as reformas ou revoluções sociais. São, de certo modo, imperadores dentro dos impérios ou das democracias, e não querem abdicar dos seus tronos.

De todas as aristocracias, a mais pérfida, a mais dura, a menos acessível às concepções científicas sobre a sociedade, é sem dúvida alguma a aristocracia do talento; ela chega a tal grau de corrupção intelectual, que não tem dúvida alguma sobre a legitimidade das suas explicações.<sup>45</sup>

Convictos de que a sua palavra faz estremecer o mundo, julgam com ela construir a represa contra a impetuosa corrente revolucionária.

Ainda há pouco, o sr. Boutroux, em impressionante discurso pronunciado em Paris, perante as cinco academias, formulava as seguintes perguntas:

Aonde nos conduzem as forças que se desbridam?

[45] G. Sorel. (N. A.).

Podemos governar ainda os nossos destinos?

E ele mesmo responde:

A guerra armada, ouve-se a cada passo, findou; uma outra guerra se revela e se desdobra: a verdadeira guerra santa, a das classes, a usina contra o Estado, a que deve fazer, enfim, da terra o paraíso entrevisto pelos desamparados.

O sr. Boutroux descreve, de acordo com os teóricos dos novos édens, as delícias do regime que se erguerá sobre as ruínas do mundo antigo. Perfeita Igualdade, Paz e Felicidade Universal. Mas também Universal Mediocridade.<sup>46</sup>

O eminente filósofo, de quem o sr. Gustavo Le Bon aproveita algumas lições, com a pia intenção de colocar no pelourinho da crítica soez a doutrina da Igualdade Social, tem a “firme convicção” de que o progresso humano só é factível pelo sacrifício material, intelectual e moral das massas, em homenagem a uma elite principesca, segundo a fantasia do admirado criador de Zaratustra.

O mundo, (afirma o sr. Le Bon) não pode viver e progredir sem o concurso das superioridades.

Será preciso refrescar a memória destes doutores, dizendo-lhes:

[...] que, em tese, todos os seres humanos bem organizados nascem com uma inteligência quase igual; porém, a educação, as leis e as circunstâncias, seriam<sup>47</sup> as diferenças.

Mas, afinal, será que no regime burguês as superioridades gozam de todas as primazias, e o mérito vem sendo iluminado pelos lampejos da glória?

[46] Nota do Org.: Esta citação é de Le Bon, como se depreende do parágrafo seguinte, sem que o autor cite a referência.

[47] Nota do Org.: presente do indicativo do verbo “seriar”.



Vejamos como a tal respeito se exprime um membro conspícuo dessa grei, cuja causa os filósofos e os sociólogos conservadores simulam advogar...

Quantos talentos ou gênios desaparecem ou são condenados ao esgotamento em procura do pão quotidiano<sup>48</sup> se a sorte não lhes sorriu desde o berço;<sup>49</sup> ao passo que personagens de mais limitada inteligência ocupam de ordinário, com grande prejuízo para a sociedade, os lugares que dão poder, ou as cátedras das universidades.

O trabalho intelectual é, em geral, pouco remunerado. Os filósofos e os poetas são proletários de nascimento, não recebem senão depois de mortos as honras que lhes são devidas.<sup>50</sup>

O industrialismo capitalista declarou inútil a classe dos intelectuais. “A república (democracia) não precisa de químicos” e muito menos de filósofos, artistas, literatos ou poetas.

Nos centros industriais, o proletariado manual de certas categorias não é tão miseravelmente remunerado como as “superioridades”, que acabam por abandonar o trabalho votando-se ao ostracismo.

Os cientistas veem-se atacados ou ceifados pela miséria. Particularmente na Rússia, onde já foi, pelo governo, restabelecido o privilégio, encontram-se em tal situação de penúria<sup>51</sup> que provocou em seu favor um movimento de socorro internacional.

Sob a civilização Oriental e sob a Ocidental, a falange dos intelectuais e dos artistas permaneceu e permanece na sua condição de ser-

vilismo. Ela é a boêmia seviciada pela obtusa burguesia e pelas torvas aristocracias socialista ou comunista.

Hoje, os Rembrandt, os Donatelo, os poetas e artistas de verdade, dificilmente vingam na luta pelo Ideal.

No mundo social que nos infelicitava, impõem-se arbitrariamente o sofisma na Filosofia e a mentira na Ciência. Prolifera por todos os âmbitos, contaminando o organismo social, a verminose da bajulação artística e da corrupção literária.

Os exemplos de hombridade e intrepidez dos Lamark, dos Giordano Bruno, dos Góri ou dos Ferrer, não são seguidos senão por um pequeno número de ateus, distinguidos por um caráter de bronze. Os outros, com Darwin, com Spencer, com Bérgeon, alambicam interessantes sínteses filosóficas, amalgamando a ciência com a teologia, a física com a metafísica.

Os artistas, relegados por falta de atividade num regime em que a exploração não tem tempo a perder, vivem a ressuscitar os mortos, a reproduzir relíquias de sacristia<sup>52</sup> ou de caserna. Os literatos e os poetas, alguns dos quais, como Guerra Junqueiro, Santos Chocano e Olavo Bilac, se precipitam na apostasia, cantam hinos às testas cingidas pela tiara, pela coroa, ou pelo barrete frígio. Em geral, constituem uma superfetação e estão arrolados no cadastro dos indesejáveis.<sup>53</sup>

No teor destes fatos incontestáveis, por mais que investiguemos os fundamentos da doutrina dos srs. Boutroux, Le Bon e seus discípulos, não alcançamos descortinar o mal que para os intelectuais e os estetas poderia advir da derrocada de uma sociedade à qual não foram incorporados.

[48] Helvétius. (N. A.)

[49] Os tempos da administração na indústria, na agricultura e no comércio, pelos detentores da riqueza, vão longe. A burguesia evoluiu para a inutilidade social. Desde há muito que a direção das atividades econômicas está a cargo dos técnicos intelectuais assalariados. (N. A.)

[50] Luiz Büchner. (N. A.)

[51] Enquanto homens ilustres como Pedro Kropotkine adoecem ou morrem por falta de assistência e de alimentação, os ditadores, semianalfabetos, passam vida de lordes. (N. A.)

[52] A arte e a poesia não conseguiram ir além da vida mística e da vida sexual. (N. A.)

[53] Um ato flagrante, que corrobora a nossa tese, é a perseguição de quem está sendo vítima, na Alemanha, o sábio Einstein, por ter o atrevimento de vir interessar os cientistas nas suas teorias sobre a Relatividade. (N. A.)

*A tuberculose social*

**Legalização do roubo – Tribulação do vício – O Estado e sífilis – A mendicância eclesiástica e a libertinagem**

**O JOGO FUNCIONA COMO SISTEMA DE ECONOMIA DOS ESTADOS MODERNOS.**<sup>54</sup>

A prostituição e o homossexualismo alastram-se à medida que o capitalismo avança<sup>55</sup> e o Estado, sancionando e incentivando o meretrício, transmuta-se em centro de irradiação da sífilis, que contamina, sem exceção, todos os seres humanos.

A caridade, fruto da mendicância, de uma galopante morbosidade social, provoca inutilmente requisitórias a granel contra os seus cultores, sagrados ou profanos, pois que os mandamentos da Santa Mãe, a Igreja, “revelam” que este gênero de esbulho é privativo do vicariato e das classes afins. Esta exploração piedosa conduz à desonra e ao comércio de ventres um enorme contingente de jovens, de criaturas ingênuas, pondo-as em lastimável estado, sob a brutalidade sexual dos D. Juans.

As licenças que, nesta “sagrada” tarefa, o Santo Ofício faculta em homenagem a Baco, à Magdalena ou Santo Tomás de Aquino são incalculáveis.

Em resumo, a jogatina oficial e a particular, a bacanal perpétua da burguesia desocupada, a universalização de todos os vícios e, como epílogo, os mil dramas trágicos, obscenos e homicidas, que enriquecem a crônica diária, têm sido o estado normal e moral desta sociedade, que tem a ilusão e o orgulho de ser conduzida pelo índice dos deuses.

[54] Na França, o roubo rotulado com o seu sinônimo, o jogo, é gravado em 60% sobre a cifra bruta das suas operações. No Brasil, o governo conforma-se com menos: a taxa é apenas de 2 por cento [sic]. (N. A.).

[55] Nos Estados Unidos, a terra clássica do dólar, na república modelo de exploração, o juiz Whitan, de Nova York, descobriu, há pouco, um *trust* para o comércio de mulheres, dirigido por quatro poderosos senhores que possuem mil e seiscentas prostitutas e obtêm com o seu “trabalho” mais de seis milhões de dólares anuais. (N. A.)

*Liberdade de cátedra?*<sup>56</sup>

**O problema da educação – Perseguição às escolas modernas – A escola como sistema de governo – O professor transformado em catequista**

*A autoridade é uma força que depende, não da vontade de quem domina, mas da consciência de quem se submete.*

*Korkunof*

**T**EM-SE GASTO MUITO PAPEL E MUITA TINTA NO ESTUDO DESTA importante problema, que, de fato, deve prender a atenção de todos os homens cultos e livres, pois da sua solução depende o advento do ensino rigorosamente racional e científico, chamado a facultar às novas gerações a formação de uma inteligência poderosa e fluente, de um caráter sem mácula, de um espírito idealista.

Em parte alguma, a necessidade de alforria se patenteia como na Cátedra, onde o professor tem que se encontrar em pleno gozo das suas faculdades, inclusive a de exercer o seu ministério sem peia alguma ligada aos interesses, sofismas ou sutilezas da nossa civilização.

Malgrado as decantadas liberdades das hodiernas democracias, a tirania intelectual reflete-se imediatamente na educação do professorado, educação plasmada nos moldes ideados pelos pontífices do oficialismo, em harmonia com as razões de ordem social das classes conservadoras.

Os modernos apologistas da liberdade de cátedra, deixando no tinteiro as glórias libertárias de Atenas e Alexandria, evocam o exemplo funesto da semibárbara Esparta,<sup>57</sup> proclamam o “livre arbítrio” da tia-

[56] **Nota do Org.:** Este capítulo está designado no sumário da seguinte forma: A LIBERDADE DE CÁTEDRA.

[57] Como relíquia da educação espartana, basta dizer que, em Platéia, durante os melhores lustros de Esparta, cada espartano levava consigo cinco hilotas. As próprias crianças divertiam-se com eles.

Todos os anos, livres das escolas por alguns dias, perseguiam os míseros, espiavam-nos, ultrajavam-nos, ou matavam aqueles que encontravam isolados. (N. A.).

ra e glorificam a escola de Pestalozzi, que, com incomparável maestria, alambicou a cultura imperialista dos teutões.

Finalmente, os revolucionários (?) vermelhos da república bolchevista pontificam a escola marxista, afirmando que “se deve ensinar desde a infância a verdade da criação social, as ideias e as opiniões do comunismo;<sup>58</sup> que o professor deve entrar no coração da política”.<sup>59</sup>

\*\*

Salvo raras e honrosas exceções, entre as quais devo salientar o dr. José Ingenieros, a elite intelectual permanece indiferente ante a escravidão do Ensino, a sorte da Escola Moderna de Ferrer e as perseguições de que vêm sendo alvo Sebastião Faure, a sua La Rouche e a escola de Compts, que, sob a elevada competência de Paul Robin, ministra a Educação Integral.

Os paladinos da liberdade de Cátedra defendem com calor este princípio, advogando ao mesmo tempo o direito exclusivo da Igreja ou do Estado à educação pública!

Que o mancebo, dizem, deve ser educado de modo que se torne um bom cidadão e um extremado defensor da pátria, ninguém o pode contestar, porque o indivíduo não existe sem a sociedade e tem esta por complemento necessário à organização política, a qual mantém a ordem entre os cidadãos e tutela a mesma sociedade contra os inimigos externos.<sup>60</sup>

Como se vê, admiram e almejam positivamente a germanização<sup>61</sup> do ensino e não sabemos por que associação de ideias infere a possibilidade – dentro deste sistema – da autonomia de Cátedra. Questão de ponto de vista... de vista maravilhosa!

[58] Lazourckina. Membro do Conselho de Educação. (N. A.).

[59] Foster. Pedagogo e funcionário. (N. A.).

[60] João Cesca. Professor da Universidade de Messina. (N. A.).

[61] **Nota do Org.:** Este termo era muito utilizado pelos operários à época, significando processo de militarização, estandardização, uniformização. Isto por conta do enorme incentivo sociocultural à disciplina como modo de vida entre os alemães. Neste sentido é que se entendem o nazismo e os regimes autoritários como expressão de algo como um espírito popular, uma forma verticalizada de organização social sustentada pelo conjunto da sociedade.

Desde o começo da decadência helênica até os nossos dias, a Escola tem sido uma instituição de classes, de seitas e partidos políticos, servindo como princípio dinâmico da coação intelectual e moral das camadas inferiores da sociedade.

Se o professorado fosse uma classe independente da Igreja, do poder político e da plutocracia, poder-se-ia falar em liberdade de Cátedra, mas como ele oficia de sacristão do Vaticano ou de sacerdote do Santo Ofício de Estado e de laçao do capitalismo, a noção dessa liberdade, sem a ideia de subversão de todos os poderes religiosos, políticos ou econômicos, torna-se uma ilusão de ótica, criada pelas forças atávicas, ou uma sutileza da demagogia, que tem a missão de levar a perturbação aos espíritos, lançando-se à conquista dessa liberdade num campo movediço.

A Cátedra é um templo para a catequese do povo. Nela o professor não pode ter ciência nem consciência. É católico no Estado católico, imperialista no império, monarquista na monarquia, republicano na república, democrata na democracia social, comunista de Estado no Estado comunista. A morfologia das suas faculdades corre paralela com a morfologia política das nações.

Deve ter sido uma diversão interessante e instrutiva observar como, no Brasil, em 16 de novembro de 1889, o magistério, depois de ter durante muitos lustros divinizado o regime imperial e suas majestades, passou a lecionar que o Império era um anacronismo, que durante o seu estádio mantivera a maior ignomínia do país: a escravatura de muitos milhões de brasileiros; que Dom Pedro II era um “Pedro Banana”, e como terminavam as suas preleções com a glorificação da República.

\*\*

O professorado tem que cumprir a sua missão de catequese das multidões, fanatizando-as nos dogmas religiosos ou políticos, na superstição da lei e de autoridade, operando nelas a “hipertrofia do sentido da disciplina” e mantendo-as na doce ilusão de uma existência feliz... no seu calvário de misérias. Deve criar nas multidões o instinto de subserviência, no sentido de que esta não seja imposta, mas aspirada; deve criar a intuição da escravidão voluntária, da mutilação espontânea segundo a escola de Orígenes e, nos limites da educação oficial, preparar as massas

para que restabeleçam a autoridade e a lei onde estas forem abolidas, em obediência a uma necessidade psicológica, a um “imperativo categórico”.

\*  
\*\*

O professorado é o arlequim das oligarquias, o Cristo da miséria econômica e moral, sem que dos seus lábios brilhe como um relâmpago, o protesto fulminante, isso seria perder a compostura...

Fazendo exceção à regra, alguns profissionais do Ensino, em vários países, notadamente na Argentina, fazem sentir a sua ação contra a insensatez da rotina.

Os governantes dessa república, por sua vez, apressam-se em liar mais fortemente o trabalhador escolar. Admirem os nossos leitores as “lumínicas” medidas que com este fim a ciência oficial destila:

O Conselho Nacional de Educação, diante da alarmante propaganda que se vem fazendo pelos mais elementos (?), adotou medidas no sentido de obter na iniciação dos cursos, por meio do voto profissional, que os professores jurem fidelidade à bandeira, lavrando-se uma ata da cerimônia, que será assistida por todos os alunos e autoridades.

.....

IX

## Da senzala militar

.....

### Indignidade do soldado – O militar à margem do Direito – Sob a égide da lei marcial

*O soldado é, para o general, o último elemento.*

*O soldado é o traidor de si mesmo, porque quebra lanças sob as ordens dos seus algozes.*

**A** PRESENTE FOCALIZAÇÃO DO MILITARISMO RECLAMA UM NOVO Quixote, capaz de arrancar as estribeiras à ostensiva arrogância dos modernos dragoneiros.

Gravemente atacados de estrabismo, os cavalheiros da espada julgam-se transportados ao sétimo céu, quando, em realidade, o seu posto de honra está rente à terra, abaixo do nível em que vegetam os humildes servos do moderno patriciado.

Desde a simples praça de *prêt*<sup>62</sup> (*sic*) ao marechal de campo<sup>63</sup>, o soldado carece da dignidade de homem, é uma peça da máquina militar. O seu espírito acha-se embotado pela disciplina, a sua moral está delineada pela escola de Moltke.

O próprio generalato não passa de uma horda de passivos, meros aparelhos de transmissão de ordens.

Na presença de um superior hierárquico, o soldado, com ou sem patente, descuida a sua natural compostura e perfila a de Polichinelo.<sup>64</sup>

[62] **Nota do Org.:** Palavra do francês antigo, que significa vencimento diário de um soldado.

[63] **Nota do Org.:** Marechal de campo é o terceiro posto na hierarquia militar do Exército brasileiro do Brasil Colonial e Imperial.

[64] **Nota do Org.:** In: Dicionário Aurélio–Século XXI. [Do fr. *Polichinelle* < napolitano *Pulecenella*, personagem da comédia italiana] S. m. 1. Teatro. Antiquíssimo personagem-tipo, cujas origens remontam ao teatro latino, e que alcança maior desenvolvimento na *commedia dell'arte*, caracterizado pelo nariz longo, pela corcunda, barriga grande, barrete e roupas multicoloridas, e pela fala tremida e esganiçada [O feitio moral do polichinelo varia de país para país; o francês é falsamente

## *Imperialismo moderno*

Os maus tratos, concernentes à alimentação, ao conforto, os castigos corporais e morais, o desprezo de que é vítima,<sup>65</sup> não podem ser resumidos num capítulo; para isso, seria necessária uma biblioteca.

A casta militar desconhece o postulado da justiça. O seu código é a lei marcial. As comezinhas liberdades de pensamento, de reunião, de associação, bem assim os direitos de cidadania, conquistados por sucessivas revoluções políticas ou sociais, não vigoram para o hilota da caserna. Quando o Exército Brasileiro, em 1922, reclamou respeito para a sua classe, o Presidente da República ordenou o fechamento do Clube Militar, da Capital Federal, – como uma sociedade de malfeitores – repreendeu energicamente o marechal Hermes, ordenou a prisão deste e de outros oficiais de terra e mar por motivos discutíveis, humilhando-os, por último com o perdão, fazendo deles joguete do próprio arbítrio.

As revoltas de Copacabana e da Escola Militar, de 1922, e a de S. Paulo, em 1924, cruelmente sufocadas por forças mercenárias das brigadas e das polícias e por forças do próprio Exército e da Marinha, provam o carinho dispensado pelos dirigentes aos chamados defensores da pátria.

Exemplos dessa natureza existem a granel em todo o mundo civilizado. Cremos, por isso, desnecessário entrar em mais detalhes para testificar que a força armada é o instrumento de que os mandarins se servem para apunhalar as nações. Com o seu emprego é que, em nome da pátria, se acalmam a ferro e fogo as exasperações dos soldados e dos cidadãos.

Contrariamente à opinião de um profissional das armas, segundo o qual “o militarismo é a expressão máxima de uma nacionalidade”, ele é a encarnação máxima da violência sistemática do Estado contra o espírito libertador.

---

heroico e fanfarrão; o alemão, tolo; o inglês, astuto e sinuoso.] 2. Indivíduo ou títere que representa esse personagem. 3. Fig. Homem apalhaçado e/ou sem dignidade; palhaço.

[65] Sobre a sorte dos veteranos sobreviventes da Guerra do Paraguai, uma folha do Rio de Janeiro tornou público o seguinte: “A maioria deles, inválidos pela senectude, é de pobres que, para manter-se, imploram a caridade pública. É dolorosa, profundamente profundamente amarga, a constatação dessa verdade. O governo, como recompensa à bravura desses pobres brasileiros que derramaram o sangue em defesa da Pátria em perigo, na mais terrível das guerras que jamais abalou o Continente, concede-lhes uma pensão irrisória, isso mesmo obtido pelos veteranos após ingentes esforços. Tais são as exigências, tal o regime de papelório em que vivemos, que muitos deles desistiram de pleitear seus direitos. Não lhes valeria a pena de tantos trabalhos para, ao cabo, receber o soldo de quatrocentos réis diários...”. Para os mártires da pátria, não há memória nem glória, ou, por humanidade, direito à supervivência. (N. A.)

**Expressão primária do patriotismo – As fronteiras religiosas – Reminiscência do patriotismo divino – Guerras religiosas – Expressão moderna do patriotismo – O patriotismo, religião de Estado – Ilusão dos direitos na democracia – Ilusão nacionalista e estatista – Fobia jacobina – O novo culto – A guerra em nome do Direito e da civilização – Hierarquia na esfera das potências – As nações, vítimas do imperialismo – Realização do ideal germânico – Esterilidade dos presentes movimentos contra o imperialismo – A necessidade premente**

**E**M CADA RESPECTIVO ESTÁDIO DAS CIVILIZAÇÕES QUE SE SUCEDERAM na vida da humanidade, o patriotismo teve, em sua primeira fase, a expressão religiosa, o espírito de seita.

Em vez da geografia social ou política, estava em vigor a geografia divina.

Na civilização contemporânea – sem ir mais longe –, não existiam até há pouco, senão em forma incipiente, estados políticos limitados por fronteiras políticas; existiam os mundos religiosos de Maomé, de Brama, de Buda, de Sama, de Cristo, etc.<sup>66</sup> Estes mundos subdividiam-se em regiões inerentes a divindades mais humildes e, por último, em comarcas existentes sob o patronato de divindades de ínfima categoria.

Sobre essa estrutura geográfica divina, estava delineada a superestrutura teocrática, que ainda hoje subsiste. Como reminiscência desse sistema, restaram até primeiros lustros do século XX os impérios da Rússia, da China, da Turquia, da Pérsia e outros de ordem inferior. As

---

[66] Os domínios de certas seitas estendiam-se, muitas vezes, sobre territórios habitados por gentes de crenças diversas, fato considerado pelos dominadores perfeitamente justo, perfeitamente moral e determinado pelos deuses. (N. A.)

majestades desses impérios eram, acima de chefes de Estado, príncipes espirituais e sacerdotes supremos.

As guerras, estado latente sob o poder temporal da tiara, eram de caráter religioso e provocadas pelo antagonismo e ambição das castas diocesanas, conquanto, no fundo, houvesse também outros interesses: os de ordem étnica, econômica, política, etc. Entre as últimas desta índole, podemos lembrar a russo-japonesa (1905), a greco-turca, a conflagração de 1914, a agressão da França e Espanha contra o Riff.

No cometimento desses homicídios coletivos, os beligerantes não cessavam de propagar a guerra santa e invocar o nome do próprio Deus. Ainda hoje, em muitas regiões da Europa, da América e da Ásia civilizadas (?), se registram, devido a rivalidades sectárias das populações,<sup>67</sup> frequentes conflitos, de ordinário nas festividades religiosas, nas quais o revólver e o punhal têm a última palavra.

Somente após a queda da teocracia, o prolapso da democracia e das nacionalidades é que o patriotismo adquiriu novo aspecto.

Com a ascensão das novas Providências, o patriotismo, sem perder o seu matiz religioso, passou a ser uma expressão econômica e política definida, resumida no município, na província, na nação e, finalmente, no Estado.

Os que, até à derrocada teocrática se haviam inclinado perante o altar, inclinaram-se e inclinam-se, com tanta ou mais reverência, em face do pavilhão do Estado, símbolo da nação. O novo culto antepôs-se à religião decadente.

O sistema econômico e político saído, num mar de sangue, da grande revolução, não estendeu a todos os cidadãos, como afirmara Anatole France, os direitos políticos e econômicos. Estendeu simplesmente a ilusão de tais direitos, pois o fato prova que a riqueza, a raiz desse movimento, não teve destino social. Ela continuou a ser patrimônio legal de duas minorias, a dos antigos detentores e a dos salteadores que se aproveitaram do ensejo da expropriação. O povo ficou, como sempre, à margem dos direitos econômicos e dos direitos políticos.

---

[67] Até a pouco, as relações entre os diferentes povos da Índia estavam, diretamente, condicionadas pela religião. A fé comum servia de base. No entanto, a diversidade das doutrinas e dos ritos no próprio quadro do Islã erguia, de fato, umas contra as outras, muitas nações desse Oriente muçulmano. (N. A.)

Contudo, a ilusão do direito de propriedade e de cidadania existe e dá asas ao nativismo e ao imperialismo. O cidadão, rico ou pobre, mantém a ilusão de ser copartícipe da propriedade do Estado ou da nação, sentindo-se no dever de defendê-los.

O nacionalista é, por natureza, estatista e crê ser tão rico e poderoso quanto o é o Estado a que pertence.

Assim se infiltrou e se infiltra na alma dos ilusos a fobia jacobina, a cupidez pelas riquezas ou territórios estrangeiros.

A partir da regência do poder civil, a guerra industrial, comercial e militar adquiriu novos valores... que valores!... A conquista de territórios e de mercados, a cobrança de dívidas, o incêndio das urbes, o arrasamento das florestas ou das messes em flor, o massacre das populações... não mais foram levados a efeito somente em nome de Cristo ou de Maomé; foram levados a efeito em nome do Direito e da civilização.

Com o progresso industrial, comercial e militar, e dos meios mais céleres de emigração, de transporte e de comunicação, acentuou-se profundamente a hierarquia na esfera dos municípios, das províncias, das nações, tanto em economia e em política como em religião e cultura. As nações mais fracas foram colocadas em grau inferior, consideradas como países conquistados,<sup>68</sup> escravizadas politicamente pelas nações de primeira ordem, que lhes usurpam o solo<sup>69</sup> e lhes impõem tributos de ouro e de sangue; que não lhes permitem o surto de qualquer manifestação da vida social, ou, por último, as eliminam definitivamente do mapa das unidades nacionais.<sup>70-71</sup>

As grandes nações, sujeitas ao progresso ou à decadência, às vicissitudes da luta econômica, política, etc. correm também, por vezes, o risco de serem vítimas desse imperialismo.

---

[68] Na nossa república (?), os presidentes antes de serem eleitos têm que ir a Roma e a Londres e exhibir-se ante o papa e os banqueiros, para que os mesmos reconheçam *de visa se*, de fato, o candidato é desejável. (N. A.)

[69] Haja vista o México e a Colômbia. (N. A.)

[70] Este foi o destino do Transvaal e Orange. (N. A.)

[71] A criação da Sociedade das Nações e da Liga das Nações tem servido para dar força aos mais fortes. A Liga, como a sociedade, representa uma comédia com as suas declarações e deliberações, tomadas com a intenção manifesta de as interpretar em sentido inverso. Enquanto a Liga declara a guerra fora da lei, as grandes potências transformam-se em arsenais. (N. A.)

Ademais, as decisões tomadas pela administração norte-americana costumam provocar represálias.

A Alemanha, por exemplo, uma vez vencida na guerra de 1914, viu, com pesar, o seu solo ocupado por exércitos estrangeiros e a sua atividade econômica, política e militar, sob o controle dos vencedores. A própria França, triunfante, sentiu-se amesquinhada sob a direta gerência financeira e comercial dos *yankees*.

Todas as nações são imperialistas, cada qual segundo as suas possibilidades: a Inglaterra, na Europa, na Ásia, na África; Portugal, no extremo Oriente. Mas o imperialismo máximo, único na história, é o dos Estados Unidos, imperialismo que, como polvo gigantesco, estende os seus tentáculos através de todos os continentes.<sup>72</sup>

O ideal germânico está sendo realizado pelo Tio Sam.<sup>73</sup>

De um recente inquérito verificado pelo diretor do *New York Journal of Commerce* [sic] a propósito do protecionismo norte-americano na Europa, transcrevemos, para maior ilustração, as seguintes linhas:

“.....(sic)

A Europa, pondera o autor, percebe a contradição que existe entre esse protecionismo excessivo e a eterna insistência pelo pagamento das dívidas, contradição também com o esforço dos financistas americanos para colocarem na Europa empréstimos com juros altos.

Igual espírito de protecionismo disfarçado ditara medidas que se pretendem impor a outros países e que nunca seriam toleradas nos Estados Unidos, como por exemplo a faculdade ao agente do Tesouro de verificar o custo da produção mediante exame da escrita comercial.

[72] Recentes estatísticas oficiais nos fazem saber que 45% das riquezas do nosso planeta são propriedade legal da população dos Estados Unidos da América e, destas, a maior parte são detentadas [sic] por algumas dezenas de multimilionários. (N. A.)

[73] A formidável potência econômica e militar dos Estados Unidos e a consciência da sua capacidade incomparável é que intuíram o governo de Washington a afrontar, no dia seguinte à electrocuição [sic] dos inesquecíveis mártires Sacco e Vanzetti, todos os Estados da Terra e ameaçá-los com intervenções diplomáticas, apoiadas em possíveis demonstrações bélicas caso não evitassem nos respectivos países as manifestações de hostilidade aos representantes da grande República. E os chefes dos Estados, como lacaios da Casa Branca, estabeleceram nos respectivos domínios o regime do terror e metralharam os próprios conacionais para evitar qualquer manifestação de desagrado pelo bárbaro crime que a magistratura *yankee* acabava de cometer. (N. A.)

Evidentemente, o imperialismo, por qualquer forma que se manifeste, não pode deixar de provocar a repulsa. Nada há tão real como o princípio de independência de cada região, de cada raça, povo, família ou indivíduo.

É, pois, lógica e inevitável a revolta contra os chefes temporais ou espirituais que tentam respectivamente manumitir o Universo para absorvê-lo, para lhe adjudicar a própria fisionomia, isto é, a própria raça, a própria cultura,<sup>74</sup> a própria fé, e pensam reduzir a Natureza, infinitamente complexa e variável em suas revelações, toscas ou maravilhosas, à patológica expressão da unidade.

Todos os movimentos de independência alicerçados em princípios de raça, de nacionalidade ou de crença, como os orientistas da China e das Índias, contra o domínio europeu, como o latino americano contra o despotismo de Wall Street, as revoltas nacionalistas ou religiosas da Coreia contra o Japão, do Egito contra a Inglaterra, do Riff contra a Espanha e a França..., as agitações separatistas dentro dos Estados nacionais, com o escopo de constituir novos estados, autônomos ou independentes, explicam-se, mas além de não resolverem as aspirações políticas ou religiosas dos revoltados, porque a sua solução depende de capacidade, de força e de recursos que estão exclusivamente na alçada dos poderosos, abrem as portas a novos imperialismos, obrigam ao dispêndio de muitas energias em campanhas estéreis e distraem por muito tempo as multidões, afastando-as da luta pela emancipação social. O que, para fins tão elevados, se evidencia como supremo recurso de emergência são grandes feitos subversivos que façam passar para a história as potências de toda ordem, com os seus sistemas de expansão e de imperialismo, impróprios de uma civilização superior. Quando feitos desta natureza colimarem o ideal que enunciamos, os povos terão alcançado o direito de respirar livremente.

[74] O que se pretende adjudicar é a universidade do vício, a universidade do crime, jardim onde floresce a cultura burguesa, posta em maior reflexo na idiosincrasia *yankee*. (N. A.)

## *Aço, pólvora e sangue*

.....

**Progresso do militarismo e da guerra – Verdum (sic), símbolo da civilização – Assombroso número de vítimas – O homem aborígine e o homem civilizado**

**O** PROGRESSO DA INDÚSTRIA, DAS CIÊNCIAS E DAS LETRAS ENTREGUE à gerência do capitalismo e, bem assim, a concorrência econômica, política e religiosa entre os Estados e entre os povos desencadearam as catadupas do militarismo e da guerra. Estamos, pois, na época da técnica militar. As funções bélicas vêm sendo desempenhadas com ciência e arte, com galhardia e heroísmo inexcedíveis.

Nunca, como sob o governo econômico, jurídico e espiritual do Cristianismo e da democracia, correu o sangue em correntes caudalosas.

A conflagração universal de 1914 sacrificou 36 milhões de vidas.

A população dos países em guerra era de 400.950.000 pessoas. Em condições normais, teria aumentado a 424.310.000.

As consequências da destruição, do morticínio, do abatimento físico, intelectual e moral da humanidade; a paralisação do trabalho e da ciência provocada pela conflagração universal foram incalculáveis. Entretanto a apologética jacobina e os tubarões do Estado e da finança ainda não ficaram saciados: acenderam novas guerras e não tardarão a chegar novamente o fogo à pólvora para fazerem estalar nova conflagração, se antes não forem impedidos pela revolução social.

A antropologia comparada põe em relevo os caracteres que distinguem o aborígine do homem moderno, com pouco favor para este, porque a sua evolução trouxe no bojo o gérmen da degenerescência.

As mais breves noções desta disciplina mostram o exagero das escolas pessimistas, como a de Sergi, que afirmam ser o homem primitivo “um animal agressivo, egoísta, ansioso de apropriar-se dos outros e de dominá-los”.

O homem primitivo “vivia (se quiserem) de ferocidade e de amor”.

A verdade, porém, é que a sua ferocidade se transformou em instinto de perfídia, instinto que progride em razão direta da civilização histórica, a qual destruiu os pendores afetivos, polarizando-os e dando à luz a pavorosa besta humana.

O homem primitivo atropela, mata ou devora por necessidades biológicas; o homem burilado pela civilização faz a guerra, oprime e martiriza os seus semelhantes, friamente, calculadamente, por fanatismo, por interesses mesquinhos, por ambições subalternas.

Essa criminoso ação de esfacelo e de morte, o cidadão do século xx realiza-a com entusiasmo, exaltação e volúpia, na doce esperança de alcançar, à margem oposta do tétrico cenário, a glória imperecível.

A barbárie gestou o espécime brutal ou antropófago. A civilização brindou-nos com os protótipos de Moltke, de Tartufo<sup>75</sup> e de Loiola.<sup>76</sup>

[75] **Nota do Org.:** TARTUFO (homem hipócrita), PROTAGONISTA EM COMÉDIA HOMÔNIMA DE MOLIÈRE. Santo Inácio de Loiola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus.

[76] **Nota do Org.:** Santo Inácio de Loiola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus.



*Parte Segunda*  
*A luta social*

*A luta social atual é a evolução de uma situação revolucionária para o “estado normal da sociedade”.*



.....  
XII

*Escola dos Neosofistas*<sup>77</sup>

.....

**Confusão de noções políticas e sociais – Os últimos inimigos do socialismo e do comunismo – Pirotécnica bolchevista – Valor da resposta à crítica anticentralista – O Estado e a Revolução – Elasticidade da disciplina bolchevista – O recrutamento pelo suborno – Revolução e conservação – As promessas bolchevistas – Aspiração dos democratas rubros – A ideia da constituição de um novo Estado e os perigos que oferece**

*Karl Marx é como a Bíblia, que se pode interpretar nos sentidos mais contraditórios.*

*Liebknecht*

**A** RAIZ DAS GRANDES REVOLUÇÕES – A INGLESA E A FRANCESA – QUE mudaram a face da história do Ocidente, conquistado para a democracia, materializou-se a ficção de Estado, cuja noção se confundiu com as noções<sup>78</sup> de nacionalidade e de sociedade, então, mal definidas. E os próceres do socialismo democrático, aos quais de pouco ou nada serviu o progresso intelectual do último século, em lugar de destruírem essa confusão e esclarecerem as consciências, acentuam-na, com grave dano para as classes populares. Quando de sua cátedra falam de utilidade pública, nacionalização, socialização, comunização, etc., querem dizer que a riqueza social deve passar para os domínios do Estado.

Mas, em seus devidos termos, utilidade pública, nacionalização, socialização, comunização significam (abstraindo-se o Estado) a passagem da riqueza para o respectivo domínio do povo, da nação, da sociedade. Socialização e comunização, principalmente, significam a abolição da

[77] Nota do Org.: Este capítulo está designado no sumário da seguinte forma: REGIME BOLCHEVISTA.

[78] Em outro capítulo, explicamos essa confusão. (N. A.)

propriedade particular, limitada, individual, estatal, nacional... significa a supressão do princípio de propriedade.

Inversamente ao ensino das academias burguesas ou socialistas estatais, a expropriação não significa o confisco pelo Estado ou pela nação de qualquer parcela de riqueza. Esse curioso processo de extorsão é insofismavelmente um roubo. A diferença consiste em que a expropriação tem um fim social, universal. O roubo tem, pelo contrário, um fim individual ou coletivo, privativo sempre.

Os socialistas e os comunistas autoritários, mais do que os seus adversários político-burgueses, no campo do sofisma fizeram escola.

Expropriada a burguesia, rezam, a terra será livre, e o trabalho livre. Porém, passará neste caso a terra aos trabalhadores? Não. O trabalho livre na terra livre quer dizer que todas as antigas formas de propriedade de imóveis estão abolidas e que só há uma propriedade de imóveis, isto é, a terra propriedade do Estado, da qual o lavrador toma uma parcela em aluguel. Esplêndido regime... de senhorio e inquilinos.

Quer-se, do trabalho livre, mais caprichosa definição e patente sofisma?

Os socialistas ou comunistas autoritários, uma vez que patrocina a estatização da riqueza, sustentam, *ipso facto*, o princípio da propriedade privada.

Nós, avessos a esse princípio, atacamos todas as formas de propriedade, mas a que especialmente temos em mira é a forma estatal, porque caracteriza a doutrina econômica dos partidos políticos que mais assediavam o proletariado, os que mais sombra lançam sobre as concepções igualitárias da economia social.

Seja qual for a roupagem com que fantasiem o Estado e a autoridade, estes não perderão a sua autenticidade burguesa.

O Estado, diz Engels, referindo-se ao Estado burguês, quantas mais forças apropria mais se converte realmente em um órgão capitalista e mais Estado burguês.

Ora, se o Estado socialista, comunista ou sindicalista, tem por fim a encampação de todas as forças produtivas da sociedade, está visto que é um Estado mais burguês do que o atual Estado capitalista.

No regime capitalista, individualista ou estatal, o progresso da indústria, com a sua crescente centralização, implica um correspondente progresso da hostilidade universal.

A Social Democracia e os restantes partidos que se agitam pela estatização da economia e da vida social são, por excelência, os partidos da burguesia, do capitalismo, da concorrência e, por consequência, do militarismo e da guerra.

A diminuição do espírito guerreiro, diz Bucle, é devida ao progresso dos conhecimentos. Mas, como os democratas rubros, a exemplo dos brancos, aplicam os conhecimentos, com preferência ao comércio, à exploração e à política, esse progresso redundará em prejuízo crescente à paz internacional.

Deste estudo, deduz-se que a democracia, azul ou vermelha, é a negação do socialismo e do comunismo.

A verdade é que o socialismo não é um derivado da democracia. Quando muito, pode-se dizer que uma e outro provém da mesma situação histórica e foram simultaneamente originados. A democracia tinha, por fim, a ação em comum e solidarizada de todos os cidadãos dentro do Estado; o socialismo tinha, por fim, a ação distinta e separada dum grupo de produtores numa oficina ou no terreno dos antagonismos econômicos para daí irradiar para fora e investir contra o Estado.



À vista da dialética dos pseudorrevolucionários vermelhos, é preciso estarmos atentos e não nos deixarmos embair pelos termos empolados, pela linguagem pirotécnica com que por vezes arrebatam as multidões.

Organização e disciplina militaristas, centralização de forças, frente única dos trabalhadores, ditadura do proletariado, chefatura dos comunistas, palavras de ordem, ação legal ou extralegal, obstrução nos parlamentos, aniquilação da burguesia, guerra civil, revolução proletária... na expressão do pensamento marxista, são lances da sua retórica para aliciar os famintos de pão e de liberdade, explorar a situação de penúria em que se debatem e construir com eles a ponte por onde tenham livre ascensão ao poder os redentores que tentam subir, fazendo os demais descer.

Não estamos a dizer exageros ou coisas extraordinárias, estamos a escrever história natural.

Respondendo à crítica centralista, escreve Lênin:

Mas não haverá centralismo se o proletariado se apodera diretamente do poder político? Não haverá centralismo se esses elementos sociais se organizarem livremente em comunas para dar o golpe de morte ao capital? Não haverá centralismo se os operários e camponeses transferirem a propriedade privada das ferrovias, terras e outras riquezas à nação, ao conjunto social? Não será esse o centralismo mais coerente? Não será um centralismo proletário?

O sr. Lênin revela-se uma eminência em sociologia, pois que, sem o menor embaraço, enfeixa no mesmo rol princípios entre os quais se nota a maior disparidade. Está compreendido que o Poder supõe um órgão central, dirigente de todas as instituições políticas ou sociais, de todos os cidadãos que lhe estão subordinados, ao passo que as livres comunas e a transferência da propriedade para a nação, ou melhor, para a sociedade, supõe a ausência desse poder, a autonomia associativa, a tendência para a descentralização e o federalismo.

Dissertando sobre revolução e autoridade, assevera Engels:

A revolução é a coisa mais autoritária possível. A revolução é um ato segundo o qual uma parte da população impõe a sua vontade a outra parte, empregando canhões, fuzis, isto é, por meios sumamente autoritários.

Para Engels, revolução e autoridade são coisas idênticas; mas para o mortal que tiver dois dedos de testa, a revolução social é um ato de natural defesa, é a explosão da natureza humana comprimida pela autoridade, é o fulgor máximo das explosões libertárias.

O emprego accidental ou sistemático das armas por parte das classes trabalhadoras contra a classe burguesa não é uma forma de transição do Estado, é uma forma revolucionária, oposta às funções do Estado.

A ação direta e generalizada da classe revolucionária obvia o Estado, elimina-o.

Este não pôde subsistir e, muito menos, agir sem desarmar o povo, assim como não pôde agir o partido bolchevista, quando se viu no poder, sem desarmar o proletariado.

Robustecendo a sua crítica à concepção anárquica da revolução, Lênin copia de Marx:

Se a luta política sustentada pelas classes operárias assume uma forma revolucionária; se os operários substituem a ditadura burguesa por uma ditadura revolucionária, serão culpáveis de um espantoso crime e deixarão uma mancha indelével nos princípios; assim há de ser, porque os operários, note-se bem, para atenderem às grosseiras e miseráveis exigências do momento, para esmagar os capitalistas que hão de resistir desesperadamente, assumirão uma forma de Estado revolucionária e transitória, em vez de deporem as armas e abolirem o Estado.

Convém notar que a guerra de classes se pode desenrolar sem que qualquer destas assuma uma forma de Estado. A classe capitalista, por exemplo, em sua repressão do movimento operário não confere somente ao Estado essa missão, confere-a também ao clero, ao jornalismo, às ligas nacionalistas ou de defesa social (?), aos sindicatos operários brancos ou amarelos, etc.

Marx emprega a sua arte de mistificar – e nisto é consumado mestre – para só fazer ver a possibilidade da revolução através da ditadura e do Estado e, à falta de argumentos, procura fazer espírito em torno das observações dos que o surpreendem na tarefa de adulterar e desmoralizar o conceito da supressão imediata das classes parasitárias e de todos os poderes governamentais. Porém, dentre os marxistas, que desejam conquistar o Poder, montar a ditadura do seu partido, por tempo indeterminado, confiscar gradativamente os bens em poder da burguesia, com a metafísica dos decretos... e, os anarquistas, que pretendem esmagar a burguesia e destruir o Estado em 24 horas, consolidando por essa forma imprescindível as conquistas da revolução, quais são os que tomam a sério a solução do problema? Quais são os verdadeiros revolucionários?

A seita marxista não ignora que os anarquistas trabalharam sem descanso em prol da ação armada e insurrecional do proletariado contra o capitalismo e a autoridade, enquanto os socialistas democratas trabalharam em prol da ação eleitoral para se assenhorearem do Estado, mas finge ignorar, para melhor esgrimir a calúnia contra os seus adversários.

Insistindo sobre o (seu) fatalismo autoritário, escreve Engels:

Estudai uma fábrica, uma ferrovia, um vapor transatlântico: não é certo que nenhuma dessas empresas poderia funcionar sem uma certa subordinação e, por tanto, de autoridade e poder?

Estas cavilosas interrogações são o fruto do misticismo político que se agita no coração e na mente dos socialistas democratas, e da necessidade que os mesmos têm de apresentar sob falsas miragens o futuro estádio econômico, tomando como espelho a organização capitalista do trabalho.

A visão de um futuro imediato e risonho, a afecção intelectual da virulência política inibem os doutrinários do marxismo de compreender ou confessar que a autoridade se evidencia pelo seu caráter coercitivo em que, para se fazer cumprir uma ordem, se emprega o argumento da força, e que tal recurso deixa de sê-lo num sistema de livre organização de trabalho que se verifica em obediência às necessidades sociais.

Relativamente à questão da disciplina, não são muito explícitos. Enquanto Kameneff e outros pedagogos do partido falam de uma disciplina de quartel, Bukharin fala da “disciplina da consciência de um revolucionário”, como se o grau de disciplina não estivesse em razão inversa do espírito de revolta e da consciência dos direitos individuais.

Visto de relance este feixe de confusões e de sofismas codificados pelos políticos do socialismo e do comunismo (?), vejamos o seu engenho proselitista.

Afanosos pelo engrandecimento numérico do partido, lançaram-se ao recrutamento dos comerciantes e dos industriais em pequena escala e, bem assim, dos pequenos proprietários rurais, sob promessa de lhes garantir os privilégios adquiridos e defendê-los contra as exigências do Estado.

Contrariando os princípios essenciais do socialismo, criaram a teoria do Socialismo Individualista Agrário e, em 1892, – note-se bem

– presentearam essas classes com um programa baseado na pequena propriedade.

Ao mesmo tempo, para recrutarem os proletários, prometeram-lhes e prometem-lhes a posse das fábricas, o governo das indústrias, a administração dos bancos, o domínio sobre a burguesia!

Por fim, os deserdados e escravos, transformados, num momento, pela varinha mágica dos partidos pseudossociais, em proprietários, de fato, em administradores e governantes.

Essas promessas... os *mujiks* russos sabem praticamente quanto valem. Bastas vezes têm respondido aos comissários da República: – “Os senhores prometem muito e dão bem pouco”.

Mas os catedráticos do bolchevismo desembaraçam-se facilmente de tais dificuldades. Replicam aos camponeses que

a repartição das terras dá em resultado a formação de uma nova burguesia, e que a posse das fábricas pelos operários, consideradas respectivamente como propriedade dos que nelas trabalham, são pontos de vista falsos. Se se chegar à situação de cada fábrica pertencer aos operários da mesma, estes entrarão no regime de competição.<sup>79</sup>

Partindo do princípio amplo de que a terra e as fábricas são propriedade de todo povo trabalhador, concluem muito arditamente negando ao proletariado tudo quanto prometem proclamando o Estado único administrador, governante e proprietário.

Tais promessas são hábeis estratégias desses falsos apóstolos, para avivarem nos indivíduos o grosseiro egoísmo burguês, que lhes foi ensinado na escola, na família e na vida diária. Elas não passam de vis tentativas de suborno, muito comuns no comércio da política.

Todos os partidos são revolucionários na oposição e conservadores no poder.

Sujeitos a esta lei da evolução política, os partidos revolucionários da social democracia arrastam o sabre da revolução, mas, desde já, fazem profissão de fé evolucionista.

[79] Regime, aliás, mil vezes superior ao da encampação da riqueza geral, pelo Estado, pois a descentralização econômica daí resultante daria lugar à descentralização da autoridade, ao enfraquecimento do Estado e, portanto, à maior soma de liberdade. (N. A.)

A única revolução que tem razão de ser é, assim dizem, a que lhes outorgar as rédeas do governo. O seu triunfo fecha o ciclo revolucionário, inicia o período de evolução, que não pode ser alterado pelas forças subversivas.

O Estado socialista ou proletário, explicam, à medida que extirpar a classe capitalista, irá enlanguescendo e desaparecerá totalmente, quando a burguesia tiver deixado de existir. Quer isto dizer que não se deve pensar em novas revoluções e os que isto fizerem serão considerados inimigos da revolução.

Mas, então, para quando o advento do comunismo, inferior ou superior?

Durante algum tempo, diz Lênin, não somente a lei burguesa, mas também o Estado capitalista, poderão subsistir no comunismo sem a classe capitalista.

Quando todos ou a maior parte da sociedade tiverem aprendido o modo de reger o Estado, quando tiverem tomado em suas mãos a tarefa e obtido o poder para dominar a insignificante minoria capitalista... só então começará a desaparecer a necessidade do Governo.

Quando o socialismo tiver limitado as horas de trabalho, levantado as massas a uma nova vida e criado para a maioria tais condições de sabedoria que já, todos, sem exceção, possam desempenhar as funções de governo, então todos os rastros do Estado terão desaparecido... Só então será a ocasião de falar em liberdade.

Nenhum mortal, a não ser os clarividentes filósofos do marxismo, poderia ter a luminosa ideia de fazer passar a todos ou a maior parte dos trabalhadores pela regência do Estado, de elevar as massas a uma vida livre, sem Estado, mediante a teoria do autoritarismo, da disciplina, das funções de governo... tirocínio ótimo para formar uma raça insolente, “feroz e estúpida”.

Como se vê, prometem para breve a sociedade comunista!

As democracias socialistas ou comunistas fazem uso do velho chavão da Igreja e dos partidos burgueses: da necessidade do seu estádio para a educação das massas, a fim de prepará-las para um regime de igualdade e, como eles, prometem essa preparação.

Mas, desde quando os governantes de qualquer classe ou partido tiveram interesses, propósitos ou condições para instruírem as massas nos princípios da soberania individual ou coletiva?

\*  
\*\*

Ao empunharem as rédeas do poder econômico, político e espiritual, esses partidos passariam (como passou o bolchevismo na Rússia) a ser uma classe plutocrática, quase divina, a brilhar, como nunca brilharam as teocracias, entre o fasto e a opulência, glorificada, nos altares do Estado, pela ralé faminta e disciplinada.

Ora, se a languidez do Estado não se concebe a não ser pela abdicação espontânea da classe governante, seria de bom critério fazer dessa hipótese absurda artigo de fé? Seria lógico esperar dos novos ditadores a abdicação dos seus tronos em louvor à liberdade, depois de haverem saído da vala comum e ascendido, do outro lado da barricada, às culmânias do Poder?

Não são as condições sociais ao contrário dos caracteres antropológicos que distinguem os proletários dos burgueses? Quais as diferenças notáveis entre os políticos marxistas e os políticos da democracia capitalista? Em que se baseia, pois, a fé na metempsicose do Estado marxista? Se alguma razão houvesse para esperarmos dos políticos rubros a restituição voluntária dos bens usurpados à coletividade, a mesma razão haveria para esperarmos da burguesia essa divina graça, e, neste caso, estariam fora de propósito os desvelos, os sacrifícios em prol da emancipação social.

Os dominantes não correm, nem hão de correr, o perigo de serem presas da obsessão pelo suicídio.<sup>80</sup>

O próprio Radek, sumidade bolchevista, repete conosco:

A História Universal é a prova constante de que as classes não se eliminam, mas lutam desesperadamente para se conservarem no poder e alargarem seus domínios.

Doutrina o marxismo que, no Estado comunista, os governantes não são proprietários, são “administradores da riqueza e da liberdade do proletariado” (!!!).

[80] Entre a oficialidade da milícia bolchevista russa (nova aristocracia militar), toma incremento o espírito de classe. (N. A.)

Decididamente o marxismo vence a golpes de lógica. A doutrina não é nova. O cristianismo e o positivismo rezavam, antanho, que “o rico não é rico: é mero administrador dos pobres”. Em louvor à verdade, conviria indagar do proletariado russo se esta doutrina é ouro de lei.

O que caracteriza o proletariado como classe é a sua condição de espoliado de todos os bens comuns. Não podendo haver dois critérios a respeito, infere-se que, para o proletariado, é supérflua qualquer administração.

Das gentilezas que nos reservam os políticos revolucionários (?), dão testemunho a ditadura de Robespierre, o salvador da república burguesa (França, 1793) e o governo da comuna (Paris, 1871), o qual ciente do perigo que o povo corria nas barricadas, cercado pelos canhões de Bismark e ameaçado pelo exército de Versalhes, se entretinha em reorganizar o Estado e, com as forças afastadas das linhas de fogo, defender a propriedade desrespeitada pelos comuneiros.

Idênticos testemunhos dão os partidos socialistas democratas, que no centro da Europa impediram a ferro e fogo a marcha da revolução; e os poderes bolchevistas que, no Oriente, protegeram com a guarda vermelha os grandes latifúndios na hora trágica em que a fome dizimava as populações.

\*\*

Todo partido que se apossa do Estado toma a frente de batalha das classes ou partidos conservadores e marcha, arma em riste, sobre as falanges revolucionárias.

Foi como sentinela avançada da burguesia e da mocidade realista que Robespierre proclamou na França o império do terror; foi com o auxílio dos imperialistas que, recentemente, na Alemanha, os sociais democratas derrotaram os *spartacus*; foi com o concurso dos partidos da burguesia que os mencheviques russos combateram a insurreição proletária; e foi também com o concurso de todos os autoritários, dos mesmos tzaristas e dos soldados prisioneiros de guerra que o governo bolchevista aniquilou os revolucionários.<sup>81</sup>

---

[81] Nota do Org.: Ver SERGE, VICTOR. **O que todo revolucionário deve saber sobre a repressão**. São Paulo: Editora Quilombo, s/d. para uma explanação da utilização da OKRANA, a polícia política do Tzar, pelo governo bolchevique.

O Estado é uma máquina de repressão contra a humanidade (LÊNIN).

Ao leitor imprecavido desta definição revolucionária, há de causar espécie que o pontífice russo e seus cortesãos não apliquem, de imediato, rijo e fundo, a sabotagem à máquina estatal.

Pois... não se iluda. O bolchevismo não quer destruir; quer renovar o Estado, anônimo, impessoal, que faz recair sobre as massas a responsabilidade dos próprios desatinos.

As funções de um Estado centralizador da vida social exigem um número incalculável de magistrados, legisladores, funcionários, soldados, policiais, carcereiros, espíões... que não tardam em adquirir o hábito da vadiagem, a tara profissional, o espírito de classe, a hipertrofia do instinto de dominação, a crescente neurose do mando,<sup>82</sup> o orgulho insolente de todo indivíduo investido dos foros da autoridade.

À parcela de autoridade proporcional à hierarquia de funções, corresponde uma série de privilégios estimativos, inalienáveis segundo os seus “gozadores”.

O meio incomparavelmente eficaz de assegurar a estabilidade do Estado, de fortalecê-lo, é o de arredar do campo revolucionário os indivíduos corruptíveis – que os há em quantidade – transformando-os em burocratas, funcionários ou mercenários.

Com este meio venal – já empregado pela burguesia – é que o bolchevismo atraiu para o seu reduto a escória de todos os partidos, de todas as hostes militantes na revolução moscovita.

Não deixa, pois, de ser impressionante o perigo que a constituição de um novo Poder, com falanges de refresco, oferece ao porvir social.

Quantos milênios de cruentas lutas e ingentes sacrifícios não custou a queda do poder do clero e da nobreza?

Quantas décadas de guerra de classe e de guerra social não vêm custando o aniquilamento da burguesia?

E não custaria mais o aniquilamento do Estado comunista do que pode ainda custar a decomposição definitiva do Estado capitalista, chegado ao fim da sua triste missão histórica?

---

[82] Os alienistas preocupam-se hoje em estudar, especialmente, o “fenômeno da loucura autoritária”, que se vem manifestando de maneira alarmante nos homens de Estado e nos cabos de guerra, durante os dois últimos lustros. (N. A.)

Se em vez de uma revolução que, célere, eliminasse o Estado e a burguesia, se acrescentasse à classe dominante uma nova classe burocrática, não teríamos tão somente aumentado e tonificado o regime arcaico, protelando os fins da revolução?

.....

XIII

## *Utopia da ditadura proletária*<sup>83</sup>

.....

**Impraticabilidade da ditadura – Pugilismo político-parlamentar–Ditadura contra o proletariado – Conflito entre o princípio da ditadura de classe e o postulado bolchevista – Individualismo de Estado**

*A negação de toda ditadura se volta contra o direito dos operários a derrubarem, pela violência, a burguesia, isto é, o seu direito de fazerem a revolução social.*

*Losowski*

**N**ESTA PASSAGEM DA PRÉDICA DE LOSOWSKI, COMO EM TODA A DOCTRINA marxista, percebe-se o desejo ardente de levantar uma atmosfera de ódio do proletariado sobre os revolucionários sociais, que interceptam as suas *démarches* para o poder. Deixemos, porém, à margem este recurso pouco cavalheiresco dos bizarros ditadores e abordemos de frente a questão.

O princípio da ditadura do proletariado não tem aplicação na ordem política ou social.

Alheados como estão os operários da atividade das instituições, por justificada indiferença, apenas um número reduzido concorre ao sufrágio dos candidatos a mandarins. Não havendo probabilidades de que o número de votantes se eleve a uma soma respeitável, devido à desconfiança popular sobre as virtudes dos políticos e as medidas políticas, os ditadores em perspectiva, se chegarem ao fim almejado, serão, como são os governantes da república moscovita, representantes de uma minoria ínfima de operários eleitores: darão corpo a uma simples oligarquia.

---

[83] **Nota do Org.:** Este capítulo está designado no sumário da seguinte forma: UTOPIA DA DITADURA.



A experiência parlamentar é convincente a respeito da impossibilidade da cooperação harmônica dos corpos legislativos, executivos, etc., constituídos por deputações dos vários partidos socialistas, comunistas ou operários. A cooperação resolver-se-ia em pugilato permanente com intermédios de espetáculos edificantes, a que assistimos nos congressos nacionais e internacionais.

Cada fração política realiza prodígios para correr com as rivais e dirigir sem concorrentes o leme do Estado. Todas as atenções, todos os recursos, são empregados na guerra política, uma das soberbas calamidades que pesam sobre as classes proletárias.

Desde que tivemos maioria nos *soviets* principais – declara Trótski – nos impusemos uma luta direta e imediata pelo Poder.

\*  
\*\*

O conceito da ditadura do proletariado que mais se aproxima da realidade é o que assina todo o poder aos sindicatos. Estes são os que agrupam maior número de trabalhadores e por cujo intermédio os operários interviriam na economia e na política.

Todavia, este conceito não materializa o princípio da ditadura de classe.

Os sindicatos estão órfãos de unidade de vistas e em perene conflito de interesses e de ideias, e os seus aderentes em raivosas lutas económicas e políticas, inibidos, por conseguinte, de exercerem em bloco o governo da sociedade.

Em qualquer circunstância, o poder, organizado pelas representações dos partidos, ou das burocracias sindicais, seria a ditadura dos chefes políticos, a ditadura contra o proletariado.

O governo de uma classe supõe a participação direta dos seus componentes, todos ou a maior parte, no exercício do poder. Ora, tal suposição, aliás, absolutamente impossível, não se coaduna com os princípios de centralização e disciplina, do bolchevismo, que resumem no poder central a soberania das classes ou dos indivíduos.

A centralização e a disciplina só se coadunam com os princípios da autocracia.

\*  
\*\*

Os partidos políticos da vanguarda social foram, como as seitas religiosas, comunistas na infância, mas tornaram-se individualistas<sup>84</sup> desde o momento em que se entregaram à luta pelo governo das multidões.

A egolatria, resultante do erro antropocêntrico, destruiu o sentido da igualdade e da fraternidade, acirrou a luta de cada qual contra todos para se erigir sobre a Terra em única potestade.

A egolatria é o princípio das chefaturas supremas, das monarquias divinas, das modernas ditaduras de Cromwell, de Robespierre, de Rozas, de Lênin.

A história do Estado e da Igreja é a história da guerra em torno do governo individual, guerra que abrange todas as seitas, todos os agrupamentos políticos, económicos e sociais, de feição autoritária ou hierárquica.

---

[84] A doutrina de Lênin advoga a ditadura individual. (N. A.)

*Experiência marxista*

**A teoria pelo fato – Conversão da soberania dos mais pobres – A Rússia posta a saque – Requisição das pessoas – Novas funções de Estado – A justiça na República bolchevista – Revolta dos trabalhadores manuais e intelectuais – Comunismo obrigatório – Do respeito à independência das nacionalidades**

**C**AUSIDÍERE,<sup>85</sup> TIPO MEDÍOCRE, INSPIRADOR DE A. COMTE, FOI TAMBÉM, não há dúvida, inspirador dos filósofos do bolchevismo. Uma vez assenhoreados dos destinos da Rússia, trataram de estabelecer a ordem marxista e, para maior felicidade dessa tentativa, fizeram rasou-ra dos soviets, de todas as entidades industriais, das cooperativas de produção e de distribuição, dos institutos de instrução e educação, das associações de socorros aos flagelados; confiscaram as terras, as oficinas, os edifícios; saquearam as casas bancárias, os celeiros, os haveres de uso pessoal; e, finalmente, procederam à requisição das pessoas.

O Estado tornou-se traficante, fornecedor de escravos trabalhadores às empresas capitalistas, nacionais ou estrangeiras.

O bolchevismo transformou em burla a soberania proletária. De soberania, ele só reconhece a do Comitê Executivo e do seu chefe, que tem a faculdade de afastar do mesmo, com o concurso da Tcheca, qualquer membro cômico da sua personalidade.

Na Rússia bolchevista, apenas houve ensejo de criar a lei de “domicílio coato” porque domicílio não existe.

Todas as liberdades de pensamento, de reunião, de associação foram abolidas.

[85] Nota do Org.: Prefeito de polícia do governo francês, durante a revolução de 1848, autor da expressão: “Precisamos fazer ordem com desordem”. (N. A.)

O mesmo ocorreu com a liberdade de trânsito. O cidadão, raras vezes, se conduz. De ordinário, é conduzido pelos esbirros, como prisioneiro, para onde os comissários ordenam.

Como celerado, o código penal bolchevista não tem similares.

A relativa liberdade de trabalho, uma das grandes conquistas da revolução do século XVIII, foi desconhecida em absoluto. O exercício dessa liberdade, na jurisprudência russa, é castigado com a pena capital.

As forças operárias passam pelo controle do Estado. Os trabalhadores manuais ou intelectuais (homens, mulheres e crianças) são submetidos a trabalhos forçados. A produção de cada um não se mede pela própria vontade, são os comissários que obrigam os trabalhadores a darem uma produção superior às suas forças. Escusado será dizer que o trabalho não vigora para os burocratas. Estes vivem como “cupins”.

É por esta forma que os ditadores aplicam o método Taylor.<sup>86</sup>

O que acabamos de denunciar é uma pálida ideia da expressão a que, na prática, o bolchevismo reduziu as idealidades, as fantasias libertárias do povo russo.

Era, portanto, de prever que os trabalhadores rurais ou urbanos, espoliados e açotados pelos comissários e pelos aguazis, se negassem a entregar-lhes o produto do próprio suor e recorressem à sabotagem, único meio de externarem a revolta. Se esta se fazia sentir entre os trabalhadores manuais, calcule-se o que faria na alma dos técnicos, dos intelectuais, ao resvalarem de uma escravidão odiosa para a feitoria bolchevista, onde passaram a ser tripudiados pelos capatazes do partido. E a sua susceptibilidade havia de sentir-se ferida, ainda mais, vendo-se dirigidos, admoestados, insultados, por indivíduos ineptos, insolentes, degenerados. Estultícia seria pretenderem que estes homens, descidos em grau de libertação, viessem auxiliar a marcha do novo regime.



À obrigatoriedade e militarização do trabalho e da economia, seguiu-se a concentração em comunas. Ninguém possui mesa própria. Os

[86] Nota do Org.: Frederick Winslow Taylor (1856-1915), engenheiro mecânico estadunidense, criou um sistema para a produção fabril. Este sistema científico ganhou seu nome, taylorismo, influenciando o mundo do trabalho para além de seu país. Ver: TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de Administração Científica**. 7. ed. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. São Paulo: Editora Atlas, 1970.

trabalhadores reúnem-se a “toque de rancho”, sentam-se à “mesa comum”, comem o que lhes servem, como nas casernas.

Fora dos “falanstérios”,<sup>87</sup> as famílias proletárias fazem cauda às portas dos depósitos e recebem os viveres medidos, pesados, pelos Conselhos de Distribuição.

No sistema bolchevista, tudo concorre para anular o indivíduo, tudo se move mecanicamente, tudo é submetido ao sistema regimental, ao processo sumaríssimo.

A própria pessoa, família, relações sociais, bem-estar, amor e sonhos de glória, tudo o indivíduo tem que sacrificar à casta detentora do poder.

Admirados do novo estado de coisas, os revolucionários, os trabalhadores, interrogam-se mutuamente se foi para “essa ordem marcial” que se derramou tanto sangue e se sacrificaram tantas e tão preciosas vidas (!!!).

Bukharin opina pela afirmativa.

Quanto mais numerosas forem as pessoas (escreve) que tenham a ideia de ser donas de si mesmas, mais difícil se há de tornar o funcionamento do comunismo (?) *marxista*.<sup>88</sup>

Quanto ao princípio da soberania dos povos libertos pela revolução, respeitou-o o governo leninista cobrindo-os de metralha, impondo-lhes depois o sacramento da ditadura vermelha.

Nada haveria a observar sobre o ataque às repúblicas nas quais os conservadores acabavam de restabelecer, com leves modificações, o Estado decaído. O que não pode passar sem a repulsa do proletariado universal é a crueldade com que procedeu, continua a proceder, com povos do Sul, massacrados, pelo fato de respeitarem os princípios da revolução.

\*  
\*\*

Um estádio dessa ordem, digno da idade média, não podia perdurar.

---

[87] **Nota do Org.:** Modelo de uma pretendida organização social uniforme e perfeita proposto por Charles Fourier (1772-1837). Florentino mais adiante, no capítulo XIX, denominado “Constituição e decadência das democracias”, aborda este tipo de proposta de reorganização social baseado em sugestões de sábios acerca de uma sociabilidade acabada.

[88] O grifo é nosso. (N. A.)

Levando no bojo os princípios dissolventes e minada por novas revoluções de caráter social, a república que, no solo moscovita se instalou sob os sugestivos títulos de proletária e comunista, houve de bater em retirada estratégica em direção ao capitalismo... burguês. Nem outra medida tinham os seus estadistas a tomar para salvarem alguns restos do naufrágio.

Dez anos de dolorosas experiências mostraram bem a improcedência do postulado marxista.

Resta, agora, que a lição aproveite.

*O trabalho sob a fôrula do Estado e da Igreja*<sup>89</sup>

**O Estado proprietário e explorador – Regime da repressão – O fator psicológico – Poder econômico da Igreja – Consagração da propriedade – Imposição do Direito Canônico – O Santo Sínodo russo e a sua obra – O terrorismo protestante e o católico – Religião e escravatura**

*A igreja é o Estado Maior do capitalismo.*

**E**M GERAL, OS SOCIALISTAS DAS VÁRIAS ESCOLAS, NOTADAMENTE os teóricos do socialismo pseudocientífico: de Marx, de Engels, de Labriora, de Ferri, de Leone, etc., assente na doutrina do materialismo histórico, ou, com mais propriedade, da mecânica econômica, adoeeceram da falta de penetração quanto à compressão econômica, política e espiritual que o Estado e a Igreja exercem sobre as classes populares, sobre os partidos, sobre o movimento operário e sindical.

Não repararam, com suficiência, na carga que o Estado representa para as classes produtoras, na espoliação de que as faz vítimas.

O Estado é o principal detentor da terra, da riqueza e dos elementos sociais: educação, medicina, higiene, sanidade, etc.

O Estado explora o proletariado na agricultura, na indústria, no comércio, em todas as repartições civis ou militares.

Explora-o como contribuinte, como inquilino, como salariado; sacrifica-o como soldado, mediante o imposto de sangue e serve-se dele para fins imperialistas, para a repressão dos movimentos populares ou proletários.

[89] Nota do Org.: Este capítulo está designado no sumário da seguinte forma: O trabalho sob a fôrula da Igreja e do Estado.

O Estado está, em cada país, integrado por milhões de parasitas, para os quais o operário tem que trabalhar gentilmente.

O Estado é caríssimo. As suas instituições, anódinas, custam os olhos da cara. A enorme parcela de produtos que ele consome redundam num excessivo dispêndio de energias por parte das classes trabalhadoras.

A dinâmica estatal: as relações econômicas e políticas, nacionais ou internacionais, a luta civil, a guerra, a paz armada, o protecionismo, a inflação monetária, a circulação forçada das emissões de papel-moeda, as fraudes, os assaltos aos tesouros públicos e o infalível aumento dos impostos<sup>90</sup> pesam nas oscilações do câmbio, provocam as crises de trabalho, a carestia dos artigos de supervivência, a perda total ou parcial das conquistas operárias, a redução dos salários, o aumento das horas de trabalho, que favorecem sobremaneira a exploração patronal.

O Estado esforça-se em criar para os pequenos proprietários situações econômicas insustentáveis e requisita em proveito próprio, ou dos proprietários em grande escala, os bens dos que não podem atender às exorbitantes exigências do fisco.

O enriquecimento dos burocratas e dos ricos, pela classe governante, “verifica-se à custa de equivalente empobrecimento dos pobres” (*sic*).

A agressão sistemática do Estado aos trabalhadores e a assistência que o mesmo presta aos capitalistas são dignas de atenção.

A extensão crescente das instituições de legislação e de jurisprudência, das corporações militares e policiais e a vasta ramificação da espionagem são alarmantes.<sup>91</sup>

O Estado submete os cidadãos, os proletários e trabalhadores, à fotografia, à antropometria, às impressões digitais, como se fossem delinquentes, e obriga-os a se munirem da infamante carteira de identificação, perfeito sucedâneo do estigma que, outrora, os senhores mandavam estampar nas faces dos seus escravos.

A restrição dos direitos de cidadania, a supressão ou a destruição da imprensa, das bibliotecas, das escolas... o vandalismo, os massacres

[90] O imposto é uma das expressões econômicas do Estado. Com ele, asfixia o produtor e o consumidor. (N. A.)

[91] Nas fábricas, nas oficinas, nas docas... o Estado organiza a lista negra dos operários conscientes, e a coação pela fome. Entre cada pequeno grupo de trabalhadores, o Estado introduz um espião e faz a cada militante as honras de um detetive. (N. A.)

de trabalhadores praticados nos calabouços ou nas vias públicas, pelos esbirros; a instituição da forca, da guilhotina, da cadeira elétrica, o emprego da bomba, dos gases asfixiantes... aí estão, como realidades monstruosas e revoltantes, a patentear a ação brutal do Estado sobre o povo produtor, para o entregar, vencido, esmagado, inerme, à voracidade do capitalismo.

\*\*

Em presença da Igreja, os trabalhadores encontram-se em condições semelhantes.

A suntuosidade, o esplendor que ostenta em seus palácios e catedrais,<sup>92</sup> promontórios das pequenas cidades e das grandes metrópoles, a destacam como potência econômica de primeira ordem.

Creemos não ser preciso, para formar convicção a respeito do interesse da Igreja pela economia e política universais, descrever com riqueza de detalhes a fabulosa fortuna que ela vem absorvendo desde a época da vingança do cristianismo, época em que se fez senhora do Ocidente<sup>93</sup> e os próprios reis e os imperadores eram adjudicados aos povos pelos pontífices.<sup>94</sup>

Nos limitamos, por isso, a chamar a atenção do leitor para a explicação da resistência da Igreja Católica à conservação e às reformas políticas e sociais.

As Cruzadas, levadas pelos chefes do catolicismo sobre o Oriente próximo, visavam estender pelas vastas regiões asiáticas o império vaticano.

---

[92] O luxo insolente dos príncipes da Igreja, as imensas riquezas que eles esbanjam em festas e aparatosidades [sic] cenográficas, nas bacanais a que se entregam em deslumbrantes *rendez-vous*, com as infelizes operárias do ventre, representam o pão, o conforto, a saúde, a alegria que faltam nos tristes e miseráveis cubículos em que a família proletária define. A posse física das crianças ou jovens de ambos os sexos, – pertencentes à plebe – reclusos nos conventos, nos asilos, nos orfanatos e nos colégios, posse que lhes faculta o sacrifício, até a morte, dessas flores da miséria, em holocausto aos seus prazeres de sátiros, é uma graça divina de que só abrirão mão à viva força. –N. A.)

[93] Atualmente cogita-se do restabelecimento do poder temporal dos papas. (N. A.)

[94] Os papas não perderam ainda o hábito de tratar os soberanos e magistrados como *súditos* e penitentes. Em alocução proferida no consistório do Vaticano, em 13 de dezembro de 1925, “Pio XI mostrou-se muito grato aos atos do governo italiano em favor da religião e da Igreja Católica, embora tudo isso consista em expiação apenas parcial das injustiças e insultos infligidos no passado”. (N. A.)

Relativamente à sua oposição à reforma luterana, sabe-se que ela provinha da necessidade de conservarem seus domínios nos países sações rebelados.

A participação direta e indireta do clero na reação movida em 93 pelos *culottes dorées* (sic) aos legionários de Danton e Mirabeau, tinha, também, poderosas razões.<sup>95</sup>

No século XVIII

a nobreza e o clero da França, detendo mais de um terço do território, livres de todo encargo e de todo imposto, lançando todo o peso para o povo do campo e a burguesia austera das cidades, açambarcando todos os recursos de um orçamento alimentado pelos mais pobres, prejudicavam no mais alto grau a classe rural e a classe burguesa.

Então a Igreja amaldiçoava ferozmente o comunismo.

Quando a assembleia nacional ousou pôr os fundos eclesiásticos à disposição da Nação, foi então sobretudo que se viu o clero invocar com palavras de raiva a autoridade do céu em apoio das possessões que lhe roubavam. Foi então que se viu misturar muito escandalosamente a causa de Deus com a causa de Mamom e gritar que a religião estava perdida porque não haveria mais bispados com cem mil libras de renda. (J. JAURÉS).

Idênticas ambições induziram o clero, na Itália, a guerrear Mazzini, Cavour e Garibaldi. Os bens açambarcados pelo Vaticano e suas ordens, avaliados em milhares de milhões de liras, e a sua autoridade política e moral sobre o povo não eram para desprezar.

A epopeia terrorista do clero através dos restantes países da Europa, no empenho irrefreável de manter ou conquistar domínios, representativos de fabulosos valores, e a soberania absoluta sobre os mesmos é bem conhecida, particularmente na Espanha. Nos dias sombrios das guerras carlistas, os ministros do meigo (?) Rabi de Galileia juncaram de cadáveres o solo hispano e só se acalmaram quando subiu ao poder a atual dinastia... papista e lhes foram restituídos todos os bens – com

---

[95] A Igreja teve, a seguir, participação direta e indireta na reação aos movimentos subversivos da primeira metade do século XIX e no extermínio dos comuneiros de Paris, pelo exército de Versalhes, sob o comando de Thiers em 1871. (N. A.)

os correspondentes juro – que os governos republicanos lhes haviam confiscado e declarado propriedade nacional.

Na América, a resistência do clero às ideias de independência, do abolicionismo e da democracia tinha a sua explicação na posse do novo continente, no usufruto deste solo virgem e fecundo, na escravidão por ele e para ele organizada, utilizando os indígenas e os etíopes nos trabalhos agrícolas e servindo-se das escravas para formar, no dizer de José Bonifácio, haréns muçulmanos.

Presentemente, as ordens religiosas figuram como astros na indústria, no comércio (vendendo céus e terra), na finança,<sup>96</sup> e não tem competidores no requinte de exploração. Lembremo-nos de que foi esse requinte de exploração clerical, nos conventos e asilos de Catalunha (Espanha), uma das causas que mais ateou o incêndio revolucionário de 1909.

Nos Estados anglo-saxões, a Igreja Luterana é respeitável pelo seu poder econômico e político, pelas suas façanhas.

O protestantismo, de religião democrática, elevou-se às nuvens da aristocracia e, por processos mais velados, porém mais metódicos, arrecadou riquezas incalculáveis e dominou com superior rigorismo os seus fiéis.

Foi ele, o protestantismo, que fez escrever nos códigos penais prussiano, inglês, noruego (*sic*) e holandês o crime de blasfêmia contra a Igreja e o Evangelho.<sup>97</sup>

Foram eles, os chefes luteranos, os que, atacados de fobia de seita, de raça e de nacionalidade, aplicaram e insinuaram a lei de Linc como meio de depuração e civilização, os que cobriram de metralha os operários das cidades industriais dos Estados Unidos e se immortalizaram como sanguinários com os memoráveis massacres de Maio de 1886; com o sacrifício dos mártires de Chicago, em 11 de novembro de 1887; e, atualmente, com a eletrocussão dos novos gigantes do pensamento libertário Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti.

\*  
\*\*

---

[96] Em resultado do excesso religioso provocado pela última guerra, o rendimento anual do Vaticano elevou-se a 1.500.000:000\$000 (um milhão e quinhentos mil contos) [*sic*]. Na luta pela riqueza, a Igreja agiu por todos os meios, sem escrúpulos, e foi às últimas consequências. (N. A.)

[97] Segundo uma expressão americana, “o protestantismo é uma máquina política que recebe as ordens de todos os inimigos de Cristo”. (N. A.)

Do Santo Sínodo russo, diremos ter ele excedido a todas as outras igrejas em explorações, bacanais e atrocidades, personificadas na abjeta silhueta de monsenhor Rasputkin.

\*  
\*\*

À sombra onisciente da Igreja, tomam vulto os partidos político-clericais.

Comentando uma reunião efetuada há pouco no Rio de Janeiro pelo Conselho de Vigilância, instituição criada por ordem do Papa, escreveu o dr. Victor Coelho de Almeida (ex-cônego):

Um conspícuo membro do clero, notável orador já falecido, pediu uma orientação segura a respeito da ação política dos católicos; porque, tendo sido o Partido Católico (fundado por um distinto leigo católico e por mim) publicamente aprovado pela primeira autoridade eclesiástica do Brasil e grande número de bispos, surgiram vozes que se diziam autorizadas e afirmavam que o episcopado brasileiro, desejando apenas ligas eleitorais diocesanas – partidos regionais – sob a imediata direção de cada bispo, era contrário à organização de um partido nacional.

Notai: sempre em tudo a intriga e a ambição do mando.<sup>98</sup>

Recentemente foi, em terras brasileiras, criado o Banco Católico (com sede no Rio) por importantes firmas e empresas industriais e comerciais.

Por dados desta natureza, que existem a granel, certifica-se que, no solo de Sta. Cruz, o Partido Católico não é apenas uma pia instituição de lágrimas e água benta.

\*  
\*\*

Em todos os países, salvo raras exceções, o governo diocesano influi na política das nações, nas questões operárias e sociais.<sup>99</sup>

---

[98] Nem as crianças escapam à mobilização política organizada pela Igreja. Em 24 de junho de 1927, o papa enviou uma carta ao cardeal Gasparri, mostrando o seu interesse pelas crianças católicas que entram na organização fascista dos meninos, denominada “Balilla” e que é considerada de caráter puramente político. (N. A.)

[99] Por espaço de dezessete séculos, a tiara impôs o Direito Canônico ao mundo Ocidental e, hoje, em pleno século xx, o povo tem, segundo a frase de Dante, o Código Evangélico, que lhe serve de guia. (N. A.)

Os pronunciamentos reacionários havidos na Itália, na Espanha, em Portugal, nos países balcânicos, no México, no Chile, etc.; a reintegração, no Brasil, do feudalismo romano: a colocação da imagem de Cristo nos tribunais, a oficialização dos colégios episcopais, a “lei mordaza”... obedecem às sugestões dos pontífices de Roma, de Albion e de Wall Street.

Por toda parte, o clero e os partidos clericais dirigem a perseguição e a matança dos trabalhadores ativos, dos revolucionários, e impedem, como acabam de fazer na Polônia, que os produtores expropiem os proprietários e os industriais.

\*\*

A religião foi, em todas as idades, poderoso elemento de conquista<sup>100</sup> e de escravidão. No velho, bem como nos novos continentes, a penetração militar foi, segundo as circunstâncias de lugar e de momento, antecedida ou precedida da penetração religiosa.

\*\*

Ao flanco do Estado, a propriedade é um abcesso da autoridade diocesana.

O primeiro regime econômico é o teocrático, baseado no Direito divino, na concepção teológica, segundo a qual a Natureza e as riquezas são divinas. A primeira forma da propriedade é “a propriedade das coisas santas”. A propriedade adquire, assim, um caráter sagrado e só à Igreja<sup>101</sup> é inerente a sua ingerência, a sua administração.

Parafraseando Esquiros, diremos: esta propriedade é a chave de ouro de todas as outras.

---

[100] As imensas riquezas que a Igreja tem usurpado à sociedade humana são obra das sutilezas, dos dogmas. Cada artigo de fé valeu tesouros e, para conservá-los, fez-se correr rios de sangue (VOLTARE).

[101] Na condição de gozadora dos bens alheios, apesar dos seus votos de pobreza, a Igreja santificou a opulência dos expropriadores e o pauperismo dos explorados. Igreja é a mais importante companhia de seguros, pois, a propriedade privada, torna-se, pela sagração, inviolável às multidões impressionadas pelo misticismo. (N. A.)

O Estado e a Igreja<sup>102</sup> têm sobre o trabalhador o governo econômico, político, intelectual<sup>103</sup> que a superstição cívica e o misticismo religioso lhes conferem.

A questão da classe trabalhadora com o Estado e com a Igreja não é, portanto, uma questão de partido ou de opinião: é uma questão social e moral impossível de resolver à base de meras reformas políticas ou econômicas.

Não se pode, logicamente, pensar na luta contra o capitalismo e, menos ainda, reagir contra o Estado e a Igreja nas respectivas qualidades de patrões, como se tem proposto, isto é, sem ferir a sua estrutura política e espiritual, quando ambos, favorecidos pela indiferença dos democratas, socialistas ou comunistas (?) e dos sindicalistas, infiltram na mente e no coração do proletariado os sentimentos e os dogmas que sancionam o regime de exploração e do despotismo.

---

[102] O cidadão leva o Estado, como o cristão, a cruz: nos ombros, no coração, na consciência. É por isso que se diz nascer o Estado das vontades individuais... embargadas pelo espírito religioso. O Estado foi no passado uma necessidade histórica, que surgiu da autoridade conquistada pela casta religiosa.” (BAKUNIN). A lei civil é uma caricatura da lei eclesiástica. – . A.)

[103] A operação do Estado nos anos da conflagração universal provou que “ele, apoiado por uma forte corrente, pode converter a certos pontos de vista grupos sociais consideráveis apesar da repugnância destes a esta orientação”. (N. A.)

## *Falência do sindicalismo*

**Definição do sindicalismo – Inspiência do postulado sindicalista – Adaptação do marxismo – Questão da neutralidade e do automatismo sindical – O sindicalismo e a realidade social – Interesses comuns entre o sindicalismo e o capitalismo – O sindicalismo e a política – Ausência de princípios morais no sindicalismo**

*É preciso separar o joio do trigo.*

**A** INDECISÃO QUE, NA LUTA SOCIAL, EMBARGA O PROLETARIADO, que contém o gesto decisivo das multidões insubmissas, deve-se às obscuras concepções a que se tem prestado o socialismo, o comunismo e, particularmente, o sindicalismo.

Feita a exposição do sindicalismo sob o prisma dos particulares interesses ou princípios de classe, de partido ou de grei ideológica, perturbou, em vez de elucidar, os espíritos ávidos de uma definição exata desse novo postulado.

Segundo os socialistas e os comunistas políticos, o sindicalismo é um movimento de classes destinado a servir de apêndice à respectiva ação econômica, política e eleitoral, com caráter subalterno.

Por outra parte, grande número de anarquistas admite certo movimento sindicalista como fator revolucionário.

Esta concepção resume-se na seguinte definição enunciada por Rudolf Rocker:

O sindicalismo revolucionário é um movimento de classes e está sempre como tal no terreno da luta revolucionária de classes e da ação direta..... Por outra parte, considera como a sua mais elevada missão abrir caminho a uma nova ordem social de coisas e marchar praticamente para a via na qual a administração de toda a vida social e econômica descansará nas mãos do povo trabalhador.

Perdoe-nos Rudolf Rocker e, com ele, todos os anarquistas que esposam essa concepção, mas isso nunca foi nem poderá ser sindicalismo: isso é anarquismo puro e simples. E, de passo, diremos que não há utilidade alguma em fornecer ao sindicalismo valores que não lhe pertencem.

O intuito de dar ao sindicalismo uma expressão anarquista é, sem contestação, louvável.

Mas o fato não deixa de ser um artifício (produto da ansiedade anarquista), contraproducente, em todo o caso, para a realização do anarquismo.

Entendemos ser preciso que o anarquismo não se desprenda de valores intrínsecos em favor de uma tendência que muitos se esforçam em antepor a todas as outras tendências do movimento operário, afirmando a sua primazia na obra de emancipação proletária.

A lógica determina que o sindicalismo seja reduzido à sua expressão natural e real, como o têm definido e desejado os sindicalistas.

Para tentarmos definir, ainda que sucintamente, o sindicalismo, temos que nos remontar à definição do movimento operário em geral.

Esse movimento é um fenômeno da evolução antropológica e das necessidades biológicas; é um fenômeno resultante do progresso da filosofia, das ciências, das letras e das artes; é a sequência de uma nova concepção da vida social, vinda à luz com a promoção da democracia burguesa e do ideal das nacionalidades, abrindo passo à evolução do pensamento num sentido mais lato do progresso e da questão primordial, que havia ficado pendente: a emancipação da classe proletária, a mais numerosa, a mais útil, a mais sacrificada. Este movimento é um fenômeno da crescente atividade industrial, da centralização econômica, da concentração das populações; é o produto do antagonismo de interesses, do conflito entre as classes sociais, dos direitos inerentes aos produtores e os privilégios dos usurpadores do poder e da riqueza; é o princípio dissolvente do Direito histórico, que determina as inclemências sociais entre os deserdados; é, em última análise, a materialização das novas correntes políticas, sociais e filosóficas, do comunismo, do socialismo e do anarquismo.

Vários matizes nos apresentam esse movimento, segundo os fatores étnicos, as condições mesológicas naturais e industriais, a cultura de cada povo e das facções políticas e sociais militantes.



O sindicalismo é uma modalidade desse movimento, realizado por certo número de operários organizados, consoante as respectivas profissões ou indústrias, tendo em vista os interesses<sup>104</sup> específicos de cada grupo sindical no mercado do trabalho.

Esta modalidade encontra-se na corrente neutralista, que perfilha o automatismo sindical.

Estudando as várias tendências do sindicalismo, podemos dizer que ele condensa a resistência à redução do salário, ao aumento da jornada de trabalho, à imposição nos ergástulos industriais, de outras condições inferiores, pelos capitalistas. Ao mesmo tempo, o sindicalismo persegue melhoras profissionais, econômicas, sociais e morais nos limites do regime do salário.

Podemos também denominar sindicalismo a essa tendência que, além de mostrar os dois aspectos já mencionados, criou a teoria da eliminação do patronato, mediante a conquista progressiva de reivindicações na esfera profissional ou industrial, sem, todavia, propor ideia alguma à operação subversiva ou construção a realizar.<sup>105</sup>

Esta teoria é conhecida sob a denominação de sindicalismo revolucionário. Entretanto a denominação é imprópria, pois o sindicalismo carece de valores para promover a revolução.

Com efeito. Que resta do sindicalismo<sup>106</sup>, abstração feita de tudo quanto ele tem extraído do socialismo e do anarquismo?

Como pode o sindicalismo realizar uma obra de transformação social se não tem por esteio um novo sistema jurídico e espiritual, superior ou inferior ao existente; se está incapacitado de formular os direitos do homem, já proclamados pela revolução do 93 e reconhecidos pelo liberalismo burguês?

No terreno do salário, além da insipiência já indicada, o sindicalismo, órgão específico da luta profissional e corporativa, não possui eficiências para movimentos de maior alcance. Mesmo como órgão de re-

[104] Nos interesses sindicais, consta o monopólio do trabalho. (N. A.)

[105] Ninguém ignora que as sugestões de Poutou Pouget, Griffuelles, Leoni, Bert Sorel, Lagardelle e outros possibilistas da revolução sindicalista não interessaram os militantes práticos dessa teoria, descartada pelo espírito de classe. (N. A.)

[106] O sindicalismo só pressentiu o excesso de exploração capitalista, não os seus fundamentos. De modo igual às instituições de caridade, procura suavizar os efeitos desastrosos do industrialismo. A doutrina sindicalista guarda analogia com a doutrina da Igreja: prega contra a usura, mas respeita a exploração.

sistência, a sua ação é muito limitada: não pode ultrapassar os limites da capacidade industrial e financeira do patronato, tendo de se conformar com as misérias que a pequena indústria, ou a indústria em ruínas, pode oferecer. Por outro lado, os seus movimentos não podem ser insistentes, prolongados. Isso acarretaria prejuízos industriais de que os próprios operários seriam os primeiros a sofrer. Finalmente, a ação operária está limitada pela tutela que o Estado presta aos interesses dos industriais.

A doutrina sindicalista reza que

o movimento operário não se pode propor com antecedência a realização de determinadas formas de organização social para o futuro. É impossível. A história dos sistemas econômicos demonstra que todos eles não surgiram primeiramente do cérebro de alguns filósofos ou pensadores. E para o movimento operário seria pouco prudente querer dar-lhes uma finalidade dessa espécie, pois faria renascer em seu seio a luta de opiniões, paralisando a ação fecunda. Além de tudo, não está nas condições atuais do movimento operário a elaboração de um programa de organização e de troca, que é uma questão para depois da destruição do capitalismo.

Somente um movimento operário orgânico e com uma longa experiência poderá abordar o assunto.

É, pois, evidente que o sindicalismo não descansa sobre nenhuma base científica ou filosófica para se destacar do estreito círculo das suas atividades circunscritas à dinâmica industrial capitalista.

\*  
\*\*

É certo que os sindicalistas beberam na escola marxista as noções teóricas apropriadas ao movimento respectivo, mas do marxismo beberam pouco: tão só a parte necessária para a sanção da tendência que esse movimento possuía desde os primeiros lustros da organização corporativa das classes operárias.

Os sindicalistas encontraram no marxismo a teoria ideal: o meio de se eximirem de qualquer preocupação intelectual ou ideológica, deixando ao fatalismo das condições econômicas a solução de todos os problemas sociais.

Eles não se adaptaram ao marxismo, realizaram, apenas, uma adaptação do marxismo às modalidades desse movimento, que a experiência havia feito caducar.

O movimento operário provoca princípios críticos do edifício capitalista nos seus vários aspectos: econômico, político, jurídico, religioso, etc., porém o sindicalismo, mercê do dogma da neutralidade,<sup>107</sup> apaga toda crítica.

Assim agindo, o sindicalismo, depois de se ostentar como fator único de emancipação dos trabalhadores, canaliza o movimento operário para um beco sem saída,<sup>108</sup> tornando-se eminentemente conservador.

O sindicalismo é, pois, a expressão de um movimento indeterminado, caótico, sem solução.

A sua doutrina é pura metafísica.<sup>109</sup>

Os sindicalistas, quando constrangidos a se definirem, perdem-se em divagações bizantinas, patéticas e, por último, declaram que a sua ação se baseia na realidade ambiente.

Vejamos o que há de exato nessas declarações.

Até a hora presente, não chegou ao sindicalismo a notícia de fatos reais, palpitantes e dolorosos, tais como o de estar o trabalhador separado da terra, dos elementos de produção e privado do produto íntegro do seu trabalho.

O sindicalismo não ausculta o progresso científico, mecânico, industrial, que aumenta prodigiosamente a riqueza dos industriais e a miséria dos explorados; não se impressiona com as grandes crises econômicas, que cerceiam a vida das populações.

---

[107] Em favor da tese neutralista, vieram ao tapete da discussão as opiniões de muitos preclaros teóricos do anarquismo. Devemos, entretanto, saber que a maior parte destes, inclusive Neno Vasco e Malatesta, não estimam o movimento operário (que compreende o sindicalismo) como fator revolucionário. Para eles, o movimento em questão não tem outra função que a de resistência à exploração patronal e em cujas organizações os anarquistas devem ingressar para propagarem o seu postulado e engrossarem com os elementos a ele vinculados, o movimento anarquista. (N. A.)

[108] O mais curioso é que haja militantes que concebam o sindicalismo como fator primordial ou único da solução da questão social (ou mesmo a realização anarquista), reduzida esta à expressão estreitamente sindicalista, isto é, a uma relativa e mesquinha questão corporativista. (N. A.)

[109] O sindicalismo é maleável. Não tendo princípios ou finalidades, e carecendo, por isso, de responsabilidade, inclina-se, sem escrúpulos e sem receio de incoerências, para o mutualismo, para o cooperativismo, para a ação legal, eleitoral, apesar de que esses processos quanto mais benefícios aportam aos operários tanto mais firmam a crença nessas ilusões, mais interesses acumulam e são por eles arrastados ao campo da política comercial, profissional, etc. (N. A.)

O sindicalismo não se preocupa com a clamorosa sorte da mulher e dos menores, vítimas do trabalho penoso e da prepotência que suportam no lar ou na família; não atende às vicissitudes que infelicitam os fracos, os velhos, os inválidos, os doentes e as crianças, desamparados ou martirizados nos asilos ou casas correcionais.

A concorrência, essa lei de bronze, é nebulosa para os sindicalistas. Só se impressionam com a concorrência das máquinas quando são instaladas nas oficinas; só se impressionam com a concorrência de trabalhadores de ambos os sexos quando estes se aglomeram às portas desses presídios ou das sedes dos sindicatos. Então os repelem bruscamente,<sup>110</sup> sem o menor respeito a uma das mais justas liberdades – a liberdade de trabalho.

Em face de outras questões sociais: a carestia dos meios de subsistência e a sua inferioridade, deterioração ou falsificação, e dos problemas de higiene, sanidade, assistência, os sectários do automatismo sindical permanecem céticos.

\*  
\*\*

Atendendo de preferência os interesses dos operários agremiados, o sindicalismo reconhece e defende a série de categorias criadas pela divisão e especialização capitalista do trabalho.

Não considera que os operários assalariados representam classes privilegiadas e, ainda, por gradações que estabelecem desigualdades irritantes.

Os sindicalistas melhor remunerados não se lembram de que, enquanto eles trabalham e gozam relativa fartura, a multidão dos mal pagos sofre toda sorte de privações.

O sindicalismo desconhece o direito individual e o direito público. Cada sindicato esquece que o aumento de salário por ele conquistado determina um aumento equivalente ou superior do custo dos artigos de produção e de consumo.

Tal aumento implica fatalmente uma redução do salário dos trabalhadores em geral, onde a sua influência se faz sentir.

---

[110] Todo concorrente é, para o sindicalista, um inimigo. (N. A.)

Em certos casos, essa influência torna-se universal. Os assalariados da Alemanha, da Inglaterra, da França e, principalmente, dos Estados Unidos, graças à pujança industrial, financeira e militar dos respectivos países, alcançaram situações melhores à custa, naturalmente, do sacrifício dos trabalhadores de todos os restantes países do mundo.

\*\*

As corporações sindicais estão intimamente ligadas aos interesses do patronato e do Estado, ou melhor: as empresas capitalistas, o Estado e os sindicatos operários, têm interesses comuns. Cada sindicato, pelo valor representativo do salário, acha-se subordinado à vida e aos processos da indústria específica.

A situação econômica dos operários está sujeita às oscilações econômicas das respectivas empresas e às finanças do Estado.

Este fenômeno concorre poderosamente para a formação da mentalidade industrial e política, que torna o operário autômato do capitalismo e do Estado.

\*\*

Tendo interesse na conquista de mercados, para escoar os estoques de artigos e aumentar a produção, cuja realização determina por si mesma a elevação do preço da mercadoria-trabalho, os sindicalistas, que só veem o mundo através dos interesses corporativos, não podem deixar de anuir às medidas que os industriais e os governantes tomam nesse sentido.

Malgrado as suas declarações de unidade operária e de fraternidade dos explorados, *o imperialismo de casa (sic)* fascina-os.

Conduzido pelo determinismo econômico, o sindicalista é patriota, nacionalista, estatista. Ele colabora com o Estado na paz ou na guerra.<sup>111</sup>

\*\*

O sindicalismo é, por natureza, utilitarista. Cada sindicato, para agir num movimento em colaboração com outros sindicatos, consulta

---

[111] As organizações sindicalistas estiveram, durante as maiores emergências na Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Estados Unidos, etc., ao serviço dos governos dos respectivos países. (N. A.)

primeiramente o interesse próprio, calcula as possíveis consequências e se estas lhe são particularmente lucrativas.

\*\*

Em política, o sindicalismo também não é exigente: reclama tão só as liberdades que no regime atual necessitam as organizações profissionais ou industriais para a defesa dos mesquinhos interesses específicos.

O sindicalismo não indaga das funções do Estado, como “máquina de repressão da humanidade”<sup>112</sup>; não sabe das vítimas que, por lutarem com ardor e entusiasmo em prol da liberdade, sucumbem aos milhares nas prisões.

De ordinário, permanece indiferente e, em muitos casos, colabora com a autoridade para jugular as revoltas populares.

Seria longo e enfadonho enumerar aqui a série infinita de traições das organizações sindicais aos movimentos operários caracterizados pela sua significação revolucionária.<sup>113</sup>

Pelas razões expostas, conclui-se que o sindicalismo é um sistema de organização e de tendências opostas às aspirações unionistas e federalistas; é um movimento de interesses privados, contrário à concepção da greve geral,<sup>114</sup> a todos os princípios de solidariedade<sup>115</sup> e de justiça.

No sindicalismo,<sup>116</sup> não há lugar para os princípios morais. As relações entre o sindicado e o sindicato, e vice-versa, são utilitárias e comerciais. O sindicalista serve ao sindicato enquanto este se presta para lhe proporcionar benefícios imediatos. Por outra parte, o sindicato presta ao sindicado auxílio (se porventura presta) quando este é preso, perseguido ou quando enfermo, da mesma forma que um sindicato burguês favorece aos seus melhores auxiliares em compensação aos serviços prestados.

---

[112] **Nota do Org.:** No capítulo XII, “Escola dos neo-sofistas (regime bolchevista)”, o autor cita esta frase nomeando Lênin como seu autor.

[113] Somente, pela sua eminência e importância lembramos a traição da Confederação Operária da Itália ao movimento de ocupação das fábricas, em 1920, provocando-lhe a defecção, precisamente no momento em que estava iniciada a revolução social. 2

[114] Para os sindicalistas, a ação revolucionária não vai além do label, do boicote, da greve parcial, regulamentados. (N. A.)

[115] Os revolucionários e os anarquistas que emprestam ao sindicalismo valores de reivindicação social, assoberbados com a luta corporativa, têm perdido de vista o fim da luta social.

[116] O sindicalismo é essencialmente amoralista. (N. A.)

Por longa e direta observação, estamos autorizados a fazer notar que ali onde os militantes e idealistas libertários deixam, por perseguição ou eliminação, campo aberto ao controle dos elementos sindicalistas, o movimento tem degenerado. Tudo se tem tornado fosco, indefinido, ao calor do grosseiro materialismo, eclipsando-se a ética libertária, o alto conceito da solidariedade de homens irmanados por uma causa comum.<sup>117</sup>

Tudo, pois, concorre para depor contra o princípio de neutralidade, contra a superstição do automatismo sindical, contra um elemento que provoca sistematicamente o derrotismo das realizações superiores e revolucionárias

[117] Razão tem a burguesia quando estima o sindicalismo como elemento desejável. (N. A.)

.....  
XVII  
*Frente única*  
.....

**Causas da cisão na 1ª Internacional – Insucesso dos anarquistas nas suas tentativas de salvamento – Automatismo deletério – Falência do neutralismo – Novo rumo**

**N**ÃO É SUSCEPTÍVEL DE CÁLCULO O PALPITANTE INTERESSE DO PROLETARIADO em chegar a um entendimento coletivo sobre as suas aspirações, tanto para o presente como para o futuro, e imediatamente cerrar fileiras, tomar a ofensiva vitoriosa contra o capitalismo.

Se as organizações trabalhistas se houvessem, desde a alvorada moderna, reunido numa vasta federação como a 1ª Internacional e dedicado suas capacidades ao tentame revolucionário ou, mesmo dissociadas, houvessem encaminhado os seus passos interpretando com fidelidade o sentimento social, a estas horas, os escravos do salário estariam a salvo dessa adversidade.

Para gáudio da burguesia, desviaram-se, no entanto, do ponto de partida, arrastados por princípios deletérios.

Muitos estudiosos dos matizes da 1ª Internacional soem atestar que seu esfacelamento teve como causa principal a luta ferida em torno das questões políticas e ideológicas ventiladas nos congressos e conferências da Associação.

Como o diagnóstico serve de arma aos inimigos da ideologia revolucionária, tomamos a liberdade de opor-lhes alguns reparos.

Enquanto os trabalhadores federados se conservaram livres das influências estranhas, as discussões mantiveram-se em torno de assuntos de fácil acordo mútuo.

Por desgraça, a esse tempo, numerosa tropilha de intelectuais da burguesia, de elegantes da verve, diplomatas sem carreira, guiados com rara habilidade por Marx e Engels, ganhavam terreno entre os federados pregando a revolução.

Não se apercebiam os trabalhadores de que, à socapa, se urdia a cilada perversa.

A 27 de setembro de 1871, realizou-se em Londres uma conferência na qual se resolveu mostrar aos trabalhadores a necessidade de entrarem no movimento político. E Marx não tardou em declarar que o primeiro dever da classe operária era conquistar o poder.

Quando se viram posicionados na direção das agremiações, obliteraram as suas doutrinas, apagaram a ardência tumultuária dos insurgentes com frias duchas de política burguesa e democrática, suprimiram a autonomia das seções – tão vigorosamente defendida pelos anarquistas – subordinando-as ao seu Conselho Geral com sede em Londres.

Impacientes por ditarem leis, não esperaram pela sua eleição aos corpos legislativos, começaram a ditá-las, por intermédio do Conselho a todos os federados.

A ereção de um areópago, dentro mesmo da organização, que tinha por fim destruir o existente, levantou uma polvorosa de veementes protestos.

No congresso de Haya (1872), Guillaume atacou Marx de frente.

Há quem pretenda, disse ele, que a Internacional é invenção de um homem hábil, dotado de infalibilidade em matéria social e política, contra o qual não há direito de oposição. A nossa Associação deveria, portanto, obedecer à autoridade despótica de um Conselho instituído para manter esta ortodoxia nova. Ora, nós entendemos que a Internacional nasceu espontaneamente das circunstâncias econômicas atuais, e não queremos um chefe que julgue as heresias.

A facção libertária reduziu ao silêncio a facção democrática. Mas os laços arautos da emancipação proletária, vencedores na polêmica, viram-se esmagados pelo terror burguês,<sup>118</sup> vencidos pela superioridade numérica dos demagogos e expulsos da Federação.

Adstritas à dinastia marxista, as associações degeneraram em clubes eleitorais ao serviço do politicismo democrático.

[118] Viram-se também caluniados e denunciados aos esbirros, pelos marxistas, aos quais faziam sombra. (N. A.)

Uma minoria, em todo caso respeitável, mantivera-se fiel aos princípios federalistas e antiestatistas da famosa associação, que havia posto em cheque a burguesia plutocrática.

A cisão aberta pelo malabarismo e a ditadura dos pequenos burgueses nos organismos federados foi o início da debandada. O esforço titânico dos anarquistas para subtraírem os grêmios ao jugo dos partidos e reorganizar a Federação não teve compensação merecida. Os militantes retardatários, presos ao velho corporativismo, não deixaram passar o estado crítico da situação para expurgarem as associações da ideologia revolucionária. A pretexto de unificar, procederam ao fracionamento das federações e dos grêmios e à reorganização dos elementos dispersos em sindicatos neutralistas.

Enfraquecida a potência do proletariado com a primeira cisão, recebeu novo golpe com o prolapso de uma nova facção de tendências opostas ao federalismo antiestatista, flutuantes sobre a precária teoria do automatismo sindical.

A doutrina da neutralidade e a adulteração do autonomismo difundido pelos sindicalistas como sinônimo de separatismo sulcaram o pensamento das massas, levaram do estado agudo ao crônico a tísica das organizações, reacenderam as guerras intestinais, abriram campo à dispersão, esterilizaram o proselitismo unificador e federalista.

\*  
\*\*

Chamados os trabalhadores, à terminação da guerra de 1914, pelos acontecimentos políticos e sociais a intervirem no prélio universal, surgiu novamente a questão da frente única.

O partido bolchevista foi quem mais se procurou salientar nesta questão, certo de aumentar o seu prestígio, de cativar a alma ingênua dos párias.

E a prova dos seus bons ofícios, deu-a ao se deslocar da Social Democracia e formar reino à parte. Depois, quando as razões da causa proletária requeriam a convocação das organizações de resistência ou revolucionárias para a constituição de uma Internacional onde todos se encontrassem no mesmo pé de igualdade – e a associação fosse o resul-

tado dos acordos dimanados das exposições e discussões absolutamente livres, ele, guiado pela bússola do marxismo, convocou-os para a formação de uma associação de servos a funcionar sob a égide dos pontífices vermelhos.

Como os chefes social-democratas que, com a criação de 2ª Internacional, haviam aberto um abismo entre os seus fiéis e o resto do proletariado, os patrícios da democracia bolchevista selecionaram os elementos nas conferências por eles convocadas e, com os crentes no milagre da ditadura, cimentaram a (sua) 3ª Internacional.

Isso feito, iniciaram, coléricos, em todas as regiões e com todas as armas infamantes ou homicidas, o ataque às federações, às associações e aos homens que se negaram a formar, como milícias em campanha, às ordens do generalato de Petrogrado.

\*\*

Nos vazios setores da vanguarda, atuam numerosos trabalhadores que almejam deveras a unificação elevada hoje às eminências do sentimento e do idealismo, fluentes dos pendores humanitários e das contingências da luta universal pela liquidação do capitalismo.

Mas o propósito dos *meneurs* [sic], socialistas, bolchevistas ou sindicalistas, é diverso. Eles querem aliviar as organizações, os operários revolucionários, dos princípios vitais, das específicas bases ou finalidades para os unificar e uniformizar nos respectivos cânones e governá-los a seu talante.

O que sob a epígrafe “unificação” têm pregado é o ajuntamento, a amálgama de elementos antagônicos, que tanto mais se obstruem e combatem quanto mais próximos se encontram.

Somente a absoluta falta de senso poderia inspirar a constituição de vastas organizações ou uma federação internacional, reunindo promiscuamente todos os princípios que hoje provocam a dissolução. Seria o mesmo que aproximar do fogo a pólvora.

Posta à margem esta ideia infeliz de ordem a criar uma reunião política, um artifício perigoso, resta o propósito de se chegar à constituição de uma frente única, conservando as organizações a sua independência, aliás necessária ao estímulo que cada uma poderia despertar nas outras

com o exemplo da obra respectiva, dando margem à aproximação natural, no terreno associativo ou federativo, pelos elementos afins.

Mas esta grande aspiração, não a resolvem, caprichosamente, as delegações nas conferências ou congressos. A sua realização está indicada pela terminação da guerra e dos ódios entre os vários setores do movimento operário, guerra e ódios que os distanciam e desmoralizam;<sup>119</sup> está indicada pelo respeito de cada um à existência e atividade dos que sustentam diversa orientação, sem, por isso, prescindir da crítica leal e serena aos seus princípios, às suas atitudes; está indicada pela ideia de solidariedade (em substituição à ideia de absorção) que deve reinar entre os oprimidos, em todas as emergências; está indicada pela ciência quanto à perturbação política, à eficiência da ação direta<sup>120</sup> e ao princípio irrefragável da luta social, à elevação de miras que deve caracterizar as forças, as hostes do trabalho. Seria esta a unificação física e moral, a unificação de fato.

---

[119] Os gregários destes setores não são tão maus como mutuamente se julgam. (N. A.)

[120] Uma das condições essenciais para a consecução deste fim estriba na emancipação do proletariado da tutela dos leaders [sic]. (N. A.)

*A quem o Poder?*

**Prováveis modificações na orientação do movimento operário – O movimento operário e a política – Estamos diante de um coletivismo de Estado – O maior perigo para a humanidade – Ação opressiva e repressiva do Estado por partidas dobradas – Fatores antropológicos e sociais da degenerescência na vida de relação – Absolutismo das multidões**

**A** PÓS A CRÍTICA AOS POSTULADOS TENDENTES A CONFERIR À SOCIAL democracia e ao partido bolchevique e aos *soviets*, respectivamente, o Poder; e do advento do domínio político dessas entidades naufragadas hoje no ridículo, os missionários avançados da cruzada autoritária não desanimaram e vieram procurar refúgio na última estalagem, isto é, no mundo do trabalho, doutrinando que o Poder deve ser conferido aos sindicatos.

Esta doutrina não deixa de ser perigosa para o movimento operário.

Do mesmo modo que, visto o fracasso da organização sindicalista profissional, foi posto em exercício o sindicalismo industrial, não é descabida a hipótese de que as agremiações operárias assumam nova orientação e se preparem de modo a realizar uma ação mais extensa, capaz de eliminar o capitalismo e o Estado, sem contudo, cada grêmio deixar de fazer prevalecer os próprios interesses.

Iria, assim, tal movimento à ocupação e exploração das indústrias pelos respectivos operários e a fazer surgir o regime da competição, condenado e extirpado pelos bolchevistas, em território moscovita; e, por força da centralização das organizações operárias, da *fé na conquista da administração das coisas, e na ilusão de que o sindicato está predestinado a ser a célula social do futuro* [sic], daria margem ao surto de uma democracia

coletivista, já preconizada pelos I.W.W.<sup>121</sup>, a um novo janizariado político “organizado em Estado”.

O Estado foi definido pelas escolas da democracia burguesa e pela academia socialista-autoritária, respectivamente, como um mal necessário... certamente para evitar um mal maior.

Mas, se o dinamismo político e jurídico burguês é a arbitrariedade, se subverte todos os princípios da vida de relação, mantendo as desigualdades sociais, o privilégio e a concorrência; se o socialismo autoritário dá ao governo “carta de prego” e se o seu despotismo está em razão direta das suas potências, onde, pois, o mal maior que se pretende obviar com esse mal necessário?

À força de um indivíduo ou de uma coletividade, é possível opor a força de outro indivíduo ou de outra coletividade.

Mas o que é possível opor à força onipotente do Estado?

\* \* \*

A gênese do mal não está na destruição do Poder por determinada classe ou partido, está na essência mesma da constituição.

Qualquer forma de associação que tenda a regulamentar a vida social, a exercer funções políticas é, de fato, um Estado a tripudiar sobre o povo que o suporta.

Sem exercerem atualmente o poder público, os sindicalistas exercem a política, criam a sua legislação e jurisprudência, elaboram e aplicam aos sindicatos as suas leis, os seus códigos, as suas penalidades, que constam dos estatutos que os regem, desmentindo a pretensa autonomia individual.

Em seu seio, estabeleceram o cordão sanitário vedando a entrada aos operários não associados ou de outras classes, além do regime da mordaza para todos os profanos. Ao mesmo tempo, hão procedido ao expurgo meticuloso a todos os elementos desinteressados, ativos e revo-

[121] Nota do Org.: Industrial Works World, organização sindicalista revolucionária fundada no ano de 1905 nos Estados Unidos da América.

lucionários, a fim de evitar o risco dos interesses criados e a perturbação dos prazeres das burocracias dominantes.

Nas suas assembleias, que mais parecem congressos de deputados ou tribunais, os sindicatos perdem um tempo enorme e precioso em se processarem mutuamente, a ponto de não mais se saber quais são os conscientes e quais os *krumiros* [sic] ou traidores.

O maior perigo que pode advir para a humanidade é a ascensão de escravo moderno à categoria de magistrado ou legislador. Nessa alçada, todos os grosseiros instintos de dominação contidos pelos sentimentos humanitários e pelos ideais de liberdade irrompem com impetuosidade, a hiena autoritária galga o seu posto de ataque e... ai! dos vencidos!<sup>122</sup>

Nos sindicatos, prolifera uma burocracia parasitária que, em certos casos, excede em arbitrariedade a burocracia burguesa. Há muito tempo que o proletariado vem sofrendo a opressão e a repressão do Estado por partidas dobradas.

Tão só uma ínfima parte dos sindicatos operários tem se mantido fiel às ideias de emancipação social; a imensa maioria tem levado as suas ambições ao assalto do poder, pela luta insurrecional ou eleitoral, exercendo funções econômicas, políticas e jurídicas peculiares ao capitalismo e ao estatismo.

Os sindicatos amarelos, reformistas ou automatistas, que englobam quase que totalmente a força internacional organizada, são exemplos vivos da desabrida exploração e da tirania que o sindicalismo exerce sobre os trabalhadores.

Não devemos ignorar que, se os homens, na ordem econômica, estão divididos em reacionários, conservadores e revolucionários, divisão idêntica reside na ordem psicológica e que, entre numerosos indivíduos da classe economicamente revolucionária, a liberdade encontra forte barreira.

É entre esta classe onde os dirigentes mobilizam as maiores forças que empregam contra o surto das revoltas sociais.

---

[122] Quem sempre foi cativo, quando receber as ordens de senhor, sofre mais sensivelmente do que o homem livre a vertigem do poder. O exemplo russo tem servido divinamente aos reacionários e aos conservadores, para condenarem, em tese e com sucesso, o comunismo e justificarem a repressão governamental do movimento proletário. (N. A.)

Os que creem nas virtudes dos políticos não têm em boa conta a universalidade e a concomitância dos pendores altruístas e dos pendores egoístas<sup>123</sup> e que tanto aqueles como estes se manifestam em circunstâncias favoráveis.

Os pendores egoístas estão perfeitamente determinados pela hierarquia social.

Os sacerdotes dominam e desprezam os nobres; estes exercem pressão e ódio sobre os burgueses; por sua vez, os burgueses exploram e oprimem os proletários.

Nas camadas inferiores da sociedade, não sucede de modo diverso.

O gerente, o mestre de fábrica, o contínuo de secretaria, o anspeçada<sup>124</sup>, o feitor, o sacristão, o médium, o vidente (?), o diretor de sociedade de qualquer espécie, se julgam gentes de elevada estirpe, super-homens, que sentem a volúpia do mando, que escarnecem das classes pobres, sem reconhecerem que vivem à raz de terra.

Em toda parte, o indivíduo regularmente trajado foge do maltrapielho; o intelectual, do analfabeto; o técnico, do jornaleiro.

Em toda parte, o mendigo é corrido, apupado, apedrejado pelas multidões ignaras.

Os crentes de referência, se tivessem ciência desses fatos, destas imoralidades, que assumem sério aspecto de patologia social, estariam com a verdade, a saber: que não pode existir candidato a uma cadeira, no parlamento ou qualquer cargo público que, na melhor das intenções, não pretenda, de todo coração, conquistar riqueza, grandeza e glória, ainda que esse cabedal de felicidade seja amassado com a desgraça dos humildes.

A tendência ao submetimento [sic] dos semelhantes e dominá-los pela razão da própria natureza, a exercem os mais fortes com os mais fracos, os adultos com os jovens

---

[123] Empregamos aqui o termo egoístas no sentido utilitário. (N. A.)

- **Nota do Org.:** Esta nota de Florentino é uma clara alusão ao filósofo alemão Max Stirner (1809-1849) e o seu conceito, fundamental em seu pensamento filosófico, do egoísta.

[124] **Nota do Org.:** No Brasil colonial e imperial, anspeçada constituía a penúltima posição, próxima anterior ao soldado, que é a última e mais baixa graduação na hierarquia militar.



e pequenos, os machos com as fêmeas, os representantes gigantes da espécie com os seres comuns. (AUSTRARO).

Essa tendência, peculiar a muitas espécies da escala zoológica, acha-se mais acentuada na humanidade.

À mais da sua imperfeição fisiológica e psicológica, o homem possui taras bestiais, instintos sanguinários, herdados dos trogloditas, dos antropófagos, dos povos caçadores,<sup>125</sup> e desenvolvidos nas modernas lutas fratricidas, sobre o plano da lei de concorrência.

O cidadão moderno vive engolfado na crueldade, na hipocrisia, no cinismo, sujeito à simulação, esporeado pela neurose em que é ubérrimo o regime hodierno.

Todo indivíduo disposto às funções de mandarim acusa um grave fenômeno dessa degenerescência.

Acresce ainda que o exercício cria e desenvolve o órgão que, como agente de domínio, o governante—religioso, militar ou civil—segue uma evolução inerente à própria função, que provoca a hipertrofia da brutalidade e faz do homem mais dócil e de melhores virtudes um verdadeiro monstro.

\* \* \*

Não é justo nem prudente, de fato, que um só homem domine a todos, diz Aristóteles.

Mas, da mesma forma não é justo nem prudente que todos os homens dominem a um só, (que a humanidade o conduza), dizemos nós.

O governo mais absoluto é o das multidões. É o mais forte porque provém diretamente da força. É o mais tirano porque syndica todos os atos da vida pública e particular do indivíduo e dirige todos os seus movimentos. É o mais torpe, porque personifica a ignorância.

---

[125] A perduração das civilizações é contrariada pela lei de hereditariedade a qual tende, também entre os homens, a fazer regressar os descendentes ao tipo dos antepassados (J. ESCA). (N. A.)

A justiça e a prudência condenam tanto o governo do indivíduo como o das minorias ou das majorias.

Acima de todos os governos está o homem, cuja dignidade não pode ser vulnerada por nenhuma lei, por nenhum privilégio de casta ou de classe.

*Parte Terceira*  
***Transição subversiva***

*A evolução e a revolução só se realizam sob o influxo de novas correntes filosóficas.*



.....  
XIX  
.....

## *Constituição e decadência das democracias*

O fato de maior transcendência em nossa era – Filosofia racionalista – A obra do materialismo e do positivismo – A nova doutrina deísta – O culto germânico – Incompetência da filosofia francesa, do positivismo e do marxismo – Concepção burguesa do Estado – Concepção socialista (autoritária do Estado) – Restabelecimento do princípio monárquico e do domínio teológico

**A** RELIGIÃO DESENVOLVEU-SE NO ORGANISMO SOCIAL À MERCÊ DA tenacidade e da sutileza do sacerdócio e do patriciado de todas as épocas, os quais tudo fizeram para dar-lhes formas precisas, consistentes, dogmáticas.

Nas águas turvas da ignorância e da perturbação das consciências, lançaram-se à posse da alma das multidões, certos de terem, por esse meio, a posse efetiva da carne.

Felizmente a epopeia era contrabalançada pela reação natural das forças vivas das sociedades, pela reabilitação física e moral do homem, devida à obra dos pensadores que se entregaram, pondo em risco a liberdade ou a vida; às investigações filosóficas e científicas, projetando luz sobre a negra onda do misticismo.

Em nossa era, o fato de maior transcendência foi a decomposição do catolicismo, a raiz do declínio da concepção teológica, consequente da revolução do pensamento.

A revolução passou como um cilindro pelo Ocidente, derruindo o regime teocrático e aristocrático.

O criticismo científico ameaçava os últimos refúgios do velho edifício filosófico, porém a insuficiência do pensamento, a força tradicional e, como veremos adiante, a pressão dos dominadores detivera a corrente nos diques da metafísica.

O racionalismo metafísico, traço de união entre o monoteísmo cristão e o positivismo nascente, foi um movimento incerto, flutuante, com tendências para a criação de um poder impessoal, anônimo e, portanto, irresponsável, amoral.

O fundamento da filosofia racionalista, que se estende até Kant, é a negação da existência substancial de toda e qualquer mutação, é a imobilidade absoluta. Porque admitindo como princípio absoluto universal a Razão, da qual tudo deriva e não podendo existir ou conceber-se nada que não esteja nela contido, tudo se reduz à mais completa imobilidade. Imobilidade tal que, semelhante doutrina, logicamente continuada, suprimiria mesmo a possibilidade de construir um sistema de moral.

Partindo deste princípio, a filosofia alemã conclui pela unidade de consciência da nossa espécie, considerando o indivíduo como agregado social.

Leibniz, Fichte e Kant, mestres da nova escola, concebem a unidade moral da sociedade.

Hegel, mais audaz, hasteia a bandeira do neoplatonismo e exclama:

O Estado, encarnação sublime da ideia moral! Deus vivo!

Antes, porém, que a metafísica germânica assumisse o domínio moral dos povos, na França, florescia a filosofia materialista e, posteriormente, o positivismo.

Aos filósofos do materialismo e do positivismo, coube o ensejo de reduzir sensivelmente o governo transcendental e restabelecer relativamente a ordem nos espíritos, com a aplicação sistemática das ciências. Assim mesmo impotentes para romperem definitivamente com o passado, conservaram alguns princípios da teologia e da metafísica.

Os positivistas, com o auxílio da teologia e da metafísica, constituíram a doutrina do Humaniteísmo, devido à preposição segundo a qual “a espécie é a realidade, o indivíduo é uma abstração”.

Da combinação destes princípios incongruentes, deduz-se, falsamente, que a Humanidade é o fato real; que a sua expressão é a Sociedade; e que o Estado é a síntese do organismo social.

A doutrina positiva, como a metafísica e a teologia, oferece ao pensamento solução de continuidade. Os princípios absolutistas de que está saturada são os últimos resíduos do misticismo.

A filosofia teutônica e o positivismo francês amoldaram-se à tendência unificadora dos grupos étnicos, ao conceito da superioridade de raça, de nacionalidade e de classe, tão favoráveis à organização das instituições políticas.

Os germanos excederam os outros povos no culto da raça<sup>126</sup> e na religião de Estado.

O germano é, ao mesmo tempo, criatura e Deus, cultor e objeto de culto; ele é a Humanidade, ele é a Nação, ele é o Estado. As glórias do seu império ou da sua república são as suas próprias glórias.

Finalmente, o racionalismo e o catolicismo teutônicos optaram, no mundo social, pelo método da comum cooperação, que lhes garantiu o êxito no preparo educativo do povo para os grandes feitos bélicos que o imortalizaram em pleno século xx.

Por seu lado, o positivismo francês incluiu o catolicismo nos seus princípios de “Ordem e Progresso”.

O momento indicava aos diretores a conveniência do restabelecimento oficial dos cultos decaídos e da subordinação dos mesmos às necessidades do poder intelectual, econômico e político.

Somente na era capitalista chegou a impor-se a ideia (dos democratas socialistas) de um Deus amorfo, como consequência da forma impessoal da propriedade e das sociedades por ações.

\*  
\*\*

Os erros filosóficos do positivismo se refletiram na política positiva. A. Comte deu prova de incompetência na solução dos problemas econômicos. Decidiu que “se o regime industrial é inevitável, é também inevitável que os nossos chefes industriais sejam os nossos chefes temporais”.

[126] A luta entre do [sic] eslavismo e do germanismo contra o latinismo foi determinante do cisma cristão. O orgulho germano, particularmente, não podia mais tolerar o jugo latino, com sede em Roma. (N. A.)

O grande mestre não teve ciência de que a indústria, sendo um fenômeno puramente econômico, não habilita para a direção política, social ou moral.

Comte errou dando patente de chefes industriais aos detentores da indústria. Em tal assunto, ele via mais o ideal do que o real.

.....[sic]

Na indústria 'capitalista', os homens devem ser classificados em três grupos:

1º – Administradores (cabeças dirigentes); assalariados.

2º – Operários (os braços).

3º – Acionistas (os possuidores do capital derivado do prévio labor mental e material)... dos outros.

São estes os que, contrariando o espírito da doutrina, limitam ou destroem a produção na medida dos seus interesses e servem de obstáculo ao desenvolvimento industrial.

De resto, o prejuízo mais sensível causado à produção pelo capitalismo não provém do parasitismo burguês: provém da manutenção da magistratura, da burocracia, do funcionalismo, das forças armadas, da polícia, do clero, dos trabalhadores empregados nas indústrias bélicas... dos homens dedicados às profissões liberais políticas ou administrativas; provém do afastamento da produção útil, da maior parte dos homens válidos.<sup>127</sup>

No regime da política positiva, como no regime teocrático, o direito “impede a dedicação de todas as energias ao bem-estar coletivo”.

\*  
\*\*

[127] Na Rússia de Lênin, elevou-se a 12 horas a jornada de trabalho, intensificou-se muito além a atividade de produção, porque aos milhões de nababos e lacaios legados pelo czarismo, adicionaram-se outros milhões de funcionários, empregados nos serviços improdutivos do Estado. A classe operária da Rússia, e do resto do mundo, sofreu, com essa medida, um desfalque sensível: recebeu uma sobrecarga de serviços. Assentem os trabalhadores este brilhante resultado no seu... “Conta Correntes”. (N. A.)

A filosofia francesa que cintilou entre o crepúsculo do feudalismo e a alvorada do regime capitalista, representada pelos enciclopedistas, pelos positivistas e pelos utopistas Rousseau, Fourier, S. Simon e Owen, etc., partindo do princípio exclusivo e insuficiente da natureza humana para a constituição da vida de relação e do dogma do Estado-Providência, como base da dinâmica social, esses filósofos tentaram uma sociedade superior, de uma legislação perfeita, (elaborada por inteligências superiores) de sorte a ser guindada pelo prestígio dos legisladores e pela consciência humana às eminências do sobrenatural, equivalente a um “imperativo-categórico”.<sup>128</sup>

A doutrina do quarto Estado, daí nascente, doutrina conservadora das instituições políticas e jurídicas, que assentava a promoção das reivindicações populares e proletárias na reforma simples da economia social, não reunia propriedades para ser mais do que logicamente foi – “socialismo utópico”.

Se os homens, como rezavam, eram inteligentes e possuíam caracteres angelicais, não eram, entretanto, infalíveis nem impermeáveis, livres dos vícios naturais do sistema em que deviam legislar.

Onde esses filósofos julgavam encontrar o elemento de ordem, residia o princípio perturbador.

Mas, se os filósofos franceses incidiram no erro do exclusivo determinismo antropológico da evolução histórica, passando como gato por brasas sobre outros fatores de importância capital, Karl Marx e Friedrich Engels, abstraindo o homem, matéria ativa e pensante, alicerçaram a sua teoria do fatalismo econômico sobre a matéria passiva, inconsciente, sobre as necessidades vegetativas da nossa espécie.

Para a produção social dos meios de existência, escreve Marx, os homens entram em determinadas relações necessárias, independentes de sua vontade, *em relações de [sic]* produção que correspondem a um sexto grau de desenvolvimento das potências materiais da produção. O conjunto dessas relações de produção forma a *estrutura econômica [sic]* da sociedade, a base real sobre a qual se eleva a su-

[128] Esta perfeição consistia, por outro lado, na grandeza absoluta do despotismo, pela regulamentação infinita da vida social. (N. A.)

perestrutura jurídica<sup>129</sup> e política, e à qual correspondem certos modos de pensar sociais. A forma da produção da vida *material* [sic] determina em geral o desenvolvimento da vida social política e intelectual. Não é, pois, a maneira de pensar do homem que explica a sua maneira de viver, pelo contrário, a sua maneira de viver é que explica a sua maneira de pensar.

A teoria marxista, informando que o processo de evolução industrial conduz à centralização capitalista, à sufocação, no terreno da produção e, portanto, ao conflito econômico, faz ressaltar o fenômeno da luta de classes, na qual o proletariado tem que ser fatalmente vitorioso.

A um certo grau de desenvolvimento, continua Marx, *as forças* [sic] materiais da produção entram em conflito com as relações da produção existente... [sic] com as relações de propriedade no seio das quais essas forças haviam evoluído até esse momento. Essas relações, que eram outrora a forma do desenvolvimento das forças produtivas, se transformam para estas em obstáculos. Inicia-se o período da revolução social.

A concepção marxista da história é inexata quanto ao período propriamente histórico. Ela corresponde mais à pré-história, em que a humanidade aborígine se encontrava em estado de vida vegetativa; em que a inteligência é incipiente e os órgãos da nutrição imperam mais nas relações sociais. Mas essa concepção falseia a verdade desde que a inteligência assume a diretriz individual e a consciência adquire a capacidade de abstrair e se torna susceptível de impressões, de ser orientada por influências externas, por preocupações religiosas ou superstições de qualquer espécie.

Destarte, o marxismo colocou-se fora da realidade, da natureza primordial, e deslizou ao princípio semimetafísico da mecânica econômica.

\*\*

[129] O maior disparate do marxismo consiste em estimar as forças cegas da natureza como gênese do direito, da justiça e da moral. (N. A.)

Deixando de parte certa matéria tratada em capítulos especiais, vamos demonstrar aqui a falsidade dos fundamentos do marxismo acima expostos.

A história nos ensina que, no percurso das civilizações, as classes inferiores têm evoluído, passando da escravidão à servidão, desta ao salariado; mas através dessa evolução e das várias modalidades econômicas, comunais, coletivas, federais, feudais, capitalistas, etc., a religião e a política têm permanecido latentes e a autoridade eclesiástica e a estatal têm se perpetuado, dominando moral e fisicamente as sociedades.

As forças econômicas e os princípios vegetativos são o nervo motor da evolução social. O pensamento e o sentimento são a bússola que dirige a opinião determinante dos sistemas estabelecidos ou em perspectiva.

No estado atual da evolução humana, os princípios dinâmicos individuais estabelecem-se pela ordem seguinte:

- 1º – Sentimentais;
- 2º – Espirituais<sup>130</sup>;
- 3º – Biológicos (econômicos).

Os seres humanos evoluem do domínio sensorial para o intelectual e o econômico pela ordem seguinte:

.....[sic]

- |               |                   |                 |
|---------------|-------------------|-----------------|
| a) – A mulher | a) – O proletário | a) – O iletrado |
| b) – O homem  | b) – O burguês    | b) – O letrado  |

.....[sic]

Na luta social, entram a funcionar, em primeiro lugar, as faculdades superiores do indivíduo.

[130] Nota do Org.: ESPÍRITO e ALMA são dois conceitos no pensamento de Florentino que remetem não ao sentido convencional de assuntos do campo da religião. Florentino aplica a essas palavras o sentido de livre expansão, ao infinito do pensamento (espírito) e livre expansão, ao infinito do sentimento (alma).

Cognetti de Marte estabelece da maneira seguinte a série econômica:

.....

“Falta inconsciente .....	.....
.....	.....
Falta advertida... necessidade .....	.....
.....	.....
Estímulo à procura... função econômica .....	.....
.....	.....
Estímulo à satisfação... função fisiológica” .....	.....

.....[sic]

Por esta série, vê-se claramente que a preponderância, nos fatos fundamentais da vida, é o elemento psicológico sem o qual a necessidade não se determina.

A preponderância do princípio psicológico está confirmada pelo darwinismo. Não são as espécies ou os indivíduos que sentem maiores necessidades, os que triunfam na luta pela existência: são, física ou intelectualmente, os mais aptos.

Os governadores espirituais são, de fato, os governadores temporais, que delineiam, segundo as circunstâncias, as normas jurídicas e políticas em favor sempre das classes privilegiadas.<sup>131</sup>

\*  
\*\*

É certo que os marxistas, em sua vida acadêmica, se inspiraram no materialismo filosófico dos séculos XVII e XVIII, que brilhou na Inglaterra, na França e na América; porém, Karl Marx e Friedrich Engels, como bons alemães, permaneceram aferrados à filosofia clássica germânica, aos sistemas dos idealistas Hegel, Schelling e Feuerbach, que coincidindo

[131] “Os homens foram e serão sempre os tolos, vítimas dos enganos e da ilusão, tanto tempo como não aprenderem a procurar os interesses de tal ou qual classe na retaguarda das frases, das explicações, das promessas morais, religiosas, políticas, sociais.” (LÊNIN). (N. A.)

com os utopistas franceses elevam o Estado à categoria de “subconsciente” e reduzem o indivíduo a uma expressão metafísica.

Este conceito é completado pelo marxismo, que estabelece, em princípio, a centralização perfeita da economia, da política, etc.

\*  
\*\*

A democracia moderna é o regime dos antagonismos, das contradições, da desordem social.

A luta de classes invade tanto as baixas como as altas camadas econômicas e políticas. Os poderes—capitalista, eclesiástico, militar, burocrático, etc.—mantêm-se em perpétua e mútua hostilidade.

A burguesia é semirreligiosa, semiateísta... glorifica o militarismo e, ao mesmo tempo, defende do domínio da espada o poder civil. Idealiza o comunismo até onde este serve à edificação do Estado, mas sustenta o individualismo utilitário em oposição ao absolutismo do Poder. Equilibra-se sobre o direito privado e o direito público.

A concepção burguesa do Poder é relativa: é o termo médio entre o individualismo utilitário e o estatismo.

Segundo a burguesíssima doutrina de Spencer, o Estado tem um fim jurídico: a manutenção da ordem pública e a distribuição da justiça, garantindo as liberdades e os direitos constitucionais legados pela Revolução.

No regime capitalista, as relações sociais estão mais ou menos esboçadas: obedecem, pondo de parte o que têm de leonino, a um princípio contratual.

Indiscutivelmente este princípio eleva o trabalhador assalariado a uma condição superior à do escravo ou do servo.

A concepção socialista ou comunista-autoritária do Poder é absoluta. Para os socialistas e os comunistas democratas, o Estado tem um fim social: é uma espécie *de associação* de socorros de que nos fala L. Büchner, chamada a exercer a política, a religião, a jurisprudência... até a arte culinária e a lavagem da nossa roupa suja.

Particularmente a escola comunista autoritária postula a destruição da sociedade para edificar sobre as suas ruínas o absolutismo de Estado. Ela substitui o direito constitucional pela ditadura, revoga o princípio

contratual, declara o indivíduo propriedade do Estado. Sem mais preâmbulo, restabelece a escravidão, inaugura o feudalismo de Estado.

A derrocada da teocracia, da aristocracia e da democracia burguesa, o advento do liberalismo, do socialismo e do comunismo (sem política), enunciam a decadência do princípio de autoridade. Pelo contrário, o surto das democracias chamadas socialistas ou comunistas enuncia a reação.

É um movimento que leva a autoridade a sua potência máxima.

A ditadura e, bem assim, a centralização econômica, política intelectual, espiritual, artística literária, científica e filosófica, que forçosamente suprimem os sistemas constitucionais, liberais, republicanos e democráticos, são princípios essencialmente monárquicos e conduzem ao absolutismo, à autocracia.

O socialismo ou o comunismo de Estado constituem a última e mais acabada estrutura do capitalismo, a essência máxima da exploração e da compressão correlativa, a fase mais espantosa da calamidade econômica, política e espiritual da nossa história.

\*  
\*\*

Malgrado o materialismo histórico de que se revestem, as democracias socialistas ou comunistas são presididas, em sua marcha, pelo racionalismo metafísico e pelo positivismo. Em todo caso, a presidência não promete ser longa.

A concepção absoluta na filosofia, na política e na economia coaduna-se menos com o regime constitucional do que com o absolutismo teocrático. Instaurado o socialismo ou o comunismo de Estado, a reação será contra a metafísica e o positivismo, para a reconstituição oficial do regime teológico.

.....

XX

## *Filosofia, doutrina e moral do proletariado*

.....

**Residência dos valores da luta social – Finalidade política e econômica do democratismo socialista (?) e do bolcheviquismo [sic] – Definição prática da doutrina do proletariado – Gênese da filosofia e da moral proletária – Posição do anarquismo e dos anarquistas**

**C**ADA UM DOS VÁRIOS GRUPOS POLÍTICOS DA DEMOCRACIA RUBRA E do sindicalismo, considera-se o fator único do dinamismo social, o partido da Revolução, o proprietário exclusivo da filosofia, da doutrina e da moral do proletariado.

Do estudo feito em passados capítulos desta obra acerca da política socialista e comunista e da doutrina sindicalista, pode-se aquilatar a razão que aos seus expoentes assiste para se ab-rogarem, respectivamente, semelhante glória.

Neste capítulo, acrescentaremos apenas algumas palavras.

Impondo a sua chefatura, esses senhores partem do princípio de superioridade de estirpe.

Conservando o relicário histórico, participam da mesma crença religiosa – da desigualdade e na maldade ingênita do homem, e daí tiram o pretexto para atacá-lo ou esmagá-lo sob o rigor da lei, do terrorismo de Estado ou de partido.

Refratários à igualdade social, organizaram a hierarquia nas instituições governamentais, nos partidos, nos sindicatos operários.

Em economia, têm objetivos idênticos aos das associações das damas de beneficência e das sociedades protetoras de animais. Segundo eles, a vida do proletário deve depender da filantropia do Estado. Auspiciam tacitamente o regime da caridade e da mendicidade.

\*  
\*\*



A doutrina de cada classe está definida pelos interesses respectivos, a posição que ocupa, as bases jurídicas em que se firma, os princípios que defende.

Havendo antagonismo de interesses, de posições, de bases entre o proletariado e a burguesia, logicamente há de haver conflito de princípios. Se a burguesia tem por princípio a propriedade e a autoridade, o proletário há de optar pela expropriação e pela liberdade.

E, de fato, este, e não outro, é o pensamento do proletariado.

Quando em horas acres o homem se vê, juntamente com a prole, a braços com a miséria, arremessado à intempérie, enfraquecido pelo excesso de trabalho; quando por falta de recursos se acha inibido de empregar a sua inteligência; quando é alvo do desprezo, do escárnio; quando, depois de lhe negarem a instrução, os senhores se comprazem em submetê-lo à tortura intelectual; quando se sente privado de todos os seus direitos, perseguido, encarcerado; quando se apercebe do sofrimento dos seus semelhantes, da decadência à qual a civilização burguesa arrasta a humanidade, o homem, repetimos, torna-se pensador, autor de uma concepção revolucionária que nasce simplesmente de uma situação clamorosa, da concepção natural do direito, do espírito de justiça.

A menor parcela de privilégio ou de autoridade ofende os princípios morais.

\*  
\*\*

O anarquismo é, em síntese, a finalidade das aspirações proletárias.

O anarquismo é a doutrina elaborada por essa filosofia da dor, por essa ideologia protestante, por essa ação iconoclasta das vítimas da sociedade burguesa.

Nos seus princípios científicos, o anarquismo só faz sistematizar, precisar, definir, aperfeiçoar, dar cor ao sentimento e ao espírito do proletariado em revolta.

Injuria, pois, a classe oprimida quem lhe atribui uma doutrina ditatorial, quem lhe acena com o Poder. Nunca os trabalhadores tiveram propósito de dominação, nem desceram ao baixo nível moral dos seus inimigos: os bonzos, os negreiros, os políticos. A adoção de tal doutrina viria a ferir a justiça da própria causa, destruir a sua tradição revolucionária.

A doutrina autoritária é a doutrina dos espartanos, dos patrícios, dos nobres, dos burgueses... é a doutrina de Átila, de Nero, de Cezar, de Marx, de Noske, de Lênin, de todos os dominadores.

A doutrina libertária é a doutrina dos hilotas, dos párias, dos plebeus, dos *spartacus*, dos escravos, dos servos, dos proletários.

Não somos nós quem o afirma: são os reacionários, são os mais feroces inimigos da anarquia.

A quem cognominam, eles, de anarquistas? Aos que pregam a guerra contra os proprietários, aos que querem o nivelamento das fortunas.

“Foram eles, exclama Brissot<sup>132</sup>, que dividiram a sociedade em duas classes, a que possui e a que nada tem, a dos *sans-cullotes* [*sic*] e a dos proprietários, que excitaram uma contra a outra.

Desde o momento que um homem exerce um cargo importante torna-se odioso ao anarquista”.

É ela – a doutrina anarquista – que à sombra da igualdade de direitos quer estabelecer uma igualdade universal, mas de fato; flagelo da sociedade (burguesa) quando a outra É O SEU SUSTENTÁCULO.<sup>133</sup>

São os anarquistas os que, no auge da revolução de Paris (1871), correm juntamente com o povo às barricadas, em defesa da Comuna, enquanto os socialistas democratas se encaminham “ao templo sagrado das leis”; são os que, com Bakunin, organizam a revolução, enquanto os marxistas organizam o eleitorado; são os que, nas ruas de Petrogrado, de Moscou, de Kronstadt, etc., estão ao lado dos revoltados, assaltando os armazéns, distribuindo entre o povo faminto as riquezas expropriadas, por cujo crime são dizimados pela fuzilaria da soldadesca imperial (alemã e austríaca) ao serviço do partido bolchevista; são, finalmente, os que, na Alemanha ateiam o incêndio da revolução enquanto os sociais

[132] Chefe girondino (1793). (N. A.)

[133] O grifo é nosso. (N. A.)

democratas derrotam os movimentos populares e formam a frente única... com os senhores fascistas.

No movimento operário, são notados os anarquistas entre os sacrificados pelo patronato e pelo Estado. Em todas as revoluções populares, figuram sempre entre as vítimas.<sup>134</sup>

.....

XXI

## *Política e Sociologia*

.....

### **Contra o confucionismo [sic] – Oposição entre a questão política e a questão social – Contribuição à definição da política**

*A sociologia, a ciência mais complicada e recente, saiu da sua confusão com a arte política.*

*Litré*

**C**OMO FATOR IMPORTANTE DA CRISE ESPIRITUAL DO MOMENTO, A CONFUSÃO existente em torno da política conturba o proletariado emancipador.

A política tem sido definida, em certos casos, por filólogos, sociólogos, políticos; por socialistas e por anarquistas, no sentido da ação hostil ao Poder, ou das relações sociais.

Nos regimes arcaicos e absolutistas, a política limita-se à relação ou ao atrito entre os soberanos, entre estes e os partidos que se digladiam pelo governo dos povos.

A política toma carta de cidadania com o advento da classe burguesa, o princípio das nacionalidades, o autonomismo cantonal e municipal; com o constitucionalismo, a soberania da lei, com o início das classes populares na vida do direito histórico.

Os enunciados máximos na política são: o federalismo republicano, o sufrágio universal, o voto obrigatório e proporcional, o governo direto das multidões.

Não é de hoje que a concepção política passa por um processo de especialização, distinta, reversa à concepção social.

Na bernarda de 93 (França), “Turgot, Sieye e Condorcet afirmavam que a igualdade de direitos políticos nada produziria sem a igualdade de fato”. Esta, dizia Condorcet, representa o derradeiro fito da arte social,

[134] Não queremos com isto negar em absoluto a contumácia e o sacrifício em outras facções da vanguarda social. Entre os chefes, há os que sentem, por vezes, o peso do terror burguês. Mas não desfalecem, porque sabem que nem todos podem fazer sem percalços a carreira política. (N. A.)

pois que a desigualdade das riquezas, de situação e de instrução, são as causas principais de todos os males.

Concomitantemente “no memorial dos pobres do distrito de Santo Estevão do Monte, encontram-se, entre outros assuntos, a oposição da questão social à questão política” (KROPOTKIN).

Onde mais ressalta o antagonismo entre a questão política e a questão social é no seio da 1ª Internacional dos Trabalhadores.

No congresso realizado em 1873, Eucaris, resumindo a história da Internacional, disse:

A antiga Internacional... [sic] deixou de existir; a que nós fundamos é completamente distinta. A iniciativa tinha partido das uniões de misteres de Londres, que queriam que se prosseguisse nas questões políticas e dos proudhonianos que pretendiam o contrário.

A definição precisa, inconfundível, que não pôde sair das academias, saiu da ardorosa polêmica entre os socialistas e comunistas autoritários, os sindicalistas e os anarquistas e das respectivas posições cada dia mais definidas, e concluíram pelo reconhecimento tácito da política como uma concepção autoritária.

Os socialistas e os comunistas da democracia qualificam de *política* a sua ação.

Os sindicalistas revolucionários não constituem partido e negam que a sua ação seja política.

Não dispondo de espaço para entrarmos em longas considerações, propomos a respeito e dizemos em resumo: que a *política* é a religião<sup>135</sup> de Estado, a doutrina do civismo (?), do direito histórico, a coação individual ou coletiva; é a delegação de poderes, a teoria de governo, o exercício de autoridade, a razão e a função de Estado; é a palavra de ordem das classes dominantes e dos partidos, a relação ou concorrência entre os aspirantes ao Poder, a aliança ou a guerra entre as igrejas, os Estados, etc.

De conformidade com a definição acima, do uso corrente que nos meios políticos e nos meios sociais se vem fazendo do termo “política”,

convimos que são *políticos* os autoritários: monarquistas, republicanos, socialistas ou comunistas; os ditadores de qualquer categoria. São apolíticos (em teoria) os sindicalistas, neutralistas e revolucionários.

São antipolíticos os anarquistas.

Em política, só os anarquistas são negativistas: concebem instituições econômicas e sociais, mas não têm ideia alguma de organização política; não tencionam empalmar os destinos da humanidade.

E ao guerrearem as instituições e os partidos políticos, não fazem política, do mesmo modo que não praticam a religião criticando a Igreja e seus dogmas, propagando o livre pensamento.

[135] A política é absolutista (HEGEL). (N. A.)

*O anarquismo no movimento operário*<sup>136</sup>  
.....

**O contingente decisivo na luta social – Missão histórica dos trabalhadores – Necessidade de novas organizações – Novo plano de associação – Caráter específico do movimento operário – Previsão – Falência das teorias catastróficas – Universalidade de ação das classes oprimidas – Preponderância do elemento psicológico – Aspecto libertário do movimento obreiro – Ilusões – Base real da organização – Valor académico dos socialistas e dos sindicalistas – A primeira obra das associações – A ação dos anarquistas – Sobre a finalidade anarquista – Por que empregamos o termo “anarquia”**

**N**O CENÁRIO DA LUTA SOCIAL, A CLASSE TRABALHADORA NÃO SE basta a si mesma: é incapaz de triunfar sem o concurso das restantes classes proletárias e das forças subversivas que se destacam das classes privilegiadas, porém é a classe trabalhadora quem fornece o contingente decisivo.

A história assinala aos trabalhadores uma missão muito mais elevada que a defesa dos mesquinhos direitos profissionais ou a guerra pelo Poder. A sua missão é concorrer para libertar a humanidade da escravidão moderna, de dar maior impulso à criação de uma nova vida, de uma nova ordem de coisas.

Ademais, a solução das grandes crises sociais que se vem desenhando no Oriente e no Ocidente motiva processos radicais.

Mormente hoje, a situação revolucionária a que nos arrastou o capitalismo exige uma organização que, tanto pela sua estrutura como pelos seus princípios, responda às necessidades da vitória.

[136] A definição do anarquismo encontra-se no capítulo XXVII. (N. A.)

O sindicalismo, o unionismo industrial e os conselhos de fábrica, pelo seu mal de origem, são indesejáveis como modelos de organização.

A organização operária, para ter eficiência, para produzir em seu seio os elementos revolucionários, não deve estar em justaposição à estrutura do edifício capitalista: deve estar em contraposição.

Em todos os seus aspectos, a organização operária deve ser o reflexo da subversão à classe dominante.

A organização que, na nossa opinião, melhor poderá responder a estes fins é a de:

.....[sic]

- a) – Grupos de fábrica, de oficina, de empresa rural ou de transporte, etc.;
- b) – Uniões gerais (de todos os ofícios) por distritos ou localidades, constituídas pelos referidos grupos e por trabalhadores não associados;
- c) – Federações locais das Uniões;
- d) – Federações regionais;
- e) – Federações mundiais.

.....[sic]

A adesão das Uniões às federações deve ser direta, a fim de facilitar a atividade das mútuas relações.

Escusado será demonstrar aqui a superioridade de organização de grupos de fábricas e oficina, etc., tanto pelo seu caráter revolucionário como pela finalidade social libertária que os distingue.

Quanto à organização de uniões gerais por distritos ou localidades, levada à prática em certas comarcas da Europa e da América, teve êxito brilhante. Esta modalidade de organização, no seu raio de ação, afastou por completo o preconceito de classe e preparou os ânimos para a solidariedade entre os trabalhadores de todas as profissões.

Ainda que partidários deste sistema de organização, entendemos que nada deve impedir os trabalhadores de se agruparem como julgarem conveniente, admitindo-se a multiplicidade de organismos do mesmo ofício, da mesma fábrica ou distrito, na certeza de que a liberdade de as-

sociação será a melhor garantia do progresso das entidades constituídas ou das que futuramente se constituírem.

O sistema de agremiação que ainda predomina é o de resistência, o qual, como é notório, deixa muito a desejar. Por isso, ao seu lado deve surgir outro, de feição revolucionária que reúna os trabalhadores no terreno das necessidades econômicas ou intelectuais, artísticas, morais, etc., e onde possam militar, agir amplamente todos os descontentes, todos os subversivos!

Finalmente, a necessidade de completar a obra de emancipação do proletariado reclama o advento de um sistema de agremiação operária nitidamente anarquista.

Cada uma dessas entidades teria uma função especial a cumprir relativa às causas que motivam a própria razão de ser.

Particularmente a entidade anarquista viria, pela difusão da sua doutrina e pelo exemplo da sua ação no seio das massas, desempenhar uma função de grande alcance social.

\*  
\*\*

O movimento operário não tem a característica dos partidos ou das seitas: é um movimento social universal.

Não é, em suas primeiras manifestações, um movimento político, sindicalista, cooperativista... é um movimento libertário, incorruptível.<sup>137</sup>

Assim sendo, a federação obreira (seu organismo) tem que precisar, definir as suas aspirações, os seus meios de ação, tanto para o presente como para o futuro.<sup>138</sup>

---

[137] A corrupção política, sindicalista, cooperativista aparece depois ligada à ação dos políticos, dos burocratas sindicais ou dos trabalhadores que veem na organização o meio para fins utilitários. A corrupção sindicalista se tem feito sentir em todos os organismos profissionais ou industriais. Se bem que em menor grau, as próprias entidades que timbram de revolucionárias, ou são empolgadas pela ideologia anarquista, se vêm atacadas dessa morbidez social. (N. A.)

[138] Tem-se propalado o conceito, segundo o qual, os interesses profissionais, a questão do salário de horas de trabalho, do custo de vida e de outras de menor vulto, são imediatos, exprimem a realidade; e os interesses gerais, as questões sociais mais importantes, são mediatas, longínquas, preciosas utopias relegadas para um futuro nebuloso. Presos a este conceito, os revolucionários e idealistas têm ido ao encontro do sofisma, próprio dos sindicalistas e dos sociais democratas, que faz perder de vistas as reivindicações radicais. Já era tempo, entretanto, de estarem, pela experiência diária persuadidos de que as conquistas, facultadas pelo capitalismo, são ilusões tristes: fantasias que se esfumam ao dia seguinte de cada vitória obreira. Os interesses superiores, as questões imediatas, as realidades sociais, são de maior quilate e implicam a conquista da riqueza, de direitos fundamentais que garantam, sem sofismas, a satisfação das necessidades prementes do proletariado. (N. A.)

Da previsão, dependeu em todas as épocas o triunfo das seitas, dos partidos e das classes.

Os que não se definiram, no terreno das ideias, ficaram à mercê dos acontecimentos.<sup>139</sup>

Muito antes – escreve Kropotkin, sobre o movimento de 93 – da revolução se anunciar pelos seus rumores, já a burguesia francesa entrevira o organismo político que se ia desenvolver sobre a ruína da realeza feudal.

Outro tanto não ocorreu com os operários e os camponeses que, em dados momentos, tiveram nas mãos a sorte da revolução. Esta fugiu-lhes à falta de uma doutrina e de homens que fossem verdadeiros intérpretes das suas aspirações.

À mesma falta se deve o fracasso das tentativas revolucionárias do 31, do 48 e do 71.

O povo de Paris, 1871, proclamando a Comuna livre, SEM GOVERNO [sic], proclamava um princípio anarquista; mas o ideal anarquista não tendo, nessa época, senão muito fracamente penetrado nos espíritos, o povo passou em meio caminho. (KROPOTKIN).

Becker, um moderado, escreveu que

nem a organização do proletariado era ainda completa, nem os princípios assaz divulgados e compreendidos para permitir o estabelecimento de uma república vermelha.

---

[139] Se algo de prático nos apresentam os partidos políticos avançados (?), é, precisamente, a série de respectivas e imediatas soluções (na hipótese de que os seus programas mínimos ou máximos mereçam esse termo) dos problemas sociais. Os anarquistas, coincidindo com os sindicalistas na negativa quanto ao pronunciamento imediato das próprias finalidades, dizem não ter lugar a elaboração, *a priori*, de bases de ação, de normas de convivência social, para servirem de luz ao povo, no momento atual, no período revolucionário, ou em seguida à revolução, porque o progresso modifica constantemente as situações, as concepções revolucionárias, motivo por que não é dado saber o que sucederá amanhã. Esta afirmação, que só pode ter como alicerce a razão de incompetência dos postulados respectivos, o que, aliás, se dá com o sindicalismo, nunca, porém, com o anarquismo, é inócua e conduz à decepção. O bom senso aconselha que os anarquistas positivem as suas aspirações e, seguindo as pegadas de todos os progressos, se sirvam do cabedal de noções em que é inesgotável a nossa doutrina para, em todo momento e em todo lugar, manterem a atenção das massas presa às soluções anárquicas de todos os problemas supracitados. (N. A.)

Não há, na história, progresso algum realizado por entidades constituídas de elementos heterogêneos.

As teorias catastróficas e fatalistas do “materialismo histórico” abriram falência.

Se a luta de classes, por exemplo, estivesse em relação exclusiva com a evolução econômica, não teriam sido as revoluções sociais ou políticas acentuadamente econômicas, nos países onde a indústria está em início, como na Rússia, na Áustria ou na Hungria, nem o proletariado da Argentina, Uruguai, Espanha, Portugal e Itália marchariam à vanguarda do movimento revolucionário. Observar-se-ia este movimento na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos, onde o proletariado se vê atrelado a um movimento político semiburguês.

As ideias e as atitudes dos indivíduos – salvo os profundamente convictos dos seus princípios – variam segundo a orientação das coletividades de que sucessivamente fazem parte e encaram os fins dos respectivos organismos conforme a natureza da sua constituição. Se não se encontram num meio revolucionário que os empolgue, adaptam-se ao reformismo sindicalista ou político. Dentre estes, é que saem os reacionários, os teóricos e os práticos do neutralismo sindical.

As próprias tendências semianarquistas são negativas, preparam tão somente o pensamento para cultura do socialismo político, legalitário, ditatorial, que promete aos trabalhadores a sua emancipação, seguindo a lei do seu menor esforço.

O valor acadêmico dos socialistas e dos sindicalistas consiste em seguir os economistas da burguesia, os teóricos do marxismo; em conceber o trabalhador apenas como máquina de produção, como assalariado. Para eles, o indivíduo social e moral não existe. Daí o fato de conceberem a vasta questão social exclusivamente sob um dos seus múltiplos aspectos.

A lógica leva-nos, diversamente, a conceber o trabalhador, em primeiro lugar, como homem, com todas as suas dignidades; e, em segundo lugar, como escravo de corpo e de espírito, como produtor assalariado.

A organização dos trabalhadores deve ter por base a emancipação integral, pelos únicos meios: a expropriação, o aniquilamento do Estado, do poder temporal e espiritual da Igreja.

Não sonhamos. Quando prevemos a expropriação, constatamos uma aspiração latente das massas irredentas, reafirmada em sucessivos movimentos de rebelião.

Todas as seitas, todos os partidos tomaram por base a tendência comunista dos povos para vingarem na luta pelo governo do mundo.

Os princípios comunistas foram o ponto de partida do triunfo cristão, da Revolução Francesa.

Sabei – disse-se, na Assembleia de fins de novembro de 1789 – que todas as vezes que vos remontardes à origem das propriedades, a Nação, a ela remontará convosco.

Os últimos movimentos de expropriação em que se lançou o povo de Paris (1871),<sup>140</sup> o povo da Espanha, 1868, aproveitando-se da revolução republicana e da sedição internacionalista da mesma época e, atualmente (1917), as revoluções, russa, húngara, italiana (1920) e búlgara (1923), dizem bem o ódio das multidões ao direito de propriedade.

Negando o Estado ou – como diz Kropotkin:

Tomando a anarquia para ideal de organização política, não fazemos mais do que formular uma tendência pronunciada da humanidade. Cada vez que o permita a marcha do desenvolvimento das sociedades europeias, estas sacodem o jugo da autoridade e esboçam um sistema baseado nos princípios da liberdade individual.

Finalmente, quando nas organizações, nos centros de trabalho, nos sindicatos... em toda a parte, procuramos sanear o ambiente do *morbis* do fanatismo, favorecemos a inclinação do proletariado para a liberdade espiritual.

Na França – diz André Godard (escritor católico) –, quem faz o povo se ausentar da religião é a falta de instrução religiosa, é o laicismo.

[140] “É na comuna de Paris, em certas seções da Capital e das províncias, é no clube dos franciscanos que se encontram alguns homens que compreendem que, para consolidar as aspirações de ordem social que se divisam nas massas populares.” “A anarquia política e o ateísmo, eram os símbolos desse partido. (Kropotkin). (N. A.)”

Durante a grande Revolução, nada havia provocado o entusiasmo do povo como as tentativas de descristianização, como as afirmações ateístas e materialistas.

\*\*

A federação obreira de tendências anarquistas não é a arregimentação, é a associação dos homens mais ou menos identificados pela lógica e a coerência, robustecidos pela força das convicções.

A finalidade libertária da organização dos trabalhadores não deve ser um artifício, deve ser uma realidade a transpirar do seu mecanismo, da sua ação e propaganda, de todas as suas manifestações.

Objetaram os teóricos do neutralismo que o sindicato, pelo fato de agrupar trabalhadores independentemente das respectivas opiniões, não pode ter finalidade anarquista.

Este critério identifica-se com a ideia segundo a qual a sociedade anarquista não será possível sem que todos os homens sejam adeptos do anarquismo.

Em tudo isto, se observa estreiteza de vistas.

O anarquismo não é uma igreja, uma seita, não é uma espécie de pragmatismo: é a liberdade econômica, social... é a liberdade para todos... anarquistas ou não.

Pode dizer-se que a sociedade anarquista saiu, há muito, do estado embrionário.

Pressentimo-la onde quer que o pensamento se liberte da letra do dogma, onde quer que o gênio do investigador despreze as velhas fórmulas, onde quer que a vontade se manifeste por atos independentes, finalmente, onde quer que os homens sinceros, rebeldes a toda disciplina imposta, se reúnam espontaneamente para se instruírem em comum e reconquistarem mutuamente e liberrimamente [sic] a sua quota parte na vida, e na satisfação integral das suas necessidades. Tudo isto é anarquia, inconsciência, no fundo talvez, mas incontestavelmente racionalizando-se cada vez mais. (Elisée Reclus).

Contra a finalidade anarquista da organização, argumenta-se que, não sendo esta constituída em sua totalidade por anarquistas doutrinários, corre o risco de se transviar.

Não desconhecemos o perigo que os indivíduos sem convicções libertárias possam oferecer à finalidade da organização; somente que o perigo cresce quando não se antepõem compromissos de ordem moral e responsabilidades ideológicas, quando nela se integram pela força os elementos maleáveis.

Nós propugnamos a organização voluntária.

Não se pode pretender, sem atentar contra a liberdade e prejudicar a obra associativa, senão agremiar os trabalhadores mais ativos, os mais rebeldes e os mais dispostos para a luta franca e leal. Os refratários, os impossíveis de regenerar, é preferível que permaneçam fora das agremiações, a fim de que estas não se vejam por eles embaraçadas na sua ginástica revolucionária.

\*\*

Como recurso extremo contra a razão da finalidade anarquista, propala-se que fazemos questão do rótulo. Não é verdade: simplesmente observamos que, em sociologia especialmente, porque é onde os conservadores, os demagogos, de preferência semeiam a confusão, carece apelar para o método pedagógico, para todos os recursos da dialética para determinar com exatidão a finalidade libertária.

O termo “anarquia” foi, neste sentido, empregado por Proudhon. Com igual fim, vieram à luz numerosos trabalhos, salientando-se o de Hamon, sob o título *Socialismo e Anarquismo*.

Os termos liberdade, reivindicação, emancipação e... toda a terminologia do socialismo democrático, do bolchevismo e do sindicalismo, são meras abstrações. Somente a dialética anarquista é substancial, somente a palavra “anarquia” escapa às mistificações, define a liberdade integral.

*A Revolução Social*  
.....

**Necessidade da revolução – Valor do idealismo – O que se entende por revolução social – Ideias de Marx a respeito – Os inimigos da revolução – Meios e fins – Desarmamento da burguesia – Revolução radical, ou revolução anarquista? – Fatalismo das democracias(?) – Aspectos dos movimentos populares – O anarquismo e o direito de beligerância**

*As revoluções devem ir depressa. O progresso não pode perder tempo.*

*V. Hugo*

**A** TRAVESSAMOS UM ESTÁDIO DE DESEQUILÍBRIO POLÍTICO E SOCIAL sem precedentes. A situação é de tal gravidade que os dirigentes da política, da economia e do Estado vaticanista [sic] não ousam ocultá-la. Na pia intenção de pôr-se a salvo, a burguesia mobilizou todas as suas capacidades. Entretanto a derrocada prossegue. O pior é que a crise traz como corolário o inevitável pugilato entre as nações, os partidos, as classes e o reinado do terror, a paralisação do trabalho, o aumento espantoso da miséria.

Nada mais se pode esperar senão a revolução para restabelecer a paz, abreviar o doloroso transe. Mas a revolução não será eminente sem a intensificação do espírito de revolta, a elevação moral do povo abatido pela guerra e pela contrarrevolução dos partidos democráticos socialistas, comunistas... Europa Central e no Oriente [sic].

É preciso contar com a vontade das multidões, dos indivíduos, que só entram em função quando considerados como unidades ativas, quando a força combatente é composta de iguais, e não de um exército

hierarquizado, com uma consciência militarista (na opinião de Trótski), quando os revolucionários cultivam em seu seio os ideais de justiça.

A força poderosa do idealismo é que deu aos aliados os louros da vitória; ao povo russo, a glória da revolução. Esta não pode ser obra de partido: tem que ser das classes revolucionárias, de todos os insubmissos.

O trabalho preliminar não deve ser remetido à última hora. Muito particularmente às coletividades sociais urge levar o nosso verbo, o espírito de iniciativa, com o propósito de sitiar o Estado, o capitalismo por um ambiente de revolta, de forma a ser impossível a sua estabilidade. A explosão material da revolução deve ser a continuidade das operações verificadas no campo social atual. Quanto maior for a nossa atividade, mais há de acelerar os acontecimentos. É preciso não esquecer que a revolução pode ser determinada pela veemência da propaganda e da ação.



A psicologia das revoluções sociais mostra que estas devem abranger todas as manifestações da vida de relação.

Não o entenderam, porém, assim, os teóricos do socialismo político.

A revolução social, segundo Marx, deve ser econômica, política e jurídica, deve remover as normas do direito.

Os seus continuadores não avançaram tanto: preferiram a fórmula explanada pelo “renegado” Kautski.

*Quando uma classe – escreve este – destrói o Poder e se erige em órgão diretor, opera-se o fenômeno da revolução social.*

O bolchevismo, especialmente, antepõe à guerra social a guerra civil; e à revolução social a revolução política, conservando as instituições econômicas, políticas e jurídicas ou, como muito acertadamente diz Kropotkin, o direito romano.

A política socialista, como já foi demonstrado, tem por fim dar ao trabalhador, em vez da liberdade, um poder que o governe. Assim se explica o socialismo político desde as revoluções do século passado, mormente na comunalista do 71, a respeito da qual Marx, escreve:



A unidade nacional não devia ser imposta, mas ao contrário organizada segundo a constituição comunal e concretizar uma realidade com a destruição do poder central, que pretendia ser o corpo único daquela unidade independente da nação – da qual era apenas uma excrescência parasitária – e superior a ela. Ao mesmo tempo em que se amputavam ao velho poder governativo, os seus órgãos puramente repressivos, apelava-se para uma autoridade que usurpava a proeminência e se punha a dominar a sociedade, com funções de agente responsável.

Na realidade, a constituição comunal deveria restituir ao corpo social toda a força absorvida pelo Estado, parasita que se nutre da vida da sociedade, paralisando-lhe os movimentos. Só por este fato se aquilataria o ponto de partida da regeneração da França.

A comuna, declara J. A. Jackson, tinha muito menos interesse em destruir o poder dos tiranos do que em criar o poder de povo, em que o proletário ocupava um lugar preponderante.

Não resta, pois, dúvida quanto à ineficácia da revolução política.

No que respeita à revolução econômica, podemos formar conceito mais favorável? Absolutamente não.

Sabe-se demais como todo pronunciamento de caráter econômico é rapidamente reprimido pelo Estado e pelos profissionais da política.

Note-se bem que todo partido político é uma força conservadora, um instrumento de opressão, um Estado em miniatura.

Os indivíduos que, mesmo afetando desinteresse, enveredam pela carreira política, quando chegam ao poder não vacilam em passar (oportunamente) pelas armas os próprios correligionários da oposição. Procurar dissuadi-los de suas pretensões ditatoriais é violentá-los.

Por isso, muito desacertados andaram os trabalhadores concertando relações e alianças com redentores dessa ordem. Muito desacertados andaram os anarquistas (da Rússia) quando marcharam para os confins,

a dar combate à burguesia, deixando livre campo aos bolchevistas, que vinham apunhalando pelas costas a revolução.

A revolução tem que começar, desde já, e enfrentando em primeira linha os inimigos de casa – os chefes socialistas, ou bolchevistas, os aspirantes à presidência do proletariado.

E, isto não será a ditadura, será o povo em revolta, a luta “dura e brava”, contra os conspiradores que, a pretexto de defenderem as reivindicações proletárias, vêm de fato suprimi-las.

\*  
\*\*

Os revolucionários em armas não devem perder de vista que não são soldados: são obreiros do braço ou da inteligência, e que a ação bélica é um acidente passageiro da revolução. O que se persegue é a reorganização da vida social.

Em seguida à explosão revolucionária, a produção deverá ser tanto quanto possível intensificada, para nada faltar aos combatentes, às populações das zonas sublevadas.

\*  
\*\*

A guerra social pode ser longa e penosa. Como postre desagradável, temos a receber da burguesia um legado de ruínas, um verdadeiro caos, e não será viável, *ipso facto*, a edificação da nova sociedade.

À sombra das instituições burguesas, vegetam numerosas classes improdutivas, mais ou menos inutilizadas para o trabalho.

Qual a perspectiva que se oferece à multidão de burgueses, sacerdotes, militares, policiais, funcionários, ao gentio que vive do expediente ou do roubo?

Pode-se decretar a mobilização de toda essa população para o trabalho (como querem os bolchevistas) sem provocar a revolta? Pode-se deixá-la à margem sem que ofereça perigo?

A revolução deve ter por fim melhorar a situação de todos os indivíduos, não lhes criar novas dificuldades.

A fórmula “quem não trabalha não come”, assim como a de “cada um segundo as suas forças”, têm razão de ser como princípios negativos do parasitismo sistematizado pela burguesia, não como princípio de justiça numa sociedade libertária.

O problema resolve-se pelo princípio anarquista: “De cada um segundo a sua vontade”.

Por algum tempo, os trabalhadores hão de organizar a produção sem esperar “o máximo” dos indivíduos habituados à vadiagem ou aos serviços improdutivos. Com estes, como com o resto do povo, nada de imposições e regulamentos. Não possuindo, os adventícios, faculdades de adaptação rápida ao trabalho, estes processos redundariam em violência e provocariam o derrotismo disfarçado ou ostensivo.

Os processos até agora excogitados para evitar que alguém viva do esforço alheio, isto é, a moeda, o “bônus”, “a hora do trabalho”, o “vale para viveres” são contraproducentes, não eliminam o privilégio.

O processo tido como ultrarrevolucionário – a caderneta de trabalho, ou sindical, é mais detestável: é o meio pelo qual se exerce acintosamente o controle individual da produção e do consumo. Nada há que fira a liberdade e a dignidade do que a fiscalização sobre o que constitui a vida privada.

A caderneta equivale à odiosa carteira de identificação.

O homem não admite ser julgado como uma carga para os seus semelhantes; não consente que se ponha em dúvida a sua honestidade. Ofertará sempre mais do que pede.

A sindicância sobre a conduta do indivíduo é já exercida instintivamente – às vezes até em demasia – pelos seus vizinhos; não há mister de inovações.

Longe estamos de supor que a influência moral possa eliminar em absoluto o parasitismo clandestino. Como quer que seja, é mil vezes preferível sustentar meia dúzia de “cupins” anônimos, demasiado fracos

para comprometer a revolução, do que instituir normas atentadoras aos foros individuais. Deve-se dar tudo, sem nada exigir.

O que cabe, neste caso, é reintegrar os refratários nos seus direitos aos instrumentos de produção, na participação da distribuição; auxiliá-los no tirocínio de alguma atividade útil, cercá-los de um ambiente de carinho e de fraternidade, mostrar-lhes pelo exemplo as noções de justiça. Serão estes os melhores específicos para despertar o interesse na produção, a responsabilidade social, o estímulo para o trabalho.<sup>141</sup>

Realizada a expropriação, a distribuição equânime da riqueza deve ser iniciada rapidamente para o efeito moral, dando logo a impressão da mudança de regime.



O desarmamento da burguesia e de todas as suas forças é o escopo imediato da revolução. E ainda se dá com isso prova de insuficiência. É preciso desarmá-la simultaneamente de todas as razões que possa aduzir contra o novo sistema social. É preciso desarmá-la moralmente, instaurar uma situação em que nenhum ser humano descenda ou se considere lesado em seus direitos. Em dignidade, é preciso que todos subam.

O anarquismo, elevando o burguês ao grau de dignidade dos trabalhadores, responde a um princípio de justiça, dignifica os próprios trabalhadores. Subtraindo o amo da sua função de negreiro, e o criado do seu estado de sujeição, libertá-los de uma vida de miséria, principalmente de miséria moral.

Nessa emergência, a revolução seria mais rápida, mais fulminante. Os burgueses *conspiradores* não encontrariam apoio para a restauração do seu domínio.

---

[141] Por terem seguido um método contrário – o da encampação da riqueza, os partidos bolchevistas, da Rússia, e socialistas, da Hungria, aumentou prodigiosamente o número de desocupados, de vagabundos e ladrões, comprometendo a vida dos respectivos Estados. (N. A.)

Nada há tão poderoso como a eloquência dos fatos, tão decisivo como a superioridade moral.

É digno de menção o valor que, para o mundo civilizado, tiveram as invasões da França (apenas vitoriosa a democracia), onde os soldados beberam as ideias da Revolução.

De encontro à formidável superioridade moral dos revolucionários russos, pulverizou-se o Estado imperial teutônico, estrelaram-se as potências aliadas.

A revolução assim compreendida teria o condão de empolgar as massas operárias e subversivas de todos os países (como nos seus primórdios teve a revolução russa), e alastrar-se como um rastilho de pólvora.

\*\*

Revolução radical ou revolução anarquista? Eis o tema do dia.

Uma boa parte dos revolucionários anarquistas, demasiado preocupados com a ignorância ou a corrupção das massas, opta por uma revolução radical, uma nova época precursora da revolução anarquista.

Condividimos [*sic*] a apreciação segundo a qual as massas não estão preparadas por uma educação e uma experiência que autorizem a aplicação rigorosa dos princípios anarquistas. Segue-se daí que devemos desistir de preconizar desde já a revolução francamente anarquista e dar a entender às massas que “a revolução será o que puder ser, e nos devemos esforçar para que seja o mais radical possível?”

Pensar, durante a revolução ou no dia seguinte, não de se instaurar a sociedade ácrata e, sim, como dizem não poucos militantes, de se caminhar para o comunismo anarquista?

Opinamos que este critério desvanece o alvo da revolução.

O dilema é irrecusável. Aprazando a revolução anarquista, cairemos no oportunismo, faremos uma revolução radical... indefinida.

O conceito da revolução radical respeita à metafísica.

Sem a diretriz dos princípios filosóficos e científicos, a revolução tem como final, quando não como início, a contrarrevolução.

Nós estamos com os que propõem pura e simplesmente a revolução anarquista.<sup>142</sup> O que não propomos é a luz da sociedade anarquista em vinte e quatro horas.

- Esfacelo do capitalismo e do Estado, de todas as forças capazes de sustentar ou de restaurar o velho regime; garantia da liberdade individual e coletiva, pela ausência de sistemas ou partidos coercitivos: eis aí, *grosso modo*, o nosso conceito de revolução.

\*\*

Resta, agora, o fatalismo da democracia e da ditadura do proletariado, artigo de fé para não poucas notabilidades revolucionárias.

Sem dúvida, a revolução tomará um caráter, ditatorial ou democrático, onde a mentalidade popular obedecer a esse fim. Pelo contrário, onde o anarquismo for ganhando terreno, a revolução tomará um caráter francamente anárquico.

O desenvolvimento natural e normal da revolução é para o anarquismo. À medida que avançamos na senda do progresso, mais se acentua essa tendência.

Referindo-se à revolução russa, Metzuer escreve:

Ninguém comanda, é uma revolução que não tem precedentes na história. É uma rebeldia coletiva, que pessoa alguma dirige, que não tem ninguém à sua frente; é um movimento feito pelo povo, mas sem uma pessoa que o oriente. Apesar disso, porém, intrinsecamente arraigado está o espírito rebelde na alma dos lutadores que estes mantêm, uma ordem relativamente grande nas fileiras e uma moralidade imensa, unida à uma cordial fraternidade.

---

[142] A revolução social, obedecendo – como obedecem todas as revoluções deste caráter, à ação destruidora das massas, tem que ser anarquista nos seus princípios, nos seus meios, nos seus fins. (N. A.)

A Revolução Russa, malgrado a similitude com as revoluções inglesa e francesa, por se encontrar o terceiro Estado em luta com o regime, foi além destes, ultrapassou mesmo as revoluções de 48 e de 71.

Pela lógica sucessão dos fatos, a próxima revolução deve ser anarquista.

Todos os grandes movimentos nacionais ou internacionais, assim como as revoluções que não têm por objetivo a solução dos problemas de ordem social e moral, apresentam uma série de aspectos a saber:

- 1º Exaltação e expectativa;
- 2º Realização ou experiência;
- 3º Pessimismo e defecção;

Os partidos, uma vez esgotado o seu repertório de fórmulas absolutistas, passam para a história.

A dolorosa contingência por que estão passando os povos da Rússia, da Finlândia, da Alemanha; a prova cabal do despotismo das democracias socialistas pseudoproletárias; e o despertar do sentido analítico dos trabalhadores não caem em saco roto, preparam os espíritos para uma nova concepção social.

Por não ser uma plataforma de partido – que não exige nenhum esforço mental – mas por constituir uma doutrina de recente construção científica; por esbarrar contra o obscurantismo, a paralisia intelectual e a prevenção dos povos fanáticos contra todas as reformas ou revoluções; por carecer dos recursos para a sua divulgação; por ser objeto da hostilidade permanente, crucificado nos seus homens, pelos partidos conservadores e os da vanguarda vermelha (perdoem a ironia), o anarquismo não havia até há pouco alcançado o direito de beligerância.

Hoje, porém, que as doutrinas conservadoras, aristocráticas ou democráticas, e as do socialismo autoritário, do bolchevismo e do sindicalismo, foram reduzidas pela crítica libertária, pela ciência e pela ex-

periência a um “conjunto de relíquias”, o anarquismo: as doutrinas de Stirner, de Tolstoi, de Reclus, de Godwin, etc., entram em foco e, pelas próprias virtudes, auspiciam a revolução.

*Parte Quarta*  
*Perspectiva da Nova Civilização*

*O futuro da Humanidade está dependen-*  
*do de uma nova ORDEM MORAL.*

## *O anarquismo na ciência e na filosofia*

O misticismo na atualidade – Culto a Baco e a Mercúrio – Pornografia galopante – Efeitos da metafísica – Imoralidade espírita – Teosofia – Panteísmo – Misticismo sem metafísica – Sobrevivência religiosa – Assistência de eminentes filósofos – Relação das causas primárias e das causas finais – Superioridade do método científico – Significação da *débâcle* deísta – A nova diretriz filosófica e científica – Teoria eletromagnética – Teoria da relatividade – Concepção absolutista – O homem e a Natureza – Teoria da igualdade – Evolução filosófica – Noção realista da Natureza – Explicação da preeminência da metafísica sobre o materialismo – Vitória de Pirro

*A filosofia é a rebelião contra o jugo religioso.*

*Proudhon*

**O** ESPÍRITO EVOLUI PENOSAMENTE, EXTRAVIA-SE COM FACILIDADE NAS múltiplas correntes do misticismo.

Hoje, por essa causa não são, como seriam de desejar, muito lisonjeiras as condições antropológicas da nossa espécie.

Salvo uma minoria de esforçados campeões da cultura e da moral, as multidões e as elites analfabetas, turvas e degeneradas pela corrupção religiosa,<sup>143</sup> correm, alucinadas, pela estrada da amargura, atrás de fantasmas que bailam na sua imaginação em delírio.

Por outro lado, a cúria romana decai, nega solenemente, pela doutrina e pelo fato, a divindade do Nazareno (?) e codifica, para seu uso e abuso, um evangelho pouco inspirado nos “Sermões da Montanha”.

Nas igrejas, rende-se culto a Baco e a Mercúrio. O incenso, as harmonias musicais e os cânticos sagrados, a contemplação das imagens, vivas

[143] Nota do Org.: No texto original, indica uma nota de pé de página que não foi colocada pelo autor.

ou inertes, nuas ou seminuas, os “idílios funestos” de que são teatro os confessionários (“antecâmaras” dos cavalheiros do templo) preparam o corpo e o espírito para os transportes do amor... (?)

Dos serralhos do clero, celibatário, inimigo da família e, portanto, da moral, a pornografia transpira, irrompe virulenta, da comunhão da carne.

O processo da vida religiosa é exatamente o que se observa na vida sexual: a grande descoberta do cristianismo consiste em haver encontrado o meio de utilizar os fatores do erotismo, desviando-os para a mística. (SOREL).

O cristianismo escandalizou os próprios cristãos, muitos dos quais, chefiados por Lutero e por Calvino, desautoram [sic] o Vaticano e seus dogmas, rebeldes à cultura da época.

Mas se os luteranos e os calvinistas abominam da idolatria e do erotismo católicos, em compensação aspiram a fortes doses de metafísica, agravando o estado das suas faculdades.

A evolução religiosa é a obliteração das faculdades intelectuais. E nessa marcha galopante da realidade para o mistério, nessa fuga do livre exame para a fé, da razão para a loucura, o espiritismo e o espiritualismo excedem o catolicismo e o protestantismo.

Dentro das baiucas do falso espiritismo (?), nos arraiais dos charlatães arvorados em mentores de infelizes criaturas que acabam fantasiadas e escravas de superstições monstruosas.

É aí que se trama a conspiração contra o movimento normal da expansibilidade doutrinária.

É das sessões espíritas em que os presidentes resmungam banalidades e incoerências, os médiuns desempenham farsas e dançam batuques escandalosos ou ejaculam, em português estropeado, os aranzéis erradamente atribuídos a caboclos como Urubatuba, Tupinambá, Faísca, etc... é desse amontoado de inovações, condenadas pelo bom senso que se originam os sérios motivos de descrédito para a causa espírita. (VIANNA DE CARVALHO).<sup>144</sup>

[144] O ilustre dr. Vianna devia ter presente que essas superstições monstruosas, essas incoerências e aranzéis, são o fruto da doutrina. S. S. blasfema sem perceber o ilogismo. (N. A.)

É aí, nos principais centros espíritas, que se pratica a repugnante promiscuidade, a imoralidade incrível.

É aí, nesses templos sagrados (?), que, à vista e paciência do “Astral Superior”, se praticam atos que fariam ruborizar um frade devasso.

Os sacerdotes espíritas (que pregam contra a confissão auricular dos católicos) desgrenham com suas mãos, sifilíticas, os cabelos das mulheres inocentes e pudicas, bafejam fortemente sobre os rostos das pacientes as emanções de vício e da lascívia, aplicam massagens nos corpos imaculados das virgens, praticam, à inversa, o suplício chinês da carícia.<sup>145</sup>

O espiritismo e o espiritualismo são as escolas que mais trabalho dão aos frenólogos, aos psiquiatras, e encaminham para os manicômios maior número de videntes, de neuróticos, de possessos.

Finalmente, o teosofismo [sic] e o panteísmo, superiores postulados da metafísica, comparecem também neste vale de lágrimas, com o seu cortejo de iluminados pela fé, sem que o verniz científico de que se revestem lhes dê maior realce, pois as ciências perdem a sua virtude quando falsificadas, ou estudadas tendo em mente a descoberta de alguns princípios em favor da concepção teísta.

O livre exame exige que as inteligências não se encontrem obstruídas por qualquer preocupação metafísica.

À parte outros fatores do misticismo, a imperfeição fisiológica e a corrupção psicológica concorrem para a formação dessa idealidade, que santifica a doutrina da revelação e consola as almas que tudo perderam, inclusive o senso moral.

Estas exprimem, pela palavra de Madeleine Semer, a morbosi espiritual e sentimental que as infelicita.

Amo a Deus, sem crer nele – dizia Madeleine Semer – A Igreja é feita para o desespero ou para a fraqueza; a minha nela se apoia com doçura, com um pouco de vergonha, também, por belas que sejam as palavras que escuto.

Há, em toda a vida religiosa profunda, longos anos em que a gente se dá a Ele e vai para Ele.<sup>146</sup>

[145] V. *Jardim dos Suplícios*, de Octávio Mirbeau. (N. A.)

[146] “Uma experiência religiosa” (Félix Klein, ministro da Igreja). (N. A.)

Nestas expressões, se identifica a transformação do sentimento místico em idealismo fantasmagórico, cujas imagens febrilmente elaboradas revivem o espírito dos antepassados.

O fetichismo que daí resulta é uma religião de selvagens que se vem propor precisamente aos homens civilizados. A metafísica religiosa pode ser uma ilusão involuntária, um erro, um sonho, mas o fetichismo sem metafísica é bem pior porque é uma ilusão voluntária, um sonho que se sonha completamente acordado.<sup>147, 148</sup>

A religião compreende, em maior ou menor grau, os seguintes princípios:

- I – Pessimismo, nostalgia, crença e fé;
- II – Sentimento de inferioridade em relação aos elementos;
- III – Misticismo, superstição,<sup>149</sup> vertigem do desconhecido, pressentimento exagerado da morte.<sup>150</sup>

A religião é um estado de predisposição para o pânico, para as impressões profundas, dolorosas, que invadem todo o organismo; é uma perturbação do sistema sensorial, uma afecção perigosa que ataca, de preferência, o coração e o cérebro. “Quando este órgão chega a sofrer uma contínua superexcitação, acumula-se nele fluido nervoso, dando margem a fenômenos cerebrais que causam um princípio de alteração”.<sup>151</sup> Perde-se, então, a ação determinante, dando lugar a ação reflexa.

\*  
\*\*

---

[147] Stuart Mill. (N. A.)

[148] Os propagandistas comunistas do ateísmo, muitas vezes, dão ao povo ideias essencialmente religiosas sob novas formas. Assim a cruz é substituída como símbolo pela Cruz Vermelha do comunismo; retratos de Lênin e outros chefes revolucionários tomam o lugar das imagens dos santos; os princípios dos comunistas são ensinados não em linguagem simples, mas em frases campanudas próprias dos padres.

Kostleskay, diretora do jornal bolchevista, “Bez Bozhaik”. (N. A.)

[149] A superstição, científica ou filosófica, é uma reminiscência da religião. (N. A.)

[150] O sentimento da morte provém do enfraquecimento físico e moral, da extinção prematura e acidentada da nossa vida, provocada pelo histórico e artificioso determinismo social. (N. R.)

[151] A religião entra nos domínios da fisiologia patológica. (N. A.)

A inanidade das concepções teológicas ou metafísicas não é óbice para que a religião sobreviva aos rudes golpes da lógica e das verdades científicas. No seu leito de enferma, recebe o conforto de eminentes filósofos que persistem no infeliz propósito de a imortalizar.

As qualidades de adaptação ao protetorado conservador, a preocupação da originalidade e da glória, fermentada, governam as inteligências que não têm alma para luta e para o sacrifício. Sob esse governo, emitem-se opiniões esquisitas, como as da lavra de H. Spencer, que a seguir oferecemos ao leitor:

Os que creem que a ciência dissipa as crenças religiosas parecem ignorar que tudo quanto a ciência possa tirar do mistério às antigas, acrescenta-o às novas; seria lógico dizer que, à medida que se passa das antigas para as novas, o mistério torna-se mais profundo. Com efeito, a ciência substitui a explicação que parece provável, por outra que nos conduz mais longe, para nos colocar em presença de um fato incontestavelmente inexplicável.

É de estranhar que o grande artífice da “Filosofia Sintética do Universo” não estivesse avisado de que

as causas primárias, assim como as causas finais, não são relativas à concepção religiosa e, sim, à concepção filosófica.

A bem da independência do espírito, as ciências puseram fora da discussão as concepções teológicas e as metafísicas atinentes a estas causas.

Por tempo indeterminado, a sua insolvência há de perdurar. É o que nos vale; do contrário, a filosofia, a ciência, a vida, enfim, perderiam o seu objetivo, o pensamento cessaria de funcionar, e o progresso teria solução de continuidade.

Sempre que se recorre à investigação científica, a razão firma-se, clara e serena, guarda perfeito equilíbrio,<sup>152</sup> ao passo que tonteia e se

---

[152] De tal modo, a natureza do pensamento exclui a superstição religiosa, que os teólogos e os metafísistas [sic], assim que iniciam um sério estudo das ciências, esquecem seus postulados, deslizam insensivelmente para o materialismo. A reação das faculdades psicológicas contra a morbidade de ordem moral é semelhante à reação do organismo contra as morbidades de ordem física. (N. A.)



extravia quando, com os lentes da teologia ou da metafísica, diligencia vislumbrar os enigmas do Universo.<sup>153</sup>

Liberta a psiquis [sic] do pressentimento divino, tudo se esclarece, tudo contribui para nos aproximar ao conhecimento da verdade.

As ciências que, desde Sócrates a Laplace e desde Lamark a Ukuk, nos deram a conhecer as leis da Natureza, são algo superior a todas as teogonias, e provam a incalculável capacidade do pensamento quando aliviado das místicas idealidades e aberto a todas as rutilas inovações do progresso.

\*\*

O idealismo das modernas teogonias gravita num círculo vicioso, aproxima-se ao desespero de causa.

Os deuses sucedem-se com rapidez surpreendente. O “Neumeno”, de Kant, eclipsa o velho Jeová, visivelmente desmoralizado quando postas no ridículo as revelações mosaicas e messiânicas. O “Incognoscível”, de Comte e de Spencer; o “Oceano”, de Littré; a “Idealidade”, de Haeckel; a “lei da vida”, de Nicolai, depõem o “Neumeno”, incompatível com as ciências exatas e experimentais. A seguir, entram em concorrência tenaz, descortinam a nulidade comum.

A sua avaliação e a sua crítica nos dizem que são aberrações das maiores inteligências.

Esta itinerância [sic] rápida de deuses, de ideias transcendentais, marca a ascendência do espírito humano, anárquico, iconoclasta, que vibra o golpe de misericórdia sobre as últimas divindades (?) e proclama a vitória do ateísmo.

Para esta diretriz filosófica e científica, muito contribuíram os ateístas: Holbach, La Mettrie, Helvetius, Diderot...

Com a Enciclopédia, o ateísmo colima um sucesso gigantesco; com as ciências modernas, o ocultismo cede lugar à história natural. Hoje,

---

[153] Se bem que a filosofia absolutista tenha sido sensível ao progresso científico, a sua essência permanece imutável. Todas as representações superiores, misteriosas ou simbólicas, não escapam à patologia religiosa e prestam-se à formação de sistemas teológicos como o da “Psicologia Monista”, de Carlos Du Prel; e do “Neonaturalismo”, de Haeckel, que, à imitação dos Evangelhos, preceitua ao homem a “resignação, o desprezo de si mesmo”, tão fortemente profligados pelo eminente filósofo. (N. A.)

somente os iluminados ou os sofistas, como Bérgeon, “o granteórico [sic] da telepatia”, timbram em sustentar as especulações intuitivas.

Os verdadeiros sábios<sup>154</sup> esclarecem nossa mente com projeções verdadeiramente revolucionárias. As constantes descobertas paleontológicas, notadamente as de F. Ameghino, e do prof. Ponanski<sup>155</sup> prescrevem as velhas hipóteses relativas à gênese humana.

Quando a revelação ensinava que a Ásia era o berço de nossa espécie, já existiam exemplares em continentes (América, por exemplo) que nem o Padre Eterno (?) havia suspeitado.

Os progressos da paleontologia, o triunfo da doutrina do transformismo e da teoria mecânica ou monista, devidos às preclaras cerebrações [sic] de Bufon, de Goethe, de Onkem, de Lamark, de Darwin, de Wallace de Büchner, etc. etc., desvirtuaram a teoria das criações especiais.

A revolução recentemente declarada na cosmogonia e na biologia, pela teoria eletromagnética, é um acontecimento de grande valor científico, fatal, porém, para a metafísica intuitiva.

Esta nova teoria, que vingou sobre as teorias cosmogônicas de Kant, de Laplace, de Herschel, de Haeckel, institui uma nova concepção cosmogônica.

Aos eminentes sábios Reike, Bose e Martin Ukuk, cabe a paternidade da teoria a saber:

Na terra, também como sobre Terra, tudo está em nascimento, em desenvolvimento, desde os elétrons perinucleares da terra, até as substâncias mais complexas, como o protoplasma animal, na superfície da terra.

Finalmente as modernas teorias da relatividade, da escola de Einstein, rompem os últimos liames da concepção absolutista.

Em resumo, os novos valores científicos alicerçam o ateísmo e o materialismo sobre bases inamovíveis: naturalizam a concepção anarquista, que coloca o homem no plano de igualdade frente a todos os seres de que se compõe o Cosmos.

---

[154] O sábio é rebelde ao mistério e à autoridade (Pei e Ordeix). (N. A.)

[155] O prof. Arthur Ponanski organizou há pouco, no museu técnico de Berlim, uma exposição de arte e de objetos etnográficos pertencentes a uma civilização boliviana (adiantadíssima) oito vezes milenária. (N. A.)

A pequenez material do homem não o enfraquece, nem diante da incomensurabilidade do espaço em que rola infinitamente o nosso pequeno planeta, nem diante da grandeza desse mesmo minúsculo planeta gerado e criado como os que maiores e mais grandiosos foram no mundo sideral. É por isso que ele, quanto mais pequeno se sente, mais eleva as suas atenções, investigando sobre reiteradas observações e explicando-se a si mesmo, diante do conjunto cósmico, como um produto da evolução universal.<sup>156</sup>

\*  
\*\*

No percurso da evolução filosófica, as concepções não são, conforme a escola de Comte, primeiramente teológicas, metafísicas e finalmente, positivas: são, finalmente, materialistas.

O Positivismo, delicioso pastel de princípios exatos e locubrações metafísicas, não tem espaço no pensamento rigorosamente científico, não desvanece a filosofia patológica do absolutismo; antes a fortalece.

O desvanecimento da filosofia absolutista e do seu coeficiente, a ilusão do livre arbítrio, é atributo do materialismo e do determinismo.

Estes princípios são os que fazem o espírito transpor a fronteira idealista das abstrações e lhes dão a noção realista da Natureza. Ao invés, os restantes, sem omitir os que oscilam entre o espiritualismo e o materialismo, ou têm “um Deus sem filosofia ou uma filosofia sem Deus”,<sup>157</sup> e finalizam em quintessência da metafísica, carecem dessa propriedade.

\*  
\*\*

Impenitentes evangelizadores do misticismo, dando costas ao progresso, solenizam a proeminência constante da metafísica sobre o materialismo.

Como assim?

A explicação do celebrizado milagre ressalta dos quesitos que, com vistas às suas eminências, passamos a formular:

Qual teria sido o destino da religião, da metafísica, se “os erros dos grandes artistas não se tornassem verdades populares”; se as crenças coletivas não pesassem sobre a psiquis [sic] individual?

---

[156] Dr. Almachio Diniz. (N. A.)

[157] Ibsen. (N. A.)

Qual teria sido o destino da Igreja, das seitas religiosas, dos seus dogmas e princípios, se não tivessem a seu dispor as forças políticas e econômicas, que lhes alargaram o campo de operações e com as quais imolaram milhões de pensadores, mutilaram as consciências?

Não foi, porventura, a brutalidade do terrorismo cristão acicate formidável da decadência do helenismo, ateuista e libertário?

Não teve a metafísica de Kant, quando em luta com materialismo inglês, como argumento decisivo a pressão da aristocracia e do clero sobre o pensamento dos filósofos?

Não foi para liquidar os valores científicos, vindos à tona com a Revolução, que o “Estado” francês restaurou o império da intolerância e decretou a religião obrigatória?

Não foram os interesses de classe e de seita os melhores pontos de apoio de Cuvier, na sua controvérsia com Sant Hilaire [sic] sobre a transformação e fixidez da espécie?

Evidentemente. E, em nossos dias, é assim que a varinha mágica da autoridade espiritual e econômica<sup>158</sup> sustenta a elevação do dogma sobre o livre exame.

\*  
\*\*

A Teologia e a Metafísica vivem da miséria intelectual e espiritual dos aborígenes e dos nossos sábios em estado de decrepitude.

Negativistas quanto ao determinismo, têm por pedestal a irresponsabilidade.

O misticismo atinge a fase crepuscular. E no dia próximo em que a burguesia e o Estado forem conduzidos em procissão fúnebre pela gleba revolucionária, a Igreja, a religião, ... [sic] a fantasmagoria providencial, terão deixado de apavorar os espíritos. As próprias imagens de Bérghson terão deixado em paz as consciências.

\*  
\*\*

A vitória religiosa entrevista na exaltação esporádica do misticismo, reavivada pelas calamidades guerreiras de 1914 e sobre as quais o governo

---

[158] A científica guarda de honra dos Hohenzollern, da família imperial alemã, recobrou o uso da palavra somente quando se sentiu apoiada pela compacta maioria [sic]. (N. A.)

## *As forças morais do anarquismo*

da tiara cifrava as maiores esperanças, foi uma vitória de Pirro<sup>159</sup>. Passado o momento de estupor e de angústia, restabelecida a presença de espírito, voltou a reflexão e... foi uma devassa: verificou-se que os princípios de onde se esperava a clemência eram os promotores da hecatombe. Então, a súplica reverteu-se em ira, a oração em anátema.

Da *débâcle* dos postulados teológicos e metafísicos, tanto no pensamento filosófico como no campo das experiências, se forma uma onda de heresia.

Não é por amor ou inspiração divina que as sinagogas quebram seus ritos, rompem com os dogmas, se conciliam, organizam, juntamente com os Estados<sup>160</sup> a “Santa Aliança”. É por temor ao passo de carga dos novos garibaldinos.

**Princípio básico dos sistemas políticos e sociais – Constituição da ciência social – Natureza do anarquismo – Filosofia social anarquista – A pedra angular de uma doutrina revolucionária – Desordem filosófica – Bases do anarquismo – O fenômeno social – Os fatores geológico, econômico, intelectual e moral – Instintos individuais e sociais – Simbiose – Elementos de fecundidade social – Insensatez dos conservadores – Psicologia da evolução – Os três períodos da evolução – Definição do individualismo, do comunismo e do socialismo – Síntese social**

**A** TÉ A HORA PRESENTE, A TENTATIVA DOS SOCIÓLOGOS E DOS PARTIDOS avançados para a solução dos problemas sociais, no terreno político ou no terreno econômico, não teve possibilidade de realização.

O fato não deve causar espécie.

Como já fizemos sentir, a Propriedade, o Estado, a autoridade, têm um caráter sagrado, apoiam-se num Direito maravilhoso, numa ilusão fatalista.

A Providência social é o reflexo da hipotética Providência (?) cósmica.

A obstinação da Igreja (de todas as igrejas), das classes e dos partidos autoritários em exaltarem o pessimismo e o misticismo, a crença num ser supremo, compreende-se, porque os fenômenos sociais, os princípios éticos, são inerentes às concepções do Universo e da vida.

Para o homem civilizado – diz Haeckel – a moral, tanto prática como teórica, considerada como ciência das condutas, vai unida à concepção filosófica e à religião.

A ideia de Deus, de uma consciência universal ou coletiva, decompõe a consciência individual. Desde que o indivíduo crê ser conduzido por uma consciência externa, não faz uso da própria.

[159] **Nota do Org.:** Vitória, numa batalha, em que as perdas do vencedor são iguais às perdas do derrotado.

[160] Haja vista os últimos convênios entre o Quirinal e o Vaticano, pelos quais este restabelece o seu poder temporal, um Estado em miniatura. (N. A.)

A soberania do pensamento requer a veemência das concepções ateístas. Somente ela ministra ao espírito a vitalidade para as concepções superiores.

Sem o abalo dos princípios absolutistas, as concepções econômicas ou sociais jamais prevalecerão. Todas as forças religiosas ou políticas que se instituíram, vencendo as castas ou os poderes reinantes, viram-se na contingência de atacá-los na sua ordem moral. Se a burguesia quis libertar-se do jugo feudal e do clerical, teve de feri-los no seu espírito, fazer-se herética e protestante, teve que opor à teologia e metafísica, o positivismo e o materialismo.

A revolução do século XVIII<sup>161</sup> suprimiu o calendário cristão e adotou o calendário astronômico. O seu principal trabalho foi o da descristianização e da adoção das tendências materialistas.

Foi então que, sobre os túmulos, se lia esta inscrição materialista – a morte é um sono eterno.

\*  
\*\*

Os governos, teológico e teocrático do século XVII, foram banidos como perturbadores.

Perguntando-se ao povo: Quais são as principais instituições deste sistema mercenário, homicida e antissocial? Responde:

— São as propriedades, os casamentos e as religiões que os homens inventaram, estabeleceram e consagraram para legitimar as usurpações, as violências e imposturas.<sup>162</sup>

\*  
\*\*

O consenso dos homens quanto à estabilidade do Estado não é tanto pelo temor, como pela crença em que este é a garantia da liberdade, da justiça contra o direito da força.

[161] **Nota do Org.:** No original, diz do século XVII. Evidente erro gráfico, pois a abolição do calendário cristão e adoção do calendário revolucionário aconteceu na Revolução Francesa (1789-1799).

[162] A escravidão dos bárbaros era, ou é, mais humana do que a escravidão colonial dos europeus. (Oliveira Martins) (N. A.).

O livre arbítrio [sic] criou a ilusão da liberdade espiritual, a filosofia democrática burguesa criou a ilusão da soberania popular, o pensamento socialista e o comunista político descobriram (?) a ilusão da soberania dos trabalhadores, da ditadura do proletariado.

É sabido como os sectários cristãos se sentiam livres nas malhas da Inquisição, como o povo fanatizado pela política se considera soberano na república e se julga ditador no Estado comunista (?) russo.

Estas ilusões dão, por sua vez, a ilusão da felicidade e da glória.

A superstição do livre arbítrio, a crença nas virtudes do Estado e, bem assim, as ilusões criadas pelos dominadores ou pelos pretendentes às honras do Poder são o artifício.

As necessidades biológicas, o sentimento de igualdade e de liberdade, a aspiração comum aos benefícios do progresso, representam a base natural e real da sociedade.

\*  
\*\*

Desejaríamos saber em que se baseiam os teólogos, os metafísicos<sup>163</sup> [sic], os positivistas e os semimaterialistas para observarem na religião princípios de sociabilidade. Desejaríamos saber, também, em que se baseia Guyau para confessar que há em toda religião uma sociologia, “que a religião é um sociomorfismo [sic] universal”.

A religião caracteriza-se por um completo indiferentismo à vida material e moral, rompe todos os laços sociais. O religioso não se pertence, nem pertence aos seus.<sup>164</sup>

O amor é vaporoso no indivíduo místico. A religião apaga esse princípio essencial da vida.<sup>165</sup> Em obediência a um princípio abstrato, a uma ordem misteriosa, abandona pátria, família, sociedade, não para atingir o ideal, mas para perseguir por tempo vitalício uma ficção.

O preconceito religioso não tolera núpcias entre pessoas de credos divergentes, particularmente entre místicos e livres pensadores.

[163] **Nota do Org.:** Não seria, se tratando de metafísicos, METAFISITAS a palavra que o autor desejaria usar? Ou seria um trocadilho misturando as palavras MATERIALISTAS e METAFÍSICOS?

[164] Consideram-nos na Terra como estrangeiros (S. Pedro). Assim, ainda que muitos, somos um só corpo em Cristo (S. Paulo). (N. A.)

[165] **Nota do Org.:** No texto original, esta nota e a anterior (166) possuem o mesmo número (1), parecendo o autor ter a mesma intenção de referência para os dois momentos.

Augusto Comte, oráculo do templo da Humanidade, escrevia a J. Fischer, entre outras belezas do culto, o seguinte: todas as almas verdadeiramente religiosas devem repelir semelhantes famílias.

A religião é perturbadora das relações no seio das próprias seitas. É um específico de duplo efeito: enerva a sensibilidade e provoca a neurose.

A irascibilidade e a crueldade são a idiosincrasia da seita cristã.<sup>166</sup>

Em todas as épocas, a exaltação religiosa e colapso das civilizações coincidem.

\*  
\*\*

A química de Platão e a de Kant são resolutivas. A de Comte apresenta as mesmas propriedades.

Na impotência revolucionária social, junto aos positivistas, militam os materialistas ingleses e os alemães do século XVII, os enciclopedistas, os filósofos Rousseau, S. Simon, H. Spencer, Karl Marx, etc., que tentaram sínteses sociais, sem maior êxito. Uns por insuficiência científica, outros por falta de método e de gênio, ou, ainda, por induções atávicas e do meio social, não saíram da impossível combinação da ciência com a metafísica do Poder, das criações virtualmente políticas.

O plano teocrático foi renovado pelos eminentes filósofos: o homem passivo, inerte, inconsciente; e a Ordem (com “o” maiúsculo) política, princípio ativo, consciente, que dirige.

Tomando a nuvem por Juno, rubricaram, sob um cientificismo ilusório, a Teologia do Estado, fazendo dizer ao duque de Orleans que “a doutrina monárquica está em completa harmonia com a história natural”.

Posicionada neste plano, a evolução social não segue um processo de adaptação ao meio, à natureza humana: segue um processo arbitrário que rende a natureza ao artifício.

---

[166] O religioso é egoísta e arrogante. Espera a própria salvação, sonha com a glória. Nos graduados, nos chefes de seita, o orgulho toca as linhas da insolência. Ninguém mais egoísta e orgulhoso do que Confúcio, Zoroastro, Cristo, Maomé ou Augusto Comte. Pregando a humildade e o amor, mostraram-se, em grau máximo, orgulhosos, egoístas e ambiciosos, conferindo-se títulos de deuses ou de seus representantes. Augusto Comte, com a mesma graça que rezava ser a *humildade a base do aperfeiçoamento* [(sic)] – mandou colocar no altar do Templo da Humanidade o retrato da VIRGEM-MÃE [(sic)], Clotilde de Vaux, sua legítima esposa. O homem, fortemente comprimido nas malhas da religião, torna-se “reservado e vingativo e um tanto sanguinário: entrega-se mais às práticas do culto que ao desempenho de sua moral”. (N. A.)

Os princípios da teologia, da metafísica, do positivismo e do materialismo unilateral são princípios anorgânicos, atomísticos. Podem criar o regimento, nunca a associação.

Somos os primeiros em reconhecer a soma respeitável de elementos que os positivistas e os materialistas aportaram à ciência social, mas forçoso é constatar que essa ciência só é constituída quando os anarquistas a definem pela lei enciclopédica, quando edificam o sistema social, como Laplace edifica o seu sistema cosmogônico: “sem uma hipótese inútil”.

\*  
\*\*

Pela própria definição etimológica ANARQUIA [(sic)] significa o desconhecimento do princípio governamental em qualquer lugar ou tempo.

A ANARQUIA [(sic)] é o ideal de sociedade sem poder constituído, é a tendência para a eliminação da autoridade física, econômica, intelectual e espiritual ou proveniente do privilégio de categoria, de sexo, idade, posição social, etc.

Ao perseguir a eliminação da autoridade, o anarquismo prevê a vida de relação, onde têm acesso todos os sistemas sociais e a constituição dos melhores como efeito da lei de seleção.

Posto que nenhum domínio se exerce sem violência, e esta constitui em tese a alma da autoridade, cuja ausência se explica no regime da paz, infere-se que a anarquia é a ordem moral contrária a esse fenômeno patológico das relações sociais.

O anarquismo não é um corpo de doutrinas definitivas ou dogmáticas: é um postulado libertário e progressista, que continuamente se enriquece de elementos científicos e concepções filosóficas. A sua essência, sim, é imutável.

O postulado anarquista assenta em princípios exatos, inerentes à Natureza e suas leis. Destes princípios, essenciais, enunciamos pela ordem:

.....[(sic)]

- I-IDENTIDADE – A substância universal é em toda parte a mesma;
- II-MOVIMENTO – A desenvolvimento universal é a soma das desenvolvimentos das unidades;

III—EQUILÍBRIO-ESTABILIDADE – O Universo não evolui em sentido ascendente ou progressivo;

Os movimentos da substância cósmica estão sujeitos às leis de gravitação, e as forças contrárias que a produzem são equivalentes em qualquer momento dado.

A evolução progressiva é propriedade particular das unidades cósmicas, dos indivíduos que não culminaram seu desenvolvimento e que estão em estado de progredir.

IV—A matéria grosseira, refinada ou sutil (quintessenciada) obedece às leis da mecânica;

V—A substância viva é descontínua; cada parcela é autônoma e “dirige a sua evolução morfológica”;

VI—O Universo é um vasto laboratório de ações e reações físico-químicas e fisiológicas, pelas quais as substâncias se atraem, se compõem e se combinam, criando as constelações, os astros que povoam a região celeste, até os representantes na terra – e provavelmente em outros planetas – dos reinos mineral, vegetal e animal, simultaneamente, e, respeitados os períodos de organização, se retraem, se decompõem, originando novas criações biológicas, de onde resulta a morfologia universal e eterna;

VII – “Os seres orgânicos são, respectivamente, a síntese das vidas individuais que os integram” [sic];

VIII—A unidade moral tem a sua origem na unidade física;

IX – “Os seres vivos conservam certos caracteres dos seus antepassados mais próximos”,<sup>167</sup>

X—As leis dinâmicas não compreendem a perduração extra orgânica ou a renovação dos seres vivos;

XI—Na Natureza, a inovação é constante e perpétua.

.....[sic]

Em resumo, o anarquismo é essa concepção segundo a qual a vida no Universo não sofre influências estranhas: é o resultado do livre curso das energias cósmicas.

[167] A lei da hereditariedade desmente a teoria da reencarnação. (N. A.)

Em síntese, definimos:

ANARQUIA – Ordem Universal;

ASPECTO: Harmonia Cósmica, sem vestígios de entidades providenciais, superiores ou eternas;

PRINCÍPIOS: de evolução de todos os seres, que não podem ser limitados sem redução das respectivas propriedades biológicas;

SÍNTESE:

a) Das energias tendentes ao equilíbrio, à normalidade em todas as manifestações da vida no Universo;

b) Dos princípios físicos e psíquicos, determinantes das necessidades vegetativas e morais, peculiares principalmente aos indivíduos em elevado grau de sensibilidade e de consciência, para os quais os direitos ou dignidades, tanto pessoais como sociais são inalienáveis;

c) Das potências que cada indivíduo e cada coletividade, respectivamente, possui para a luta contra as inclemências e as imperfeições dos elementos, do regime social, da natureza íntima;

d) De cooperação, comum a todos os organismos;

.....[sic]

A anarquia é a pedra angular da vida de relação. À ciência desta ordem moral, chega-se, como já foi demonstrado, pelos superiores princípios universais, explicados pela filosofia materialista.

O materialismo fielmente interpretado conduz à inspiração libertária.

Com efeito, foi o materialismo, triunfante, que deu margem às relativas liberdades sociais e econômicas que brilharam no Celeste Império, que deu glória à civilização helênica, que arrancou os povos do torpor religioso do medievo, e é ainda o materialismo que flui das criações de G. Bruno, Galileu, Locke, Hume, Lamark, Darwin e, mesmo dos que, como Büchner e Gustavo Le Bon, se insurgem contra o pensamento libertário; é esse materialismo que ilustra os trabalhos de Spencer, Lluria, Ramon y Cajal, R. Altamira, o combustível das revoluções igualitárias que agitam o Oriente<sup>168</sup> e o Ocidente.

[168] “O ateísmo absoluto foi de grande utilidade para o moderno movimento revolucionário russo”. (N. A.)

O materialismo obvia a Providência divina e a Providência política. A ciência e a experiência ensinam que o materialismo só se combina com o anarquismo; que, à anarquia na vida cósmica, corresponde a anarquia na vida social.

Supor a unidade moral sobre a Natureza, segundo a teologia, na Natureza, segundo a metafísica e o monismo haeckeliano, ou na Humanidade, segundo o positivismo, é acusar uma desordem filosófica, gênese da desordem social.

Cingindo-se ao critério rigorosamente científico: ao naturalismo materialista e ao relativismo, que exaurem a falsa concepção Providencial, a noção de superioridade de sexo, de raça ou de classe;<sup>169</sup> cingindo-se ao determinismo,<sup>170</sup> que destrói o absurdo da ordem moral abstrata, objetiva, e sua inferência a responsabilidade; cingindo-se ao determinismo, que aponta o regime como causa imediata das vicissitudes humanas, o anarquismo toma, como base da ordem social, a ordem moral individual, que se denuncia principalmente nos seres humanos.

\*  
\*\*

O fenômeno social, como todos os fenômenos da Natureza, é produto da evolução cósmica.

A fisiologia social perfilha, de certo modo, a fisiologia geológica e a geográfica.

A distribuição científica das populações obedece às necessidades naturais, às condições mesológicas.

Estudando a distribuição das riquezas minerais, da flora e da fauna, reparando as correntes fluviais, as margens dos lagos, as costas marítimas, as vias terrestres e de comunicação, as condições climatéricas, que permitem o habitat, tem-se uma noção clara dos fatores primários do organismo social.

Cada povo está caracterizado pela expressão geográfica (física) da região em que habita, pela sua índole étnica, pelo seu idioma, cultura e princípios éticos.

[169] Na Natureza, só há variedade de órgãos e de funções. Mesmo as diferenças de grau são relativas. (N. A.)

[170] O determinismo – relativo – não impede a formação da vontade volitiva, que evolui em relação da liberdade individual. (N. A.)

Os limites políticos e os religiosos são “superfetações”.

Observando a lei física e matemática da produção, verificamos o princípio do apoio mútuo.

As faculdades intelectuais e morais são também propulsoras da vida social. Sem a expansão e a comunicação do pensamento e do sentimento, o homem deixaria de existir.

Cada homem é um mundo de forças espirituais, de dignidades, paixões e idealismos que a teologia, a metafísica, o positivismo e o materialismo histórico desprezam, e que o anarquismo reivindica para a causa da liberdade e do progresso.

Tais princípios ativos, integrantes do indivíduo, são o fermento de todas as revoluções religiosas, patrióticas, políticas e sociais; são os que exaltam o protesto da burguesia contra a nobreza, do proletariado contra a burguesia, do indivíduo contra o Estado; são os que imprimem no homem o caráter inadaptável, irreduzível, indomável ao regime liberticida, os que aceleram a marcha das civilizações.

Que os sentimentos de independência, de liberdade são inerentes a todos os seres humanos certifica-o a tradição do povo germano, o mais aferrado à autoridade e à disciplina.

Até uma época recente, vibrou nessa raça um sentimento de liberdade individual tão profundo e tão vasto que se pode aí encontrar o conceito do “Eu” como uma expressão mística do indivíduo. (GRAÇA ARANHA).

Na senzala, nos presídios industriais, no templo, na caserna, onde o “Knut” [sic] e a mordaca não permitem respirar, fulguram o protesto e a revolta.

O nihilismo russo era a negação em nome da liberdade individual, de todas as obrigações impostas ao indivíduo pela sociedade, pela família, pela religião. Era uma reação apaixonada e poderosa, não contra o despotismo político, mas contra o despotismo moral que pesava sobre a vida íntima do cidadão. (STEPINAK)

\*  
\*\*

Ao lado do instinto de evolução individual, dos princípios ativos, podemos seriar os instintos de evolução da espécie.

A liberdade do indivíduo tem por complemento a solidariedade, que é o fato social.

Se os neodarwinistas Haeckel, Huxley, etc., desenvolveram, com as teorias do mestre, uma doutrina condenatória do pensamento libertário, das teorias sociais igualitárias,<sup>171</sup> pontificando a teoria da força, da luta individual, não faltou quem prevenisse os incautos contra o erro ou o sofisma.

Para Lamarck, por exemplo, a solidariedade é a base da vida social.

Nas relações que existem – diz ele, no seu *Système Analytique des connoissances positives de l'homme* [sic], quer entre os indivíduos, quer entre as diversas sociedades que os seus agrupamentos formam, a “concordância” entre os interesses recíprocos é o princípio do bem, como a “discordância” entre estes mesmos interesses é a do mal.

E insurge-se contra as desigualdades existentes criadas pela instituição da propriedade e contra a opressão da grande massa pela minoria.

Os filósofos alemães, que haviam planejado a conquista matemática do mundo pela “Kultur” [sic], apoiada num exército invencível (?), devem a esta hora ser [sic] convictos de que o “seu” darwinismo não é uma verdade absoluta, pois que, se na luta pela existência, é uma lei natural o sacrifício do mais fraco, não o é menos a solidariedade, e que, consoante a essa lei, ruiu o mais perfeito dos Estados, o mais poderoso dos impérios.

As leis da biologia zoológica encontram em Kropotkin e Élisée Reclus os melhores intérpretes. Eles provam, definitivamente, que o apoio mútuo é o fator primordial da evolução.

[171] O abuso que se tem feito do princípio darwiniano é geral: alguns têm levado o exagero a ponto de condenar mesmo obras de assistência, destinadas a tratar dos doentes, os enfermos, os velhos, etc., até repudiar toda a solidariedade social, a pregar um modo de vida que, se fosse realizado, nos faria voltar, sob o pretexto de progresso científico, a um nível inferior ao dos povos selvagens (DELAGÉ; GOLDSMITH). (N. A.)

De resto, a própria Natureza nos oferece um admirável exemplo de biologia social – a simbiose<sup>172</sup> entre os reinos mineral, vegetal e animal, nos elementos de um mesmo reino, de uma mesma espécie.<sup>173</sup>

A simbiose é comum às coletividades humanas, salvo nos casos em que o antagonismo de interesses prevalece.

Na ordem dos elementos de fecundidade social, podemos observar os instintos de igualdade e de justiça, os pendores de hospitalidade, os princípios de afinidade, as faculdades emocionais, os sentimentos de piedade, de generosidade, de ternura que, no homem de trabalho, na juventude e sobretudo na infância,<sup>174</sup> vivem em toda sua pureza.

É nesses elementos simpáticos, é no pudor (que a religião transformou em histerismo e que a civilização extinguiu, transformando a virgem em prostituta); é nessa virgindade, nessa ingenuidade da infância que tudo vê cor-de-rosa; é no amor materno, paterno, conjugal, filial, fraterno; é no amor da humanidade, dos animais, da terra fecunda, da beleza das florestas, das paisagens, do firmamento azul ou estrelado e, finalmente, do sol; é nos sentimentos estéticos, nos arrojos da imaginação, nas inspirações do gênio e nos grandes idealismos que encontramos uma fonte pletórica de pendores ativos e afetivos que, combinados, esboçam os princípios sociais e morais.

Fechando os olhos a essa moral sem mandamentos, natural, espontânea; moral, segundo Hume – desataviada e sem regras, sem a polidez da perfumada “moral burguesa” [sic], que a humanidade se esforça por reconstituir; fechando os olhos a estas realidades éticas, a perfectibilidade progressiva dos nossos sistemas geológico e antropológico, os conservadores<sup>175</sup> vêm ainda (oh! insensatos) impor a religião, a autoridade, para o governo social e moral, pelos imorais princípios do prêmio e do castigo.

[172] Dr. Silva Mendes. (N. A.)

[173] A simbiose é a associação mutualista (cooperação de esforços), na qual há igualdade real e perfeita reciprocidade entre os associados. (N. A.)

[174] “Entre 100 crianças, 80 repartem espontaneamente o que possuem, e só mais tarde deixam de o fazer por conselho ou imposição paterna” [sic]. (N. A.)

[175] **Nota do Org.:** Na edição original, a página 199 compreende a frase destacada aqui em caixa alta: “é nos sentimentos estéticos, nos arrojos da imaginação, nas inspirações do gênio e nos grandes idealismos que encontramos uma fonte pletórica de pendores ativos e afetivos que, combinados esboçam os princípios sociais e morais”, mais os cinco parágrafos seguintes, até à última frase da referida página: “logo, fixar definitivamente um sistema, ou re-”. Pois bem, nesta página, não há nenhuma nota indicando o texto que encontramos no pé da página. Pelo conteúdo da nota, acredito ser mais adequada



As faculdades superiores do homem são inerentes à toda a escala zoológica.

A porção mais elevada da série animal, compreendendo os mamíferos e os pássaros, depara-nos certamente uma reunião completa de todas as nossas funções superiores, com simples diferença do grau. (A. COMTE).

Os próprios sentimentos afetivos, apreciados pelos escravos da fé como uma dádiva da Igreja, “encontram-se no terreno real dos instintos sociais”.

\*  
\*\*

As leis progressivas da vida vegetal, animal e social são irredutíveis. Logo, fixar definitivamente um sistema, ou recorrer ao artifício para manter o existente, é violentar a evolução natural, provocar o atrito, as explosões dolorosas que as resistências ao progresso determinam.

A estrutura política ou social não é sempre o resultado da sucessão dos regimes ou dos partidos.

O regime político ou espiritual, econômico, etc., corresponde às ideias, aos interesses, às atitudes de cada coletividade empolgante do movimento social.

O ritmo social não é perfeito.

A série botânica e zoológica, cujo estudo determina a base geral da evolução que se aplica também à vida das sociedades humanas, não aparece regular e ordenada, quer dizer, não é A B C D E.....  
.....[sic], mas sim entrecortada, irregular, como a representa Geoffroy Saint' Hilaire, assim:

.....[sic]

A A.....A

B B'.....

---

a este momento do texto. Antes de passar para a citada nota, um registro: “estirpe”, no fim da nota, diz dos trabalhadores. Vejamos, a seguir, o conteúdo da nota de pé de página exposta no texto original: Defensores, – em tese – da imortalidade da alma (alma ou espírito?), (?) postíca, enxertada, fornecida a curto prazo, segundo os católicos, ou a prestações, segundo os espíritas, são os primeiros em negá-la (como foi negada, pela Igreja, ao escravo e à mulher) – à nossa estirpe. (N. A.).

C C'.....  
.....

Z Z

A evolução das sociedades humanas, divide-se em três períodos:

1º – Período religioso ou de contemplação panteísta;

2º – Período filosófico, da razão pura;

3º – Período científico, de especialização ou de série (Proudhon).

Ao primeiro, correspondem: o governo teológico (espiritual), o teocrático (temporal), o império, a monarquia, o feudalismo, o regime do clero e da nobreza.

Ao segundo, correspondem: o governo metafísico, a democracia, o Estado republicano, burguês, socialista ou comunista, o capitalismo, o regime dos comerciantes.

Ao terceiro, correspondem: a ordem científica (ateísta), a sociedade anárquica, o regime dos produtores livres.

\*  
\*\*

Entre os expoentes do postulado da política, do economismo e dos postulados da ciência, há a mesma distância que entre os primitivos e os filósofos modernos. Os primeiros não saem da casca grossa da vida vegetativa; os segundos entram dignamente na vida espiritual.

O progresso não comporta mais o egoísmo utilitário, egoísmo de taverneiro, deprimente da personalidade humana; não comporta o individualismo, o socialismo e o comunismo grosseiramente materialistas, simples abjeções.

\*  
\*\*

— Que é, pois, individualismo?

— É a negação da autoridade, é a concepção anárquica da Natureza. O individualismo é a filosofia de Stirner: a filosofia do homem, negando o nietzschismo [sic], a abrupta filosofia do super-homem.

Não é uma filosofia de dignidade: é uma filosofia de dignidades.

O individualismo é uma ascensão constante, progressiva: física intelectual e moral; é a afirmação do indivíduo, potência determinante, criadora da moralidade infinita.<sup>176</sup>

O individualismo não é a previsão, o cálculo; não quer saber de compensações, de reciprocidades: é espontâneo, é a expansão irreprimível da natureza humana.

— Que é comunismo?

— É a concepção relativista, cosmopolita, igualitária; não reconhece fronteiras nem superioridades. É a concórdia, a fraternidade, a criação da felicidade, geral, para chegar à individual – de todos os seres humanos, sem o que deixaria de ser comunismo.

— Que é socialismo?

— É a concepção da harmonia universal, da vida de relação.

O socialismo é a negação da religião e da política; é a sociedade em oposição à Igreja e ao Estado.

O Socialismo é o apoio mútuo, a organização das capacidades para a criação do bem-estar, do progresso...<sup>177</sup>

O socialismo é o movimento centrífugo dos órgãos afins, a consubstanciação dos princípios simpáticos.

Fora deste conceito: o individualismo, representando a razão individual contra a razão social<sup>178</sup>, o comunismo e o socialismo representando a centralização, o monopólio, a absorção, a razão coletiva contra a razão individual, ou julgados como fundamento da lei, da autoridade, perdem por completo a sua significação.

Definidos à luz da ciência e da filosofia anarquista, o individualismo, o comunismo e o socialismo combinam-se, integram-se num todo

harmônico, condensam o humanismo, a justiça e a dignidade, princípios fundamentais de uma síntese social.

[176] O simples espetáculo da crueldade, da hipocrisia, do vício e do crime, é causa de degenerescência. (N. A.)

[177] **Nota do Org.:** a página 202, no original, inicia com a finalização de um parágrafo da página anterior, com as seguintes palavras: “indivíduo, potência determinante, criadora da moralidade infinita”. O último parágrafo da referida página vem da seguinte forma: “Fora deste conceito: o individualismo, representando a razão individual contra a razão social, o com-“. Pois bem, nesta página, existem duas notas com a mesma numeração (1) e o texto de uma nota de pé de página sem a indicação do trecho correspondente. Primeiro: as notas de igual indicação são as aqui indicadas como 178 e 180. Como os textos são diferentes, fica evidente o erro gráfico na numeração das notas. Segundo: o texto da nota de pé de página sem a indicação na página me parece ser adequado ao parágrafo no qual aloquei a nota 179. A nota diz o seguinte: “A felicidade geral é condição da felicidade individual”. (N. A.)

[178] O ceticismo é um pendor dos ex-homens. A inércia, perante as grandes questões sociais, ou o afastamento à comunhão dos pioneiros do Ideal, o isolamento completo, são atitudes passivas, pouco individualistas. O anacoreta nunca será unidade. (N. A.)

*Economia*

**Utopia e realidade – O anarquismo na economia – Comércio, ou distribuição? – A ordem pelo equilíbrio – Perigos da centralização – O que é preciso para colimar a superprodução – Exigências operárias – Organização anarquista**

**A** EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA NÃO É UM FIM, É UM MEIO PARA CULMINAR a emancipação intelectual e moral.

Nos sistemas burgueses, socialistas ou comunistas (?), só têm existência real a economia política, a política econômica, a economia de classe. Para os apóstolos desses sistemas, a economia individual ou social são utopias, pertencem à metafísica.

Segue-se, daí, que a economia social, científica, depende da realidade anarquista: de um sistema livre dos interesses políticos ou de classe, em que a riqueza se destina à evolução física e moral da espécie.

A evolução da economia deve seguir o ritmo da evolução geral.

Dado o seu caráter universal, como elemento natural, ou produto do trabalho, a riqueza não pode ser objeto de comércio ou de troca, compatíveis com a propriedade, a detenção ou a posse:<sup>179</sup> só pode ser objeto de distribuição permanente, em harmonia com as necessidades de cada região, grupo ou indivíduo.

Como a ordem não surge sem requisito da vontade, é forçoso que esta se firme no equilíbrio entre a economia privada e a pública.

O progresso da ordem ladeia o progresso da descentralização.

Ocorre, por conseguinte, evitar que, a pretexto da superprodução, os centros sociais sejam congestionados pelo número, que não se repitam os tristes espetáculos que nos dão as grandes urbes: Moscou, Paris, Londres, Nova York...

[179] O que mais impele o homem à posse da terra é a faculdade de utilizar os respectivos produtos como objeto de comércio. Removida essa faculdade, a ambição excessiva pela terra deixará de existir. (N. A.).

A centralização econômica aumentou a intensidade da produção industrial, mas criou uma série extraordinária de necessidades pessoais e sociais, deu origem à proliferação assombrosa das classes parasitárias: exército, polícia, funcionalismo, advocacia administrativa... com visível prejuízo para a sociedade. A corrente centralizadora incrementou as enfermidades de constituição social: a sífilis, a tuberculose... arrastou consigo um cortejo enorme de calamidades, inclusive o atrito, próprio das aglomerações excessivas.<sup>180</sup>

Para colimar a superprodução, não é preciso enfeixar, escravizar, exaurir todas as energias humanas: basta uma organização racional de trabalho. De resto, o homem prefere uma côdea de pão e gozo da liberdade ao farto manjar sazonado com o fel da escravidão.

Efetivamente, não é pão o que o operário exige: é o direito de o produzir livremente, de o obter sem favores.

Em mérito à nossa opinião (e à guisa de apêndice), fazemos sentir a inconsequência do comunalismo, do municipalismo e do sindicalismo como sistemas unitários de uma sociedade libertária. A comuna, o município, o sindicato, tomados como unidades sociais, como sistemas orgânicos limitados, são instituições centralizadoras.

A expressão patológica do grupo como unidade definitiva, expressão eminentemente absolutista, já fez a sua história. Qualquer unidade local, regional ou universal, dessa ordem, cerceia o desenvolvimento das sociedades.

Segundo a filosofia anarquista, a sociedade há de ser a organização de uma série ilimitada de grupos, de associações, de federações, de comunas locais, regionais, universais, sem fronteiras, vivendo paralelamente, agindo pela livre e mútua cooperação, transformando-se ou sucedendo-se indefinidamente.

[180] É digna de menção a forma pela qual o individualismo anglo-saxão foi reduzido a zero pela centralização industrial, determinante da formação das grandes massas, em cujo seio a personalidade se dilui. (N. A.).

*Ordem social*

**Incongruências dos criminalistas – O anarquismo perante o crime – Solução do problema da ordem social – Funesta ilusão do humanismo do Estado – A quem compete a função do equilíbrio? – A família e a ordem**

**D**EUS (?) CRIOU O PECADOR; AS ESCOLAS CRIMINALISTAS DESCOBRIRAM o delinquente.

Tão longos foram os cultores da antropologia criminal, na indagação e generalização dos caracteres psicopatológicos do delinquente, que findaram sancionando a teoria da maldade inata do homem, da tendência criminosa das multidões.<sup>181</sup>

Abstemo-nos de analisar aqui a teoria da maldade intrínseca do homem e a doutrina do delinquente nato, por estarem fora de discussão.

Somente, de passagem, chamamos a atenção do leitor para certas incoerências da escola criminalista:

Os delinquentes natos e os loucos – teoriza essa escola – ficam sujeitos à repressão penal maior; os *habitués* [sic] à maior ou à média, conforme o seu grau de degenerescência física e de correção; os ocasionais os passionais e os criminaloides, ficam sujeitos a repressão mínima (FERRI).

Desta forma – diz Ingenieros – ficam solidários na nossa classificação o objetivo clínico e o científico e a sua aplicação penal prática.

Com a devida vênia, pedimos aos ilustres criminalistas licença para manifestar a nossa estranheza por uma teoria científica... (?) que determina a intensidade do castigo em razão direta à irresponsabilidade.

[181] Muitos, sem dar fé do equívoco, veem na luta de classe um fenómeno patológico, sendo que a luta do proletariado contra a burguesia, pacífica ou violenta, é tão natural como a luta do homem contra as forças da Natureza. Dizemos fenómeno, e não lei, em desacordo com Le Dantec, por ser um fato esporádico, alheio às leis naturais, suscetíveis de extinção, logo que se reestabeleça a Ordem na Sociedade. (N. A.).

Não advogamos com isto a passividade perante o crime. Quem comete uma ação daninha deve imediatamente sentir a repulsão.

A reação aos atos antissociais é natural, é espontânea, instintiva.

O princípio social é infenso à jurisprudência. Esta sugere ao indivíduo o pecado antissocial, a ideia do crime, traçando-lhe, impondo-lhe uma linha de conduta, um regulamento, um código.

Por muito grave que seja o abuso da liberdade, nunca será tanto como o da intervenção da lei nas relações sociais.

No que respeita à violência dos indivíduos ou dos grupos, nos primeiros lustros da sociedade futura, rubricamos a opinião de um dos mais notáveis partidários do absolutismo político e jurídico.

Não negamos – escreve Lênin – a possibilidade e a inevitabilidade de que os indivíduos cometam excessos, nem a necessidade de suprimir tais excessos. Porém em primeiro lugar, para isto não é necessário máquina especial nem instrumento especial de repressão. Isso, fá-lo-á a própria nação armada, aluímos aqui ao período de transição tão rapidamente como qualquer multidão de homens civilizados que, mesmo na sociedade atual, separa dois combatentes ou não permite que uma mulher seja vítima de um ultraje à sua honestidade.

O homem não é certamente um anjo. Mas também não é um animal feroz, carniceiro sanguinário. Anatomicamente é inofensivo, indefeso. “É um dos seres desprovidos de armas: sem garras, sem chifres, sem couraça” [sic]. Na dentadura do homem moderno, apenas se denotam vestígios de órgãos apropriados à alimentação carnívora. A nossa criatura não é prognata.

Em fisiologia, como em psicologia, o homem evoluiu sensivelmente. Desenvolveu o cérebro e reduziu os órgãos da nutrição. Viveu da caça e da pesca onde não encontrou outros comestíveis e enquanto não iniciou a agricultura.

Os primitivos empunhavam o pau e muniam-se da pedra para a defesa contra os animais temíveis. Raramente o homem tomou armas para atacar seu semelhante.

A guerra foi, para certas hordas ou tribos aborígenes, um fato natural, uma necessidade biológica, de onde ilustres exegetas inferem a causa, a razão da Propriedade e da escravatura.

Esta inferência procede de um erro crasso e prejudicial em sumo grau. A guerra pode ter sido o ensejo, não a causa de tão bárbaras instituições.

Com a ausência da autoridade, ou da sua imposição absorvente, a guerra haveria tido fim, desde que, pelo progresso da agricultura e da indústria, as tribos das regiões inóspitas não mais se vissem na dura contingência de emigrar, de travar luta com outras tribos para a conquista do solo. A terra teria sido livre.

Nenhum povo teria interesse ou conveniência em usurpar ou detentar [sic] searas incultas.

Para o estabelecimento da ordem, de pouco ou nada servem os dogmas da fraternidade, os preceitos de justiça e de moral, as promessas ou ameaças se, como hoje constatamos, as circunstâncias políticas, religiosas, econômicas... arrastam o homem no turbilhão imenso e pavoroso dos vícios, dos crimes, das guerras, de todas as misérias sociais.

A maior emergência, nesse caso, é a de suprimir do arbítrio, que determina a infração, é a de caçar à burguesia a carta de pego, a imunidade, o privilégio e o monopólio do crime; a primeira medida é a de restabelecer a liberdade, a justiça, a solidariedade, é socializar o direito, a assistência, usurpados pela burguesia e o poder político, tanto no terreno jurídico como no das possibilidades econômicas.

Mais do que preceitos ou regras de moral, o que o homem precisa é de luz.

A primeira reclamação que temos a fazer é (parodiando a Jove) a de que não nos tire o Sol.

Generalizou-se demasiado a ilusão do humanismo do Estado. Cometeu-se a insânia de conferir ao Minotauro político a dignidade de anjo da guarda, a responsabilidade pela sorte das vítimas dos acidentes naturais ou sociais.<sup>182</sup>

Com o tempo, essa ilusão degenerou em inércia, indiferença mesmo ante um conflito entre indivíduos, ante um desastre ou uma calamidade.

[182] No estádio em que o presente regime político e econômico houver desaparecido, o delinquente será *rara avis* [sic]: primeiro por ausência de causas, por só dispor das próprias forças, e não gozar da impunidade; segundo, por educação. (N. A.)

Em lugar das labaredas do inferno ou do gelo das galés, como agentes moderadores, como elementos de previsão, aptos para despertar no homem o sentimento social, para levá-lo ao respeito dos compromissos, à prática normal dos costumes, dos hábitos sociais, propomos a normalização, a moralização da vida social, a partir da harmonia entre o capital e o trabalho, encerrada neste princípio: sendo o capital produto do esforço humano, instrumento direto ou indireto da produção, tem que ser utilizado pelos produtores.

A organização de vida social subentende a organização da vida individual<sup>183</sup>, e da familiar, a reabilitação pelo trabalho honesto, a satisfação das necessidades, sem chegarmos à plenitude à vida paradisíaca dos nossos burgueses e aristocratas.

O germinar das sementes racionais latentes no espírito do homem natural exige um concurso de condições peculiares: exige que “meio”, por deficiente, não o atrofie e exige também que, por exuberante, não o perverta. (OLIVEIRA MARTINS).

A ordem social deriva da livre aproximação dos indivíduos, da comunhão espontânea.

Como complemento, a ordem requer a orientação elevada dos espíritos, dos temperamentos, das paixões.

A promoção do equilíbrio social e moral não é atribuição dos bonzos<sup>184</sup> ou dos janizaros; ela compete aos homens sensatos, aos médicos, aos sábios, aos filósofos, poetas ou artistas...

Um rudimento de ciência, um pensamento justo, um enunciado moral, uma pincelada de mestre, uma ode sentimental, uma vibração da lira, valem bem mais, para o domínio da ordem, do que os sermões da morte, o repique dos sinos, as notas do clarim, as cargas da gendarmaria.

[183] Sem o gozo da riqueza, são difíceis a dignidade individual e os pendores sociais. (N. A.)

[184] A fisiologia social mostra-nos que cada indivíduo procura no organismo coletivo o seu lugar correspondente, atendendo às suas funções, às suas capacidades, às suas necessidades. Infringindo essa lei natural, os técnicos do nosso edifício político e econômico, ao qual servem de alicerce o pragmatismo, o utilitarismo e o industrialismo, dispõem as colunas sociais em sentido vertical, em camadas superpostas (curiosa geometria), em lugar de dispô-las em sentido horizontal, para que cada uma descansa sobre si mesma. Sem observância dos princípios antropológicos, apanham os indivíduos... a esmo, associam-nos, como os gendarmes associam, ou, antes, acantonam multidões, em dias de comício. (N. A.)

\*\*

De todas as instituições sociais, é a família a que com mais urgência reclama os socorros da ideologia libertária, por ser onde mais se faz sentir o peso da autoridade.

O patriarcado é o modelo do absolutismo, da hierarquia. É o compêndio da dominação histórica do homem sobre o homem. O pai é proprietário, rei, pontífice...

O direito patriarcal conspira contra a justiça, contra a ciência e a razão.

Na família natural, como na espécie, não há melhores ou piores, não se conhecem naturezas distintas.

A sã moral adverte que o homem deve tratar a mulher e, bem assim, os filhos<sup>185</sup> como irmãos em humanidade; que as noções de respeito, de justiça e de fraternidade devem ser ensinadas pelo exemplo e num meio social regenerador.

A política burguesa e capitalista sacudiu, de certo modo, o absolutismo patriarcal, pronunciou também na família o princípio constitucional, democrático, a lei de concorrência, estatuiu o governo da finança.

Obvia dizer que, da reforma, resultou uma joia de arte.

“Em virtude da lei”, entanto os progenitores têm energias para sustentar a prole, exercem sobre ela uma autoridade brutal, sujeitam-na a uma servidão indecorosa.

Revelados, porém, os primeiros sintomas da decadência; transferida, pela força das circunstâncias, a um dos filhos a dependência econômica, este inverte *ipso facto* os princípios, proclama a sua ditadura.

A tais extremos, conduzem os sistemas capitalistas e autoritários que, em vez da bendita paz, da fraternidade e do amor, reinam no lar a inveja, o ódio, o pugilato, permanentes.

\*\*

---

[185] **Nota do Org.:** Na edição original, a página 215 compreende a frase destacada em caixa alta “A Sã MORAL ADVERTE QUE O HOMEM DEVE TRATAR À MULHER E, BEM ASSIM, OS FILHOS COMO IRMÃOS EM HUMANIDADE;” com os sete parágrafos seguintes. Pois bem, nesta página, não há nenhuma nota indicando o texto que encontramos no pé da página. Pelo conteúdo da nota, acredito ser mais adequada a este momento do texto. Vejamos, a seguir, o conteúdo da nota de pé de página: As crianças, de três a sete anos, não tardam em fazer juízos, e o pai e a mãe são os primeiros a serem julgados (Mme. Campau).

Quem institui o matrimônio pela forma empírica da convenção civil ou religiosa não tem notícia da complexidade e delicadeza do assunto.

O matrimônio é uma integração física e psicológica. O matrimônio é uma harmonia, é uma síntese.

A essência do matrimônio é o amor. Sem amor, não há família. Sem amor, não há moral. Sem amor, não há poesia. Só há promiscuidade. Para atingir o ideal... só vivendo o amor indissolúvel, eterno.

Estudada a questão sob o prisma natural e racional, facilmente nos cercioramos [*sic*] de que, no estado de indigência social contemporâneo, o amor não tem quartel.

O ser deformado, depauperado pela miséria, acometido do delírio da fome, suspenso pela inquietante perspectiva da hora seguinte, não reúne qualidades, não tem alma para cultivar o amor.

A depravação física e moral corrói todas as classes sociais, seca os corações, alimenta o espírito da dúvida. Os noivos (?) não se aproximam sem receio, sem escrúpulos.

Finalmente, tratando-se de proletários, não os espera um porvir risonho. Não poderão constituir um ninho confortável, nem, quando em estado conjugal, manter-se à distância respeitável, fugir à amálgama sufocante. Não lhes será dado ocultar defeitos ou particularidades; não poderão gozar de higiene, de estética, absolutamente necessárias a uma vida eternamente bela, eternamente jovem.

Paralelamente à miséria econômica, vem a miséria jurídica perturbar o amor, escravizando a mulher e humilhando dos nubentes o mais desafortunado:

O corolário destas corrupções é o cerimonial civil ou religioso.<sup>186</sup>

Admitir a ingerência de terceiros: padres, juízes, testemunhas, nas relações mais íntimas dos nubentes, é fazer devassa, é tirar ao amor todos os seus segredos, todas as suas virtudes, todos os seus encantos; é reduzi-lo a um contrato utilitário, leonino, sexual, erótico.

---

[186] **Nota do Org.:** Na edição original, a página 216 compreende o parágrafo: “A essência do matrimônio é o amor. (...)”, com os seis parágrafos seguintes. Pois bem, nesta página, não há indicação para o texto no pé da referida página. Pelo conteúdo da nota, acredito ser ela mais adequada ao último parágrafo. Vejamos, a seguir, o conteúdo da nota de pé de página: Tem muita audácia de falar em matrimônio monogâmico (isso está bem para a grei libertária), glorificar a família, os que contribuem para a miséria, para o celibato clerical, e para a guerra, que provoca desequilíbrio assombroso na humanidade, aniquilando, de preferência, o elemento masculino... (N. A.).

De forma alguma, as cerimônias civis ou religiosas servem de laço conjugal,<sup>187</sup> pois não impedem o divórcio dos que estão naturalmente divorciados por diferenças de ordem física, social ou moral.



A desordem, o desequilíbrio social que os sistemas teológicos e metafísicos criaram sobre o nosso planeta, estão sendo reduzidos pelo anarquismo, precursor da igualdade e da liberdade, elementos da ordem e da concórdia universais.

Para dar uma ideia de como esta realização satisfaz a natureza humana, basta dizer que, na Grécia e na Índia, durante os melhores lustros (poucos anos antes do advento cristão), o homem e a mulher eram iguais perante a sociedade.<sup>188</sup>

Nessa idade de ouro, o homem não havia sido amaldiçoado, não conhecia o dogma do pecado original. Não se extinguia a virgindade, com o amor conjugal, porque, como diz o poeta – “a mulher só é completa quando mãe”. O povo não era vítima da angústia religiosa. Felizmente, os bonzos pregavam no deserto.

A beleza espiritual era diadema da beleza plástica. A poesia fluía das almas em “ondas infinitas de ternura”. O espírito elevava-se ao firmamento, gozando “a paz que vem das estrelas”.

.....  
XXVIII  
*Cultura*  
.....

**As três potências da Igreja – A fé contra a ciência – Relatividade da Igreja – Fornecimento do fruto proibido pelos vigários de Cristo – Sistema de educação segundo o positivismo – Incongruências e imoralidades do ensino superior – Corrupção da cultura – Princípios de educação – Harmonia entre o trabalho intelectual e o manual – Divisão da educação – Que deve ser a escola? – Da seara das artes – A obra dos artistas – Definições de arte – Reconciliação da arte com o progresso**

*A prosperidade de um povo depende muito mais do seu sistema de educação do que das suas instituições e do seu governo.*

*G. Le Bon*

**A** IGREJA, EMANAÇÃO DO SER SUPREMO (ASSIM O AFIRMAM, COM ÊN- fase, os cavaleiros do templo), atesoura [*sic*], por maioria de votos, as três potências:

Solução;  
Perfeição;  
Infalibilidade.

A Igreja nada tem a aprender, corrigir ou progredir.  
A sabedoria divina não é assunto de ciência, é objeto de fé.

Bem por isso, os santos padres queimaram o alfabeto, excomungaram o laicismo.

Na época de maior glória da Igreja, o medievo, as ciências, as artes, a literatura, a poesia restringiram-se a poucos talentos: os que a tiara precisou para o seu reinado, a sua pompa. Os restantes, que se contam por milhões, tiveram triste sorte.

A Renascença? Oh! Sim. A Renascença foi uma reação salutar.

[187] O homem aceita a monogamia legal, mas põe em prática a poligamia extralegal, mediante o concubinato e a prostituição (G. SERGI). (N. A.)

[188] A Grécia e a Índia eram jardins onde rareavam os cardos. (N. A.)

As mulheres e os proletários, diz Augusto Comte, não devem converter-se em doutores e nem eles o querem.

A Renascença foi uma das épocas mais brilhantes do pensamento científico, filosófico e artístico, e uma das páginas mais negras da história do cristianismo.

Por mais que se parapete [*sic*] na sua torre de marfim e presuma de imutável, invulnerável, eterna, a Igreja é um caleidoscópio.

A Igreja é uma sombra fugaz nos anais da existência.

Quebrada a espinha dorsal do Minotauro sobre a alavanca do progresso, baqueou a imposição da fé.

Sentindo-se perdida, não podendo jugular o laicismo ressurgente, a cúria vaticanista deitou-lhe a luva, fez quanto esteve ao seu alcance para encampá-lo.

Havia, com o tempo, se convencido de que as letras são veículos da ciência e... também, da religião, do dogma. Tudo se reduz a uma questão de princípios.

Por artes de Satã, o alfabeto passou a ser instrumento de compressão e dominação, de indústria e comércio, nas mãos da seita católica. As suas congêneres trilham na mesma via.

Todos afetam amor pela instrução profana, todas ofendem o respectivo Deus, todas convidam o homem ao pecado original, a provar do fruto proibido... em doses homeopáticas. “Pouco veneno não mata”.

Depois... Deus perdoa.

Que seria de um Deus sem pecadores?

\*  
\*\*

Senhora da situação, com a memorável queda da Bastilha, a burguesia normalizou a instrução eminentemente laica, que se acha condensada na filosofia de A. Comte: o Positivismo.

A filosofia positiva assevera que a instrução deve ser geral, universitária, científica e filosófica, pois que uma instrução semiteológica ou semimetafísica só pode formar espíritos negativos.<sup>189</sup>

Até aqui, vai às mil maravilhas. Mas acrescenta que a educação universitária deve ser regalia dos homens dirigentes; que, ao proletariado, basta uma educação elementar e profissional.

[189] O mais chocante é que o Positivismo não despreza a Teologia e a Metafísica, no respectivo plano de educação. (N.A.)

As escolas superiores, que deveriam ser o crisol onde se temperassem os homens de caráter, que, na opinião de Emerson, exprimem a consciência da sociedade a que pertencem, são centros de fatuidade, de esnobismo, de comércio; são tabernáculos de corrupção que exigem o sacrifício da honra.<sup>190</sup>

A pedagogia – que é a “antropologia aplicada” – resume-se, nas nossas academias, numa série de mentiras, de noções exóticas e incongruentes, úteis para provocar a congestão do intelecto.

Entra na ação dissolvente do bom senso, em primeiro lugar, a doutrina cristã, causando sobressalto à multidão escolar. A esta, soma-se a geografia nacional, política, militar e comercial, vazando preconceitos nativistas, entusiasmos pelas armas, ambições econômicas e imperialistas. Vem, a seguir, a história pátria, ornada de narrativas épicas, de ilustrações em que se exibem estandartes, escudos, troféus, monumentos, e se ostentam fetiches, ou simbolizam potestades que são objeto de veneração e culto.<sup>191</sup>

Na escola, ministra-se o ensino da História Universal, tendenciosa, segundo o voto dos autores, crivada de enxertos sofismáticos [*sic*] que põem fora dos eixos as inteligências mais vigorosas.<sup>192</sup>

E, para completar o tirocínio da perturbação cerebral e desnaturar o sentimento juvenil, impõe-se o postulado do civismo, chave de ouro do fanatismo e da loucura pela nação,<sup>193</sup> pela lei,<sup>194</sup> pelo Estado.

[190] “Uma escola de aldeia é um modelo de saúde moral, ao lado de um colégio aristocrático; uma humilde escola de meninos pobres, é um exemplo de moralidade, ao lado da pensão distinta.” [*sic*] (N. A.)

[191] O sentimento patriótico, sacrificado ao domínio e exploração capitalista, vem de ser deturpado pelo nacionalismo, e a educação cívica fortemente chauvinista. (N. A.)

[192] As crianças e os jovens filhos do povo, educados no civismo oficial, agressivo, ou no esnobismo rompante, votam ao desprezo os próprios progenitores, humilhando-os, se estes são estrangeiros, indigentes ou iletrados. (N. A.)

[193] “Num curioso livro aparecido no ano passado sobre a Grécia antiga, um tudesco original e de espírito livre, estudando os precursores helênicos, do atual pacifismo do qual foi Péricles o maior, discorria que todos os historiadores antigos haviam falseado as narrativas dos acontecimentos, velando, suprimindo e eclipsando os fatos contrários aos seus interesses de classe ou de partido”. Todos os meios, os menos escrupulosos, os mais brutais (o pugilato, por exemplo), servem, no mundo burguês, para exaltar o espírito chauvinista. (N. A.)

[194] O prestígio das leis não provém, com efeito, da origem misteriosa que se lhes dão? (JEAN CRUET).



O civismo, definição antirreligiosa e antimilitarista, significação da liberdade e da fraternidade humanas, vemo-lo deturpado, achincalhado, representando, a tonsura e a dragona, a mão de ferro do poder constituído, o ódio de raça e de nacionalidade, a submissão absoluta e indigna a todos os poderosos.

E os conservadores, anjos da paz (?), que se horrorizam frente ao herói revoltado que empunha a *browning* e passa, impávido, por entre fileiras de soldados, para libertar o povo de um tirano, como não se horrorizam frente ao manejo do mauser e da metralhadora pela infância escolar?

\*\*

Do mesmo teor, é a psicologia e a lógica dos nossos mestres didáticos que dispõem o ensino das multidões.

Eles, que tão versados estão nos sistemas hierárquicos, pouca ilustração mostram sobre a hierarquia dos conhecimentos humanos que a evolução criou em matéria pedagógica.

Afeiçoados à função disciplinada e disciplinar de agentes da classe retrógrada, envelhecidos na guerra às originalidades, ao progresso dos métodos de cultura, iniciam pela cúpula, tal qual os seus antecessores mais remotos, o edifício da educação escolar.

As lições com que as estirpes geniais, desde o helenismo à renascença e desde o surto da enciclopédia ao positivismo comteano, concorreram para o progresso intelectual deveriam ter-lhes despertado a curiosidade. Estas últimas, com especialidade, por nos elucidarem acerca da hierarquia das ciências e por serem de extraordinário valor pedagógico, mereciam e merecem particular interesse.

Augusto Comte, que colocou a sociologia (a qual, segundo o mestre, abrange a política, a religião e a moral) no mais alto plano científico, ministrava o ensino da doutrina positivista em seguida a uma longa e meticulosa preparação literária e científica do educando, para que este pudesse perceber com suficiência o alcance filosófico e metafísico dos postulados e dos dogmas imanentes.

E, no lapso que vai do comtismo à ciência hodierna, muito se tem andado.

Mas não importa, os nossos diretores de ensino mantêm-se firmes, como gendarmes em guarda, nas linhas intangíveis da pedagogia escolástica.

Por decreto das eminências que detentam o direito, praticam-se horrores com a população escolar.

Em geral, as crianças, que têm a faculdade em projeto, e estão sobrecarregados de princípios mórbidos hereditários, ou se acham em estado de consumpção, agravada pela indigência econômica e intelectual do povo, veem-se, ainda, feridas em sua alma pelos preconceitos místicos e superstições grosseiras, que recebem, como avoengo, da Igreja, da família e do ambiente. Neste estado de insipiência, muito antes de gozarem de lucidez para a percepção das noções práticas, materiais, são, de chofre, guindadas ao vácuo das abstrações, torturadas com pesados tirocínios que informam a metafísica tradicional.

Quando as infelizes criaturas não estão aptas para a análise, impõe-se-lhes a síntese. Antes de ensinarem o alfabeto, de transmitirem aos educandos os primeiros rudimentos de história natural, os catedráticos inculcam-lhes elementos de política e sociologia, de teologia da Igreja e teologia do Estado, impressas, a primeira no catecismo, nos textos da instrução pública, a segunda nas obras de educação cívica (?) e em todos os livros sancionados pelos ministérios de ensino.

Não querem ter presente que Deus, pátria, lei, autoridade e as imagens que as simbolizam (ficções inúteis, princípios metafísicos), são para as crianças, para os analfabetos e para muitos letrados, coisas ininteligíveis, problemas cabalísticos.

Em moral, os continuadores da pedagogia escolástica medieval, concorrentes à perversão dos humanos instintos de sociabilidade e de justiça; eles, que jamais se lembraram de ensinar, pelo exemplo, as boas normas de conduta, traçam para todo o mundo regras e mais regras, a ponto de embaraçarem os movimentos de quantos as tomam ao pé da letra.

Veja-se, por este teor, a que estado de aberração, de cansaço, de anestesia intelectual e espiritual, as crianças, os jovens, a população em geral, são levados pelas superfetações teológicas e metafísicas, princípios cardeais do tecnicismo pedagógico regente, honra e glória dos nossos chefes intelectuais e espirituais.

O ensino, sob os auspícios da Igreja ou do Estado, não tem competidor na devastação da natureza humana. O livro e o mestre (sacerdote ou leigo) fazem mais estragos do que o cabo de guerra, o canhão e os gases asfixiantes.

Não se pode imaginar maior violência, executada com estudados métodos e maneiras de mansidão e piedade.

\*\*

O preconceito da raça e de nacionalidade teve a sua nascente nos caracteres étnicos, específicos, nos sentimentos religiosos, nos mesquinhos interesses econômicos ou políticos e na ausência de cultura.

As escassas noções geográficas, o erro antropocêntrico e o geocêntrico, atinentes à mentalidade obtusa dos ancestrais, criaram as concepções teológicas e deram margem às superstições nativistas.

A ordem antinatural e imperfeita atual só se explica precisamente pelo caráter quer teológico quer metafísico do ensino filosófico dominante. (GREEFF).

A estreita e falsa noção de pátria é, como se vê, a antítese das vastas concepções universais, que idealizam a pátria grande, a pátria que se estende ao infinito dos espaços estelares, aos confins atingidos pelo pensamento, que abrangem num só golpe de vista os encantos da terra natal e as belezas do Cosmos.

O nacionalismo, mal que pese às sumidades da academia chauvinista, destrói o amor da humanidade. Ele é hostil à ciência e à civilização. A metafísica nacionalista é esteio das instituições burguesas e autoritárias, do militarismo, do atrito entre as nações<sup>195</sup> e da guerra de classes.

---

[195] Que podem os anarquistas oferecer, como sucedâneo do gládio, para manter, nos povos e nos indivíduos, a energia potencial, a chama do entusiasmo, os princípios do heroísmo? indagam os nossos contraditores. Os anarquistas, respondemos, nada podem e nada têm a oferecer. Apenas, para este objetivo, anteveem a revolução social. Mil trincheiras não valem por uma barricada. Na trincheira, o homem é autômato, na barricada, insurgente. O canhão nada representa ao lado do camartelo. O primeiro destrói a humanidade, o segundo pulveriza o despotismo. E, acima de tudo, para o fim indicado, os anarquistas apontam a epopeia do trabalho, as gloriosas conquistas dos gênios, na ciência e na Natureza, a universal batalha às vicissitudes humanas, onde os seus arautos sabem haver-se com inexcedível valor, abnegação e espírito de sacrifício. As lutas fratricidas são sufocantes. O dinamismo social firma-se na liberdade e na paz. É na serenidade que o trabalho fecundo, as ciências, as artes e a moral se revelam e se aperfeiçoam. (N. A.)

\*\*

Obsessionada [sic] com os privilégios de classe, a burguesia privou a humanidade do ensino superior, da instrução enciclopédica.

Isto quanto à teoria. Quanto à prática, a burguesia pôs em claro a sua incompetência ao dar aos proletários a educação mesquinha e rudimentar que lhes havia prometido, como também ao proporcionar-se a educação superior que até hoje detenta.

Ao lado da plebe analfabeta, a horda argentária, enfatuada, mastiga pessimamente as poucas letras que, nas escolas primárias ou secundárias, lhe são ensinadas sem critério pedagógico, sem método, sem finalidade cultural. Como no campo obreiro, a instrução não passa da especialização profissional, peculiar a cada ramo de exploração, de coação, de guerra social ou internacional.

A instrução da burguesia tem um fim puramente utilitário: uma carreira comercial militar, clerical ou policial, conforme as necessidades da máquina religiosa, econômica ou política.<sup>196</sup>

O burguês é um pária do próprio regime. As nossas escolas e as nossas academias, em lugar de ilustrarem a juventude em geral, nos conhecimentos científicos, nas verdades históricas, nas excelsitudes da estética, orientando o pensamento para as superiores concepções da vida e da moral, educam-na exclusivamente para a vida prática (?), para o exercício das profissões parasitárias e criminosas.<sup>197</sup>

O sistema oficial de educação leva a perturbação aos espíritos e à vida social. Ali tudo está regulamentado, prescrito, acabado. Qualquer princípio considerado fora da lei é meticulosamente expurgado da pedagogia oficial. As ciências modernas, as ciências jurídicas e sociais, de mais urgente conhecimento, é preciso buscá-las fora das universidades.

---

[196] Na república socialista alemã e no Estado bolchevista russo, as escolas foram transformadas, respectivamente, em templos da seita de Hebert e do Santo Sínodo de Lênin, e em fábricas de soldados, de esbirros e funcionários do Estado. (N. A.)

[197] Foi entre os intelectuais alemães que encontrei as ideias mais violentas a propósito da guerra; os políticos e financeiros pareceram-me muito mais moderados nas suas apreciações. Os professores das universidades dão provas muitas vezes duma obstinação importuna e duma falta de compreensão total dos conhecimentos atuais. Certos cérebros parecem mesmo seriamente atacados deste mal. A mentalidade do professor alemão não é nada complicada: pode, às vezes, dar prova de malícia e de astúcia, todavia, é falha, porém, de psicologia. (Ibañez Ibero)

\*\*

Notáveis historiadores, pedagogos, juristas, naturalistas, etc., acusam ou afetam profunda ignorância dos fenômenos sociais, dos postulados libertários.

Numerosos escritores abarrotam bibliotecas com produções pitorescas, sem vislumbre das modernas correntes filosóficas, ou temperadas ao paladar da turba – enfronhada na moral burguesa. Fazem das letras indústria e vivem, por isso, a difundir a ignorância, a corrupção intelectual. O seu êxito está previamente garantido pela posição social ou pelo nepotismo.

\*\*

A burguesia esforça-se para imprimir no homem civilizado ou selvagem os caracteres precisos de adaptação ao meio ambiente escravista.

Com o auxílio do Cristianismo e do positivismo, difundiu nas classes elevadas o preconceito de categoria e, na plebe, injetou a moral (?) do altruísmo absoluto, do servilismo deprimente e suicida.

O cristianismo, o positivismo, a religião em geral, são fontes de superstições que arrastam a consciência ao altar da autoridade.

Tudo quanto à primeira vista representa uma entidade superior, religiosa, política ou social, tem para o crente algo de misterioso, infalível, divino. Basta que o indivíduo exiba o fraque, o uniforme militar, a toga ou os hábitos talares, para que os místicos tremam à sua presença e se inclinam humildemente, com certo receio que não sabem explicar.

Na Igreja, na caserna ou na oficina, o homem que sobe de posto é acatado, reverenciado pelos seus ex-companheiros de classe, como um ente distinto, superior.<sup>198</sup>

Por esta razão, os demagogos do clero, da plutocracia e das democracias, da direita ou da esquerda, gozam a vantagem da respectiva investidura sacerdotal, política, titular, etc.

---

[198] Este fenômeno de superstição vem de longe. “Entre os monos, diz Brehm, o chefe não é só obedecido, mas bajulado pelo seu poder. Não é com pouca frequência que as fêmeas fazem o possível para lhe procurar tudo quanto lhe possa agradar.” (N. A.)

As suas orações, são ouvidas religiosamente, como verdades absolutas e têm sobre as multidões irresistível poder de sugestão.

A educação religiosa ou política imposta pela Igreja e pelo Estado adiciona-se à dos partidos conservadores. E, quando os partidos políticos sedicentes liberais, ou chamados socialistas e proletários, teriam a provocar a insubmissão das multidões, prosseguem na sua educação política disciplinar (a disciplina de caserna), incutem-lhes com maior tenacidade o espírito de obediência às leis, aos decretos, às “palavras de ordem”, das chefaturas, a subserviência e o culto aos respectivos pastores.<sup>199</sup>

Desta sorte, o homem do povo vive de joelhos, diante do sacerdote, do monarca, do magistrado e, finalmente, do caudilho político.

A educação política ministrada pelos pontífices coroa ou barrete frígio tem o escopo de alinhar os cidadãos, os proletários, como soldados de chumbo e fazê-los seguir a passo marcial, a caminho da região sublime, da grandeza e da felicidade.

Mas quer o homem se prostre aos pés do *condotiere* eclesiástico, militar ou civil, a equação é a mesma.<sup>200</sup>

A educação política, disciplinar, produz um fenômeno patológico de superstição religiosa, através da qual se vê nos messias as únicas Providências. As multidões assim educadas não são agentes, são pacientes. Não são conjuntos de unidades, são instrumentos; movem-se unicamente ao aceno dos mandarins.<sup>201</sup>

\*\*

Enquanto as instituições políticas, religiosas, comerciais, etc., progridem assombrosamente e encampam as energias sociais, languidecem

---

[199] Em filosofia, os senhores democratas vermelhos tomam para a sua “indústria” o pensamento de Zaratustra, a filosofia do super-homem, a teoria de dominação, e ensinam às massas o pensamento marxista da submissão à lei, à autoridade, a filosofia do infer-homem. (N. A.)

[200] A falta de noção de responsabilidade e amoralismo, que se notam nos meios avançados, são devidos à educação burguesa, a uma falsa interpretação dos princípios libertários. Pretender remediar esse mal com o chicote da disciplina é uma loucura pouco vulgar. (N. A.)

[201] Nos povos estatistas, como o alemão, a espontaneidade foi “suprida” pela férrea disciplina e, nos povos individualistas, como o *yankee* [sic], foi “suprida pelo mecanismo dos partidos” e das seitas, pela absorção por parte do Estado, de muitas atividades sociais. (N. A.)

[sic] as ciências e as artes. O progresso dessas instituições, verifica-se à custa do aniquilamento da cultura.

Hoje, como durante a Revolução Francesa, podemos dizer:

Quem ataca a ordem está no poder e quem a defende encontra-se na massa anônima da Nação.

\*  
\*\*

A educação universitária de uma classe, parte de um princípio anacrônico, anti-humano, anticientífico. A educação deve ser universitária e universal.

O progresso da cultura não pode estar a cargo de uma pequena minoria de eleitos, que nem sempre têm o privilégio da superioridade cerebral. Este progresso deve ser o resultado da atividade de todas as inteligências.

Quando todos tiverem a possibilidade de exercitar as suas capacidades nos vários ramos da cultura, o progresso terá centuplicado seus valores.

Para que o gênio fulgure em todo o apogeu, é preciso que cada organismo funcione harmonicamente, pela combinação da cultura intelectual e da cultura física.<sup>202</sup> É preciso, também, que haja correlação entre as funções de cada órgão e os fins específicos a cumprir. Fazer derivar do trabalho alheio, ou das atividades intelectuais ou artísticas, a satisfação das necessidades nutritivas é uma grosseira aberração de espíritos indigentes.

---

[202] **Nota do Org.:** Na edição original, a página 232 compreende parte do parágrafo (exposto aqui em caixa alta): “Para que o gênio fulgure em todo o apogeu, é preciso que cada organismo funcione harmonicamente, PELA COMBINAÇÃO DA CULTURA INTELECTUAL E DA CULTURA FÍSICA. (...)” com os cinco parágrafos seguintes. Aqui o acontecido foi um pouco o contrário de vezes passadas. Nesta página, há duas notas: a primeira na palavra “FÍSICA” na frase acima destacada, e na oração “... FACULTARÁ A TODOS A RIQUEZA E O TEMPO NECESSÁRIO À VIDA ESPIRITUAL”. No pé da página, encontramos dois parágrafos sem a respectiva numeração das notas. Como o primeiro parágrafo coloca ao fim o nome do filósofo Condorcet entre parênteses, parece-me ser um indicativo da primeira nota da página, enquanto o parágrafo seguinte é, tudo leva a crer, da nota seguinte. Por outro lado, o conteúdo das duas notas, como de toda a página, é o mesmo. Isto, de certo modo, dificulta estabelecer a referência exata. Coloquei o segundo texto na nota na frase “facultará a todos a riqueza e o tempo necessário à vida espiritual.” Vejamos a primeira nota: A incerteza, a dificuldade da alimentação, às alternativas das fadigas externas e ódios absolutos, impedem o homem de gozar dessa placidez em que a inteligência se enriquece meditando. (Condorcet).

O trabalho muscular está depreciado, considerado indigno das classes ilustradas, do mesmo modo que, em outros tempos, a cultura era indigna da fidalguia.

Mas não é a sementeira de trigo quem produz a sementeira de ideias? Não é lógico e justo reivindicar para o trabalho o seu posto de honra como lastro do progresso e da civilização? Não foi na época do ensino integral que mais brilhou o helenismo?

Objetam os intelectuais burgueses que, para o trabalho e para o necessário repouso, é preciso um tempo de que raramente se dispõe. Mas deveriam saber que o trabalho físico determina o repouso intelectual.

É também preciso – dizem – tempo para o ócio, fator das grandes criações.

Precisamente, para resolver este problema, encerrado na órbita da economia social, é que se trabalha sem descanso. A sua solução verifica-se pela organização do trabalho universal que, multiplicando a produção e reduzindo ao mínimo a jornada de trabalho, facultará a todos a riqueza e<sup>203</sup> o tempo necessário à vida espiritual.

\*  
\*\*

O problema social e espiritual é um problema de educação.

E a educação divide-se em: metafísica ou autoritária; científica ou anárquica.<sup>204</sup>

A primeira é absoluta e dogmática, a segunda é relativa e progressiva; a primeira exige a crença, a segunda induz à análise; a primeira inculca, a segunda expõe; a primeira cria o homem à imagem e semelhança da lei, a segunda depura o homem de todos os vícios do meio, põe em atividade as suas energias, prepara-o para o tirocínio da autoeducação,<sup>205</sup> propicia a liberdade e igualdade intelectuais pela ascensão cultural das multidões.

---

[203] **Nota do Org.:** texto indicado na nota de pé de página anterior. “Os povos grosseiros dos tempos remotos haviam obtido, mediante o seu sistema de educação física, o vigor e o valor, o desprezo da dor e até da morte.”

[204] Emancipar os homens pelo ensino científico implica a supressão do sobrenatural, causa primária dos seus erros, das suas lutas e das suas misérias. (Bobadilla).

[205] **Nota do Org.:** Aqui, no texto original, há uma nota, de mesmo número da anterior, remetendo a um só texto presente no fim da página. Ver a nota anterior.

\*\*

Continuam os debates para se determinar se a escola deve ser laica, neutra, racional ou científica, etc.

Em virtude da ordem social e moral, a escola não pode ser laica. O laicismo é uma doutrina metafísico-burguesa, que não nega em absoluto a teologia. O laicismo é uma miscelânea de noções pseudocientíficas, de preconceitos políticos e sociais. O laicismo é conservador, está compendiado no civismo oficial, na educação oficial.

Em virtude da ordem social e moral, a escola não pode ser neutra. O neutralismo é abstrato. É uma escola anódina, amorfa; uma escola que não nega, nem afirma, uma escola sem oriente. Não é treva nem luz: é crepúsculo. É uma escola que produz o gênero neutro, obtuso, perturbador.

Não se navega entre duas águas. A escola, se não é adversária, é solidária. Quando a sumidade eclesiástica resolve que 1 é igual a 3, que a alma e o espírito são idênticos; quando santifica a pobreza espiritual; quando a autoridade religiosa ou política opõe o arbítrio à liberdade; quando glorifica a lei em detrimento dos direitos do homem; quando sustenta a exploração, a indigência e prega a guerra, pode a escola anuir, recolhendo-se tranquilamente ao silêncio?

Em virtude da ordem social e moral, a escola não pode ser puramente racional. O racionalismo puro é metafísico; é, além disso, uma ramificação do laicismo e do neutralismo.

Dado o alto conceito filosófico da educação, que elimina (por dissolventes) os dogmas religiosos e os postulados autoritários, a escola tem que ser racional e científica, revolucionária e anárquica.<sup>206</sup>

Não dizemos que deva ser uma cátedra de determinada doutrina.

A escola não deve ter por fim à imposição de um sistema teológico, metafísico ou filosófico. Para cumprir fielmente a sua missão, deve despertar e desenvolver em cada homem as faculdades intelectuais e espirituais de modo que este possa criar uma filosofia própria.

\*\*

---

[206] Os termos “racional”, “científica”, são precários elementos de definição. As academias encarregaram-se de os desvirtuar, mistificando-os. (N. A.)

Nos domínios da escala enciclopédica, a grei dos artistas não tarda em vislumbrar as novas filosofias. Possuindo, como de fato possui, em alto grau os princípios sensoriais, a disposição do espírito para as grandes concepções, galga obstáculos, transpõe os limites da rotina e das convenções sociais. É uma grei promissora, capaz de romper com os princípios que simbolizam o esplendor dos tronos pontifícios, dos impérios, das oligarquias plutocráticas; é capaz de vir à arena revolucionária arrebatar as multidões, atirá-las de chofre, para a vitória... ou a morte.

A grei dos artistas, aos postos de vanguarda é a primeira a chegar.

O presente momento de transição, de inovação idealista, é dos que oferecem aos filósofos, aos artistas, o ensejo para a realização das utopias e dos sonhos: utopias de justiça, sonhos de liberdade.

O grêmio das artes tem a lavrar junto ao povo uma educação revolucionária e finalista.

Por amor, a eugenia do corpo e do espírito, é necessário que a arte deixe de ser relicária [sic] e caricata, que os artistas deixem de produzir “bijouterie elegante” [sic], para satisfazer a voluptuosidade senil dos burgueses de pura estirpe, de interessantes criaturas que não deram à humanidade um ar de sua graça, rebanho estéril, “*venuto al mondo so per far letame*” (ARIOSTO) [sic].

A arte não terá brilho enquanto for posta a preço, enquanto representar um regime onde a produção sofre as oscilações da oferta e da procura, enquanto os artistas não passarem de mascates, leiloeiros, assalariados, enquanto não souberem desfraldar a bandeira da independência, do direito à uma cultura integral, condição indispensável do tecnicismo e dos altos fins a que a arte se destina.

E a arte é o espelho da alma.

A arte não tem pátria: é universal.

A arte é a concepção do passado como relíquia, do presente como subversão, do futuro como ideal.

A arte é o sol espiritual; é a irradiação dos sentimentos sublimes, que arrebata e elevam os corações.<sup>207</sup>

---

[207] Feliz aurora em que for possível a união íntima destes princípios: arte, ciência e inocência. (N. A.)

A arte é rebelde, é anárquica:<sup>208</sup> não reverencia Prometeu ou Apolo... não rende culto às deidades. É personificação do gênio.

A arte é a lucubração de um Ibsen, a lógica de um Proudhon, a coragem de um Spártacus, o caráter de um Zola, a magnanimidade de um Tolstói, o espírito de sacrifício de um Parsons, a sensibilidade de uma Luiza Michel, o lirismo sonhador e poético de um Rapisardi.

Vida e progresso artísticos não reverdecem no campo árido da sociedade burguesa.

Neste instante da história, a reconciliação da arte com o progresso consiste em que, da obra perene dos artistas, resulte o quadro vivo da iniquidade reinante, o poema épico do pensamento moderno, a marsehesa das rebeliões augustas.

.....

XXIX

## *Ideais e realizações*

.....

**Formação da ética ocidental – Resposta à inquirição de Bourgeois – A vertigem das dinastias e das classes detentoras – Aspectos dos movimentos políticos e sociais – Iminência da realização anarquista – As democracias socialistas na estacada – “Flor de um dia” – Valor da nova filosofia – Novo período heroico – E depois?**

**A**S CORRENTES DE CIVILIZAÇÃO QUE CONCORREM À FORMAÇÃO DA ética ocidental são: a oriental, a egípcia antiga, a helênica e a árabe.

A civilização egípcia, pelo fato de adquirir sobre as outras mais poder de irradiação, penetra na Europa e instala sua sede na “CIDADE ETERNA” [sic].

Por necessidades, filhas das circunstâncias, assimila<sup>209</sup> da civilização indígena alguns traços essenciais e consolida a conquista dos novos domínios.

O fato não admite contestação: seja qual for o prisma por que encarmos a civilização romana da era cristã, haveremos de descobrir, sob a polidez filosófica, científica e artística advinda da Universidade Atenienense e da Escola Alexandrina (metamorfoseada conforme a idiossincrasia nacional), aquela alma ascética, profundamente mística e despótica que florescera às margens do Nilo; havemos de esbarrar com as “sanguinárias leis de Moisés”, com o direito tipicamente absolutista.<sup>210</sup>

A civilização egípcia estende desde Roma, por todo o Ocidente e parte do Oriente, a sombra da religião, o *morbus* da autoridade.

---

[209] A evolução do politeísmo, semirrelativista e democrata, para o monoteísmo, fortaleceu a escravidão dos povos ocidentais. (N. A.)

[210] **Nota do Org.:** Aqui se repete o ocorrido e apontado na nota 207: uma nota, de mesmo número da anterior, remetendo a um só texto presente no fim da página. Ver nota anterior.

---

[208] “Existem regras para a invenção? Não existem, pois que, se existissem, chegaríamos à inovação por conclusões lógicas da mente” [sic]. (N. A.)

Em compensação, o helenismo projeta desde Atenas a luz da filosofia positiva, o gênio das artes, a força espiritual.

A seguir, a civilização árabe invade a bacia do Mediterrâneo, portando como troféu de glória um riquíssimo tesouro de ilustrações e, como título de nobreza, o exemplo vivo da liberdade, o caráter cavalheiresco, anárquico, que notabiliza uma raça nômade e culta.

Os princípios da grisalha civilização egípcia refletem o movimento reacionário. Se vingasse definitivamente, regressaríamos à escravidão faraônica, à cultura hieroglífica.

Os princípios da civilização helênica e da árabe e o progresso ético realizado nas últimas centúrias refletem a evolução para a liberdade e a fraternidade universais.

Daí o atrito.

Quem vencerá?

Podemos agora responder, de viseira erguida, à inquirição de Bourgeois – onde nos conduzem as forças que se desbridam?

—Após vinte séculos de domínio, a águia romana contempla desconsolada e impotente o sinistro do edifício egípcio-cristão, com todos os seus impérios e monarquias. Dele restam, para nosso museu, alguns esqueletos periclitantes: o da Inglaterra, o da Espanha e da Itália...

Que significa essa vertigem das dinastias e das classes reinantes?...  
[sic]

Significa a caducidade de uma civilização grosseiramente fetichista, significa uma nova renascença.

Os movimentos políticos e sociais produzem-se com velocidade excepcional, escapam ao influxo das evoluções locais por obedecerem à dinâmica social do mundo civilizado.

Por certo, aos bons observadores, não escapa que ao movimento reivindicador se incorporam e ameaçam a normalidade da evolução os partidos políticos da vanguarda, que no julgar da demagogia bolchevista, devem dirigir todos os seus esforços em sentido oposto às manifestações iconoclastas das massas.

Por este fato, há quem tema pela sorte do futuro social.

Naturalmente, a burguesia, esgotados como estão todos os seus recursos de estabilidade, refugia-se, ampara-se na extrema esquerda, nos partidos que se rotulam proletários; estende-lhes as mãos, reivindica-os,

engrossa as suas fileiras, assume-lhes a direção, fá-los passar por uma metamorfose basilar e doutrinária.

As classes conservadoras, de hoje, submetem o socialismo político a um processo de adaptação, como as de outrora submeteram o cristianismo primitivo

Ou, então, entretêm as classes trabalhadoras com as pitorescas gestões de administração estatal pelos chefes das organizações trabalhistas (Inglaterra, França, etc.), expondo-os ao ridículo, obrigando-os a governar (?) dentro do círculo de ferro das constituições monárquicas ou republicanas, sob controle da plutocracia, a imitação de qualquer ministério reacionário.

A situação não é, evidentemente, das mais lisonjeiras.

Cremos, entretanto, que alguns revolucionários se impressionam demasiado com os êxitos momentâneos e aparentes do socialismo democrata.

O papão socialista governamental, caso a burguesia continue a utilizá-lo em seus planos de ataque às multidões insubmissas, será “flor de um dia”.

\*  
\*\*

Não se explica o exagerado pessimismo de certos filósofos quanto ao progresso científico, filosófico e social, assim como não se compreende o temor de uma retrogradação.

Se a nova filosofia – o anarquismo – se manifestasse por um criticismo incerto, nebuloso; se fosse incompleta, se não passasse de puras negações, teria cabido esse pessimismo.

Como, porém, é uma filosofia clara, perfeitamente definida, com elementos científicos suficientes, como já penetrou o campo das realizações práticas, o pessimismo não há lugar.

Hoje a filosofia anarquista abre sulcos entre as classes proletárias, faz sucesso nas escolas, nas universidades, brilha na literatura, nas artes, conquista o professorado, a parte sã da mocidade acadêmica, das classes liberais, enfim, das coletividades cultas.

Todos sentem a necessidade de uma nova ordem de coisas.

A todos, causa pejo a velha estalagem das instituições burguesas.

Com a extinção do misticismo e da autoridade, extingue-se a tristeza, rejuvenesce o otimismo, brilha um novo sol de esperanças.

Estamos no primeiro quartel de um período heroico sem exemplo.

Ao rumor da procela revolucionária, precursora de um risonho porvir, toma proporções épicas a ação das legiões rebeldes, cresce o entusiasmo, a vontade de viver, a alegria de viver... ou morrer pelo Ideal.

\*  
\*\*

— E depois, extinto o velho regime e vencido o período de perturbação provocada pelos seus vestígios, estará tudo terminado?

— Não.

Como nada existe de absoluto e os seres não alcançarão a perfeição, a ANARQUIA continuará, através dos séculos, iluminando o homem em sua marcha para mais felizes destinos.

.....  
*Plano inicial da coleção*  
*Pensamento Social Anarquista—*  
*Palavras Explicativas*  
.....

**A** CONCEPÇÃO DESTA COLEÇÃO VEIO QUANDO INICIEI AS PESQUISAS em torno dos jornais, revistas e livros elaborados pelos anarquistas do início até meados do século XX no Brasil. A ideia, com esta coleção, é tornar acessíveis textos valiosos, disponíveis em arquivos, bibliotecas públicas e acervos particulares, tanto a quem estuda o pensamento social produzido no Brasil, como também a quem faz pesquisas e tem interesse no movimento operário do período. O desconhecimento atual sobre o pensamento social elaborado pelo mundo do trabalho é estarrecedor. Por isso, a ocasião oportuna em reeditar livros, cujas edições foram poucas ou, caso mais expressivo, únicas, constitui o objetivo principal desta coleção.

Além da reedição de livros, procedi à montagem, em volumes temáticos, de coletâneas com artigos retirados de jornais, revistas, folhetos e demais produções impressas do movimento dos trabalhadores no Brasil. Com a palavra “inicial”, no título acima, procuro indicar o caráter de continuada elaboração de volumes temáticos nesta coleção. À medida que retorno aos artigos transcritos, o conjunto desses textos me sugere o tema em torno do qual eles podem ser reunidos. Alguns já estão definidos, outros podem surgir porque, como ainda estou caminhando nos textos, os assuntos não estão esgotados. Por essa razão, exponho aqui uma relação provisória dos volumes. Inclusive a ordem de publicação efetiva, dos volumes indicados na listagem, pode ser alterada. Isto porque, estando em preparação muito deles, depende de quando forem finalizados.

- I—*Lições de Pedagogia*, Maria Lacerda de Moura
- II—*Da escravidão à liberdade*, Florentino de Carvalho
- III—*Civilização, tronco de escravos*, Maria Lacerda de Moura
- IV—*Educação anarquista – Conceitos*. Tomo I – Coletânea



- V–*Educação anarquista – Experimentos*. Tomo II – Coletânea  
VI–*Educação anarquista – vida e pensamento de Francisco Ferrer y Guardia*.  
Tomo III – Coletânea  
VII–*A guerra civil de São Paulo. Soluções imediatas para os grandes problemas  
sociais*, Florentino de Carvalho  
VIII–*Infância e adolescência*. Coletânea  
IX–*Mulheres*. Coletânea  
X–*Racismo e raça*. Coletânea  
XI–*Anticlericalismo e sociedade*. Coletânea  
XII–*Saúde pública*. Coletânea  
XIII–*Anarquismo e sindicalismo*. Coletânea  
XIV–*Anarquismo e socialismo*. Coletânea  
XV–*Anarquismo e anarquia*. Coletânea  
XVI–*Artes, poesia e insubmissão*. Coletânea  
XVII–*Han Ryner e o amor plural*, Maria Lacerda de Moura  
XVIII–*Clero e fascismo – horda de embrutecedores / Clero e Estado*, Maria La-  
cerda de Moura  
XIX–*“A mulher é uma degenerada”*, Maria Lacerda de Moura  
XX–*A razão contra a fé*, Benjamim Mota  
XXI–*Rebeldias*, Benjamim Mota  
XXII–*Os sicários do jornalismo*, Mota Assunção  
XXIII–*Guerra e militarismo*, Coletânea  
XXIV–*Camponeses*. Coletânea  
XXV–*Indígenas*. Coletânea  
XXVI–*Brasil visto no mundo do trabalho*. Coletânea  
XXVII–*Revoluções*. Coletânea  
XXVIII–*Relações internacionais*. Coletânea  
XXIX – *Obituários*. Coletânea

.....

Formato *16x23 cm*  
Tipologia *Alegreya*  
Nº de Pág. *224*

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCG

